



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Michele Rodrigues Bezerra

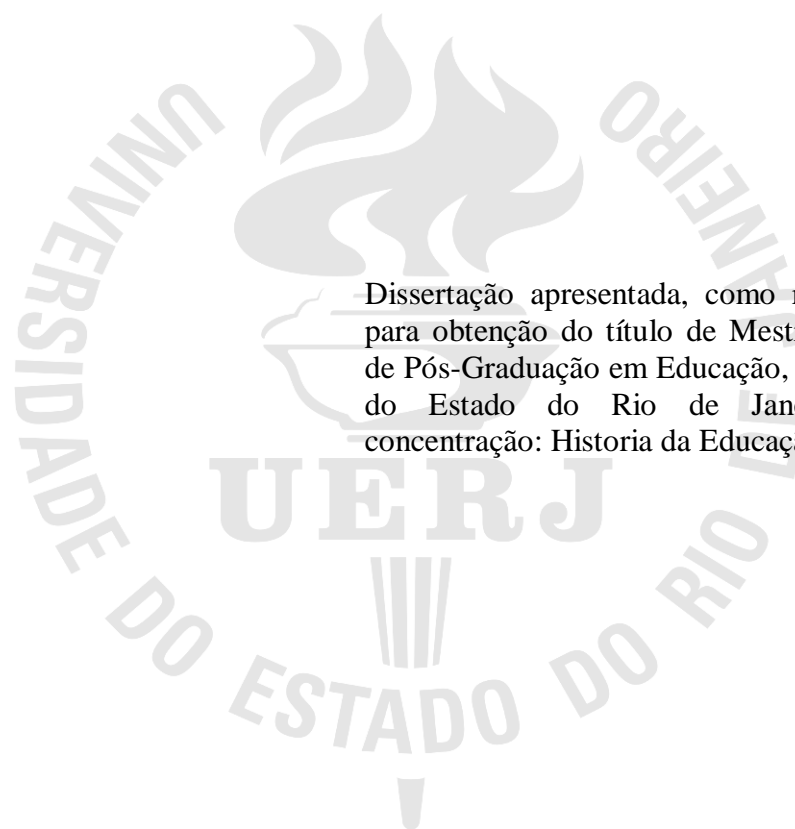
**Orientar espíritos; formar cidadãos: o saneamento da nação em Cartilhas  
de Higiene (1920/1930)**

Rio de Janeiro

2013

Michele Rodrigues Bezerra

**Orientar espíritos; formar cidadãos: o saneamento da nação em Cartilhas de Higiene  
(1920/1930)**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação Brasileira.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B574 Bezerra, Michele Rodrigues.  
Orientar espíritos; formar cidadãos: o saneamento da nação em Cartilhas de Higiene (1920/1930) / Michele Rodrigues Bezerra. – 2013.  
112 f.

Orientadora: Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Faculdade de Educação.

1. Cartilhas – Teses. 2. Família – Saúde e higiene – Teses. 3. Educação de crianças – Teses. I. Magaldi, Ana Maria Bandeira de Mello. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es CDU 37::613.955

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Michele Rodrigues Bezerra

**Orientar espíritos; formar cidadãos: o saneamento da nação em Cartilhas de Higiene  
(1920/1930)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Educação Brasileira

Aprovada em 05 de dezembro de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi (Orientadora)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marcia Cabral da Silva  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro- UERJ

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Libânia Nacif Xavier  
Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ

Rio de Janeiro

2013

## AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria que chego até este momento em que posso agradecer a todos que de alguma contribuía e estiveram presentes durante esse longo processo de trabalho. A conclusão desta dissertação é uma vitória, uma conquista, e, os resultados aqui adquiridos são frutos da contribuição de cada um, e, por isso partilho esse momento com vocês.

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força, fôlego e coragem para vencer todas as dificuldades e sempre estar de pé, vitoriosa. Ingressar no mestrado foi um sonho realizado e também uma luta diária para vencer meus próprios limites. Meu Deus, meu pai, meu amigo, que sempre me confortou e tenho a certeza que sempre me confortará. Mesmo em momentos de fraqueza a tua voz me encorajou a prosseguir.

Aos meus pais, João e Emiliana, minhas irmãs Marcelle, Karen e Ana Sheila, vocês sempre me incentivaram. Papai e mamãe poder contar com vocês todos os dias me ajudou a permanecer firme. Mãe obrigada por sempre fazer de tudo para que eu alcançasse os meus objetivos. Marcelle e Karen o incentivo de vocês sempre me ajudou a ter certeza que tudo daria certo. Ana Sheila, mesmo distantes que estamos fisicamente, sei que sempre posso contar com a sua torcida.

À professora Ana Magaldi, agradeço por ter ser uma orientadora dedicada, amiga e paciente. Sempre me ajudando, dando conselhos, comprometida para que este trabalho tivesse êxito. Por ter me recebido em seu grupo de pesquisa, mesmo sendo eu uma novata nos caminhos da pesquisa histórica Obrigada por partilhar comigo o seu tempo e sua sabedoria.

Aos membros da banca examinadora por terem aceito participar deste momento tão importante em minha vida e crucial para a finalização deste trabalho. Agradeço a professora Márcia Cabral, pelas contribuições enriquecedoras no período da qualificação e, por ter participado também em outros momentos de minha trajetória acadêmica.

À Lillian Auguste Bruns por sua generosidade e disposição em ajudar, tendo se disposto a me emprestar um livro, quando nem me conhecia fora do campo virtual, que muito contribuiu para ampliar meu entendimento sobre a obra de um dos autores aqui pesquisados

Às meninas do grupo de pesquisa, que muito me ajudaram nos frutíferos debates realizados em nossos encontros, discussões essas que muito contribuía para a organização do meu trabalho.

À Juliana Vital David pela sua ajuda quando o ingresso no mestrado ainda era um projeto. Sua generosidade muito me ajudou a chegar ate aqui.

A todos os meus amigos que nestes últimos momentos só puderam contar com a minha presença virtual. Obrigada pelos momentos de descontração, mesmo que muitos deles tenham sido via facebook.

Agradeço aos meus alunos e companheiros de trabalho da Oficina do Fazer, por fazerem parte desta nova fase da minha vida.

A todos vocês muito obrigada!!

## RESUMO

BEZERRA, Michele Rodrigues. *Orientar espíritos; formar cidadãos: o saneamento da nação em Cartilhas de Higiene (1920/1930)*. 2013 112 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

Este estudo possui o interesse em ampliar as discussões, no campo da história da educação, sobre o uso de cartilhas como dispositivos por meio dos quais se procurou pôs em circulação, no espaço escolar, os ideais higiênicos, cuja aquisição permitiria a construção de uma vida vista como saudável e feliz. As cartilhas analisadas são: *Cartilha de Higiene*, de 1922, de Antônio de Almeida Júnior, médico e educador, conhecido por ter tido envolvimento no Movimento da Escola Nova; e *Cartilha de Higiene*, de 1936, de Renato Kehl, médico e defensor da eugenia no Brasil. As obras em questão foram produzidas em um cenário em que proliferaram intervenções oriundas do campo médico, entre outros campos científicos, com vistas à conformação da sociedade brasileira em bases modernas. Pretende-se analisar esses livros, valorizando sua dimensão de objeto cultural, explorando o caráter prescritivo de que se revestem, dirigido às crianças, em vários aspectos de sua vida escolar e doméstica, e ainda as representações produzidas sobre infância, família, escola e saúde.

Palavras chaves: Cartilha de Higiene. Educação. Saúde. Higiene. Eugenia.

## ABSTRACT

BEZERRA, Michele Rodrigues. *Guiding spirits; form citizens: the reorganization of the nation primers Hygiene(1920/1930)*. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.

This study has the interest in broadening discussions in the field of history education, on the use of booklets as devices through which sought to put into circulation, in the school space, hygienic ideals, whose acquisition would allow the construction of a life viewed as healthy and happy. The primers are analyzed: *Primer, hygiene* of 1922, Antônio de Almeida Júnior, doctor and educator, known to have had involvement in the movement of the new school; and *Primer, hygiene* of 1936, Renato Kehl, doctor and proponent of eugenics in Brazil. The works in question were produced in a scenario in which proliferated interventions from the medical field, among other scientific fields, with a view to the formation of the Brazilian society in modern bases. We intend to analyze these books, valuing its dimension of cultural object, exploring the prescriptive character that are directed at children, in various aspects of their school life and home, and still the representations produced about childhood, family, school and health.

Key words: Primer of Hygiene. Education. Health. Hygiene. Eugenia

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Antonio Almeida Júnior- Coleção Educadores MEC.....	27
Figura 2 -	Renato Kehl.....	33
Figura 3 -	Capa da Cartilha de Higiene.....	58
Figura 4 -	Folha de rosto.....	59
Figura 5 -	Capa da Cartilha de Higiene, 1ª Ed. 1936.....	62
Figura 6 -	Folha de rosto.....	63
Figura 7 -	Capa da <i>Cartilha de Higiene</i> , 2ª edição, 1985.....	63
Figura 8 -	Capa de <i>Fada Hygia</i> . 1925.....	64
Figura 9 -	<i>Cartilha de Higiene</i> ,(1936).....	66
Figura 10 -	Cartilha de Higiene, 1938.....	67
Figura 11 -	Cartilha de Higiene, 1936.....	67
Figura 12 -	Cartilha de higiene, 1938.....	70
Figura 13 -	Cartilha de higiene, 1938.....	72
Figura 14 -	Cartilha de higiene, 1936.....	73
Figura 15 -	Cartilha de higiene, 1938.....	74
Figura 16 -	Cartilha de higiene, 1938.....	76
Figura 17 -	Cartilha de higiene, 1936.....	77
Figura 18 -	Fada Hygia, 1925.....	78
Figura 19 -	Formulário da Belleza.....	79
Figura 20 -	Cartilha de higiene, 1936.....	80
Figura 21 -	Cartilha de higiene, 1938.....	83
Figura 22 -	Cartilha de higiene, 1936.....	85
Figura 23 -	Cartilha de higiene, 1938.....	86
Figura 24 -	Cartilha de higiene, 1938.....	87
Figura 25 -	<i>Cartilha de Higiene</i> , de autoria de Almeida Junior,1938. Fonte: CEMI.....	89
Figura 26 -	Cartilha de higiene, 1938.....	93
Figura 27 -	Cartilha de higiene, 1938.....	94
Figura 28 -	Fada Hygia, 1925.....	96
Figura 29 -	Cartilha de higiene, 1938.....	99

Figura 30 - Cartilha de higiene, 1938.....	100
Figura 31 - Cartilha de higiene, 1938.....	101
Figura 32 - Cartilha de higiene, 1938.....	102

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1	<b>MODERNIDADE, HIGIENE E EUGENIA</b> .....	18
1.1	<b>O Saneamento da nação em impressos</b> .....	23
1.2	<b>Almeida Junior: o médico, o professor, o intelectual</b> .....	27
1.3	<b>A obra a serviço da educação higiênica</b> .....	30
1.4	<b>Renato Kehl e a regeneração do Brasil</b> .....	33
1.5	<b>A eugenia como projeto</b> .....	39
2	<b>CARTILHAS EM FOCO: A HIGIENE EM LIÇÕES</b> .....	44
2.1	<b>Cartilha como modalidade de impresso e como livro escolar</b> .....	44
2.2	<b>Cartilha: objeto cultural e documento</b> .....	52
2.3	<b>Cartilha de Higiene- Almeida Junior</b> .....	56
2.4	<b>Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde – Renato Kehl</b> .....	59
2.5	<b>As lições em sua forma de apresentação</b> .....	64
3	<b>O ABC DA SAÚDE DA NOVA PÁTRIA</b> .....	68
3.1	<b>Criança educada e saudável = criança feliz</b> .....	69
3.2.	<b>A família feliz tem seu lar cercado pela higiene</b> .....	82
3.2.1	<u>A mãe: zelando pela família e por sua saúde</u> .....	84
3.2.2	<u>O pai como provedor e os perigos que rondam a família</u> .....	87
3.3	<b>O espaço escolar: palco para o ensino da higiene e espelho para o lar</b> .....	90
3.4	<b>Fuja das doenças! Não queira ser como o Jeca!</b> .....	97
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	103
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	109

## INTRODUÇÃO

“este livro não tem a pretensão de ser perfeito. Espera ele apenas chamar a atenção para um ramo importantíssimo e pouco cuidado do nosso ensino”.

(ALMEIDA JÚNIOR, 1938, p.3)

“A carência do ensino da higiene nas nossas escolas é um fato, tão sabido, quanto lamentável”

(KEHL, 1925, p.7)

Os trechos destacados acima dizem muito sobre a intenção dos autores Almeida Junior e Renato Kehl no direcionamento de suas obras, o que se observa particularmente presente no caso das duas publicações aqui estudadas, ambas intituladas *Cartilha de Higiene*, em que a educação higiênica era entendida como necessária para se garantir uma população sadia tanto fisicamente, como intelectualmente. Garantir que a instrução em higiene chegasse a uma maior parcela da sociedade se mostrava uma missão para esses intelectuais, assim como para outros médicos e educadores da primeira metade do século XX.

Educar uma nação não parecia tarefa fácil, especialmente se considerarmos um povo com tantas influências étnicas e culturais em sua constituição, e que, para alguns, poderia parecer fadado ao fracasso e à morte. Não apenas a morte física, mas a morte para as aspirações de modernidade e reconhecimento internacional. Como ensinar um povo que as vacinas previnem doenças? Que tomar banho todos os dias deve ser um hábito? Como ensinar ao povo, nas primeiras décadas do século XX, hábitos de higiene que hoje nos parecem simples, mas que naquele período pareciam estranhos?

A vacina que hoje para a grande maioria da população brasileira, é vista como algo comum e necessário para se garantir a saúde, nem sempre foi assim entendida. Era vista com desconfiança e temor, o que pode ser explicado por diversos fatores, entre os quais, pelo fato de que na visão das elites dirigentes - oriundas, em grande medida, do campo médico-, uma consciência sanitária satisfatória ainda não era compartilhada de modo expressivo pela população.

Hoje, concordamos com o fato de que em nossas casas devemos manter as janelas abertas para a renovação do ar, que uma alimentação saudável consiste em comer legumes, verduras, em horários certos e em medidas certas. No entanto, ainda hoje apenas saber disso não se constitui em fator suficiente para a aquisição dos hábitos apropriados, já que, com

frequência, as condições sociais em que vivem os indivíduos não possibilitam escolhas, muito menos as escolhas consideradas corretas. Na atualidade, depois de tantas intervenções de cunho educativo conduzidas ao longo da história, tem-se a compreensão de que o aprendizado das lições de higiene também depende da existência de condições sociais favoráveis.

Apesar dessa compreensão, lições de prevenção a doenças, entre outras lições de higiene continuam sendo transmitidas à população. Se hoje, a dificuldade de se obter sucesso com ações educativas é percebida, no passado focalizado, nas primeiras décadas do século XX, essa percepção mostra-se aguda entre os intelectuais envolvidos nessas ações, como era o caso dos médicos. Naquele contexto, uma população que ainda trazia em si o passado recente da escravidão, que era constituída em grande parte por “miscigenados”, se mostrava, para muitos dos agentes reformadores de então, difícil de educar. Como ordenar aquilo que parecia totalmente desordenado? Como ensinar novos hábitos?

A educação era entendida como o veículo para a transformação do cenário visto como caótico e doente. Entre as décadas de 1920 e 1930, a educação do povo surgia como a grande aliada na luta pela regeneração social empreendida por intelectuais, políticos, médicos, juristas, educadores, entre outros. “Consertar” o Brasil se mostrava uma tarefa que deveria ser executada com afinco por aqueles que eram detentores de saberes racionais e científicos.

Desejava-se formar um povo, uma identidade nacional, que, para muitos ainda era inexistente entre nós, ainda que fossem propostos caminhos diversos para atingir esse objetivo. Mas, que modelo de cidadão se desejava produzir? Alguns, como o médico Renato Kehl, acreditavam que esse cidadão deveria seguir os padrões europeus, ser branco, puro, ser saudável, forte, apto para o trabalho, livre de qualquer marca da miscigenação. Para isso, o governo também deveria ser sensibilizado, os políticos deveriam ter a consciência de que uma intervenção social mais severa se fazia necessária. Controlar matrimônios era uma questão de se garantir uma geração vindoura saudável, uniões interraciais deveriam ser proibidas, pessoas consideradas degeneradas, doentes, não poderiam procriar, e, para isso, a esterilização deveria ser realizada sem constrangimentos. A intervenção nos hábitos e nas vontades do cidadão era indiscutivelmente uma arma poderosa na luta pelo progresso do Brasil.

Outros intelectuais acreditavam também na intervenção, mas entendiam que esta deveria ser dar de forma mais branda, e que a cultura popular adquirida através da miscigenação, da mistura inter-racial, poderia ser usada como apoio para se transformar a realidade social. O médico e educador Antônio Almeida Junior parecia seguir essa linha de pensamento. No livro aqui pesquisado, o autor se valeu de um personagem do folclore brasileiro, o Saci-Pererê, para que suas prescrições fossem mais facilmente aceitas, o que dá

indícios de que o mesmo valorizava a cultura popular e se apropriava da mesma como um elemento capaz de propiciar uma identificação entre a obra e o leitor.

O fato é que existia um desejo acentuado em se transformar a sociedade brasileira, compartilhado por grande parte da intelectualidade brasileira da época, em meio à qual se situavam Almeida Junior e Renato Kehl. O ideal moderno, para as elites políticas e intelectuais, apresentava-se com vários contornos, isto é, era defendido com variações, se considerarmos os múltiplos sujeitos- individuais e coletivos- envolvidos nos debates e projetos encaminhados. A modernidade estaria na derrubada dos antigos casarões, no deslocamento da população pobre para a periferia e para os morros, na construção de amplas avenidas, nas campanhas sanitárias que visavam acabar com males como a peste bubônica, a febre amarela e a varíola.

Mas, para além dessas ações visíveis, apresentava-se como um aspecto central do projeto moderno a constituição de novas mentalidades, novos valores, novos comportamentos. Indicava-se um novo modelo de cidadão, de povo.

Neste trabalho, focalizo duas publicações que abordavam o mesmo tema, a higiene, e que adotavam a mesma forma - de cartilha-, de autoria dos médicos Antônio Almeida Junior e Renato Kehl. A primeira data de 1922, e a segunda publicação data de 1936.

Meu interesse pela temática da higiene surgiu ainda na graduação, através das disciplinas de *História da Educação Brasileira* e *História, Família e Infância*, ambas ministradas pela professora Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi, que me permitiram conhecer diversos aspectos da relação entre a família, a educação e a construção da nação. Tive a oportunidade de conhecer e dialogar com fontes bibliográficas que tratavam das transformações sociais ocorridas na sociedade brasileira ao longo do século XX. Foi interessante ver que dentro da ideia de modernizar a sociedade brasileira, existia a necessidade de educar o povo em todas as questões, inclusive, e de modo privilegiado, no campo da saúde.

As reformas propostas pelos escolanovistas abrangiam vários aspectos, desde a separação da escola pública da religião até ao acesso a conhecimentos básicos de higiene. Os reformadores entendiam que a higienização dos costumes era necessária para se alcançar a modernidade. Isso se relacionava com a renovação dos métodos pedagógicos, assim como também com a renovação dos espaços escolares. A higiene, para além de ser ensinada por meio de lições trabalhadas no currículo, também deveria ser vivenciada no espaço físico das escolas.

Foi interessante perceber como a infância se tornou objeto de estudo de vários campos científicos que se constituíam nas primeiras décadas do século XX e alvo de intervenções conduzidas por diferentes agentes, o que ocorria não só na república, mas antes dela também, tendo a educação figurado, em vários momentos, como uma importante ferramenta no processo de civilização da nação e um dos meios de controle da população pobre. Nos primeiros tempos republicanos, todos eram convocados a colaborar, pois essa infância a que se referiam deveria ser vista como futura força de trabalho que não poderia ser perdida, devido à falta de conhecimento de seus pais. Os futuros trabalhadores - e também cidadãos - precisavam ser modelados. Sendo assim, o espaço escolar era fundamental, pois nele as crianças poderiam se orientadas no seu dia a dia, de modo a se formar nelas uma consciência de hábitos higiênicos.

Pude conhecer a atuação de vários sujeitos dentro do espaço escolar, percebendo que esse reduto não ficou restrito a professores e especialistas da educação, mas foi alvo também da intervenção de médicos que, além de atuarem diretamente nas escolas, também, através destas, almejavam intervir no ambiente familiar dos alunos, estendendo sua influência a toda comunidade. Os médicos não restringiam sua atuação aos consultórios e hospitais, e nem se dedicavam apenas a ações destinadas a curar os indivíduos das doenças. Eles buscavam também, e de modo privilegiado, desenvolver ações através da prevenção, ensinando o povo a evitar as doenças, as mazelas que poderiam impedir a saúde da nação.

A escola, valorizada então como espaço privilegiado, era entendida como o lugar onde o saber deveria circular e práticas diversas deveriam ser desenvolvidas a fim se constituírem nas crianças uma consciência sobre os hábitos higiênicos e sobre aspectos diversos da vida social. A educação deveria utilizar os preceitos médicos para corrigir nas crianças e, por conseqüência, em suas famílias, as atitudes indisciplinadas como a má-alimentação, os vícios e a falta de higiene. Essa união entre a educação e o sanitarismo buscava formar famílias sadias, indivíduos disciplinados e ordeiros, capazes de acompanharem as transformações sociais e econômicas. Buscava-se modelar a natureza infantil. As crianças deveriam incorporar hábitos que seriam levados por toda vida, por meio da escolarização de seus corpos e suas mentes, pois se entendia que a infância seria a fase ideal para se inculcar valores.

Durante o 1º semestre como aluna do Mestrado acadêmico em Educação no PROPED, a disciplina *Escola, memória e cultura escrita*, ministrada pelas professoras Ana Chrystina Mignot e Márcia Cabral da Silva me trouxe a oportunidade de dialogar com fontes bibliográficas até então desconhecidas por mim. Fui conhecendo novos estudos e caminhos possíveis para pesquisa, e pude ter contato com novas fontes documentais. O livro, o

impresso, não aparecia mais apenas como fonte de pesquisa, mas como possível objeto de estudo. Em uma das muitas atividades que realizamos, uma foi fundamental para a construção do presente trabalho. Uma visita ao CEMI (Centro de Memória Institucional do ISERJ) me apresentou uma publicação do autor Antônio Almeida Junior, um livro intitulado *Cartilha de Higiene*, direcionado ao público escolar, que abordava a necessidade de “instruir em higiene”, instrução, que, segundo seu autor, seria tão importante como instruir em língua pátria. Para ele, os educandos do ensino primário não poderiam permanecer alheios aos ensinamentos básicos para a conservação da saúde.

Ao buscar mais referências sobre o autor e sua obra, pude ter contato com outras obras que possuíam o mesmo cunho civilizatório, a mesma intenção de escolarizar a nação. Foi quando me aproximei da obra de outro autor, o já citado Renato Kehl, eugenista dedicado a divulgar a ciência de Galton, que acreditava que “a ciência de Galton é o pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da humanidade” (KEHL, 1939). Com base nesta compreensão, que envolvia a defesa do “embranquecimento” da nação brasileira, este médico, eugenista e sanitarista abordava em suas obras a questão da higiene e da eugenia, ressaltando como ambas deveriam ser valorizadas e incluídas no currículo escolar. Para isso, Kehl dedicou-se a publicar livros voltados para a intervenção no seio familiar, em meio aos quais se situa a obra aqui analisada, homônima da de Almeida Junior.

A produção de impressos voltados para a educação de modos e costumes não era novidade, nem desconhecida dos leitores das décadas de 1920/30. Os autores aqui focalizados, entre outros, já haviam se debruçado sobre a tentativa de intervir no ambiente familiar. A família era alvo constante de grande parte das medidas intervencionistas por parte de médicos, educadores, políticos, entre outros. A figura da mulher surgia como a auxiliadora perfeita para que as prescrições médicas fossem seguidas nos lares. A ela cabia o cuidado com o lar, com o marido e com os filhos, ela deveria administrar em seu lar os conselhos médicos para a conservação da saúde de sua família.

O fato é que existia o desejo de se garantir a formação de um povo sadio, e, a partir dessa compreensão, a criança surgia como o alvo preferencial das intervenções médicas. Ela representava o futuro da pátria, era preciso educá-las, escolarizar seus corpos, orientá-las nos preceitos higienistas a fim de se alcançar o aperfeiçoamento da raça, ou seja, evitar sua degeneração.

Ao se falar em escolarização dos corpos, fala-se em controlar o indivíduo, de formar nele um caráter moldado de acordo com os interesses em voga. As obras aqui estudadas foram elaboradas para educar as crianças em hábitos higiênicos, conformando os corpos e as mentes

das mesmas. A escola deveria utilizá-las para formar esses alunos, fazendo-os viver essas práticas cotidianamente. Orientando-os e disciplinando-os, inculcando os bons hábitos e evitando os maus; afinal, entendia-se a escola como “lugar por excelência de aplicação dos preceitos higienistas”. (FARIA FILHO, 1998, p.42).

Sendo assim, o presente trabalho volta-se para a pesquisa acerca da produção de impressos, tendo como base as cartilhas publicadas pelos autores, utilizadas como uma das muitas práticas de intervenção capazes de interferir na vida pública e privada dos escolares nos anos de 1920/1930. No referido período, a sociedade brasileira vivia importantes transformações de caráter econômico, político, cultural e educacional. O desejo em dar continuidade à modernização social empreendida por representantes da elite intelectual presentes já no século XIX, culminou em diversas ações voltadas para redesenhar o cenário social brasileiro. Era necessário organizar, disciplinar e harmonizar o cotidiano da população. (SILVA, 2009). Mais que cuidar da urbanização, dos aspectos físicos das cidades, era indispensável também intervir nos hábitos e comportamentos vividos nos espaços sociais e também nos espaços privados, e essa intervenção só seria possível através da educação.

Para refletir sobre o tema e sobre os autores, foi necessário dialogar com outras publicações dos médicos focalizados, que também visavam contribuir para a modelação da sociedade. Conhecer mais sobre os autores permitiu entender o caminho que ambos trilharam para fundamentar seus textos. No caso específico de Kehl, estudar mais sobre o autor foi importante para compreender melhor as aproximações e distanciamentos entre higiene e eugenia.

Nos três capítulos, procuro considerar o contexto histórico-social das décadas de 1920/1930, o cenário educacional da época, e também a inserção das obras aqui estudadas em uma ampla tradição de cartilhas de diferentes tipos, mas com propósitos comuns: educar, intervir e conformar. Vale sublinhar, ainda, que procurei construir os capítulos de forma não fragmentada, buscando apresentar os temas abordados relacionados entre si.

No primeiro capítulo, abordam-se as ações e a trajetória de Almeida Junior e Renato Kehl no cenário educacional da época. A forma como ambos inseriam-se no campo discursivo presente na sociedade brasileira acerca da higiene e da eugenia. Quem eram os seus pares? Que ideias permeavam seus discursos? Que influências traziam em suas trajetórias? E até que ponto os autores se aproximavam dos discursos escolanovistas e religiosos da época?

No segundo capítulo, focaliza-se o papel das cartilhas na educação primária e a inserção das publicações aqui pesquisadas numa tradição que se situa para além do público infantil e do contexto analisado. Destaca-se a importância em abordar as cartilhas como objetos de

estudo que nos permitem uma aproximação com os discursos da época, como objetos culturais que se inscrevem em meio aos materiais discursivos dirigidos às crianças, e que trazem em si as marcas das prescrições que se pretendiam inculcar nos escolares. Neste capítulo, sinalizo para a materialidade das obras, destacando ainda as estratégias utilizadas pelos autores e pelas editoras, no que se refere ao texto escrito e aos recursos visuais.

O terceiro capítulo é voltado para explorar as cartilhas tendo como foco os conteúdos abordados. As aproximações e os distanciamentos entre as duas obras quanto às representações sobre família, infância e escola são alvo de atenção. A importância conferida à educação higiênica para a “regeneração da nação”, o caráter prescritivo das cartilhas no que se refere aos aspectos da vida doméstica e da vida escolar, as orientações sugeridas para se adquirir, segundo essa linha de pensamento, uma vida saudável e, portanto, feliz, são questões analisadas.

Através deste trabalho, pretendo contribuir para os estudos da área de História da educação que abordem a questão da educação higiênica, tendo como horizonte a ampliação do debate sobre as intervenções conduzidas por médicos junto à família e à escola e sobre as aproximações estabelecidas entre os campos da saúde e educação no contexto focalizado.

Objetiva-se aqui, também, contribuir para ampliar o debate acerca dos objetos culturais e da importância dos mesmos, não apenas como fontes, mas como objetos de estudo, valorizando as discussões trazidas pela História Cultural com o consequente enriquecimento das pesquisas no campo da História da Educação. A pesquisa com as cartilhas, por um lado, possibilita a reflexão sobre as obras como objetos culturais, em sua materialidade, valorizando-se sua produção, circulação e seus usos. Por outro lado, abre possibilidades de análise das representações que eram produzidas sobre, criança, família e escola. Além disso, busca-se a compreensão de como essas cartilhas se inseriam no debate vigente à época, tendo sido de interesse para o estudo observar possíveis aproximações e distanciamentos entre as ideias e abordagens dos autores.

O foco em obras de Almeida Junior e Renato Kehl justifica-se por ambos serem representantes do campo médico, intelectuais atuantes no período recortado, que creditavam à saúde e à educação a “regeneração social”. Através de suas cartilhas, esses intelectuais intentaram intervir na vida doméstica dos escolares, visando uma ampla reforma dos costumes para além dos muros da escola. Uma reforma que visava, como bem maior, a modernização da nação brasileira, a formação de um povo ordeiro, disciplinado, higiênico e trabalhador.

Neste trabalho, não se pretende dizer o que é certo ou errado, ao contrário das obras analisadas, que enalteciam ou repudiavam determinadas condutas. O historiador não julga

suas fontes, mas interroga-as, buscando acessar o passado através dos indícios, e dos sinais encontrados nos documentos, a partir das perguntas colocadas por ele mesmo. Procura-se aqui construir uma análise sobre as obras focalizadas e, de forma particular, refletir sobre as representações produzidas sobre família, infância e escola nos textos aqui considerados, levando em conta o cenário social estudado.

## 1 MODERNIDADE, HIGIENE E EUGENIA

Mas o ensino dos princípios de higiene é indispensável, não só para que a criança compreenda a razão de ser dos hábitos que esta adquirindo, como também para se tornar capaz de adaptar-se às condições novas e imprevistas da vida prática.

*(ALMEIDA JÚNIOR., 1938, p.4)*

Não se compreende que um indivíduo se considere gente, que se diga gente desconhecendo os deveres elementares da higiene.

*(KEHL, 1939, p.55)*

Entre fins do século XIX e inícios do século XX, a sociedade brasileira passava por diversas transformações, envolvendo aspectos econômicos, políticos e sociais. O regime republicano afirmava-se, assim como a economia, crescentemente apoiada em bases capitalistas, ao lado da urbanização progressiva. Nesse cenário, observava-se, ainda, o crescimento desordenado da população urbana, devido ao fim da escravidão e ao deslocamento de ex-escravos para as cidades. De acordo com os interesses das elites políticas de então, essa nova sociedade necessitava ser disciplinada para a construção da nação em bases modernas.

Os trechos destacados acima são exemplares de discursos recorrentes nas décadas de 1920/1930, indicando a necessidade entendida pelos intelectuais do período em se transformar a nação brasileira no que se referia a hábitos e costumes sociais. A ideia de que indivíduos detentores de saberes racionais deveriam se engajar na missão de reformar o país levou vários representantes das elites intelectuais brasileiras a empreender estratégias variadas para que seus discursos atingissem, da forma mais ampla possível, setores diferenciados da população. As ações deveriam alcançar as cidades e os lares, e homens e mulheres estavam convocados a colaborar para a reorganização social.

O sanitarismo urbano representava uma área de destaque, considerando-se os discursos de diversos representantes da intelectualidade da época, tendo como horizonte projetos de modernização social. A capital do país, o Rio de Janeiro, na virada do século XIX para o XX, em nada se parecia com as modernas cidades européias, segundo diagnósticos produzidos, de forma recorrente, por intelectuais de então. Segundo essas elites políticas e culturais, o aspecto físico da cidade requeria remodelação, para que pudesse servir de exemplo para todo o país. O cenário social da cidade do Rio de Janeiro, assim como de

outros centros urbanos do país, era marcado, segundo os registros policiais, por muitos problemas ligados a embriaguez, vadiagem, brigas, situações que causavam muitas prisões<sup>1</sup>.

Esse cenário cotidiano, identificado, em grande medida, com uma imagem de atraso que demandava superação, indicava que o Brasil enfrentava sérios problemas sociais, entre os quais se situavam a proliferação de doenças endêmicas e epidêmicas, e os altos índices de mortalidade infantil. A presença de contingentes significativos de crianças vivendo pelas ruas, muitas vezes prestando serviços diversos, era outro desses problemas. Observava-se que muitas delas não possuíam família, ou não eram assistidas pelas mesmas e a situação vivida gerava a compreensão crescente de que não cuidar dessa infância conduziria ao agravamento de diversos problemas sociais, quando aquelas crianças chegassem à idade adulta.

A infância, vista como a fase onde se determina que tipo de adulto um indivíduo poderia se tornar, tinha que ser cuidada. A forma como uma criança era criada iria refletir nas suas ações no futuro. A “paz social” (CAMARA, 2010) dependeria da intervenção direta na vida das crianças consideradas desvalidas, aquelas que, mesmo tendo família, viviam perambulando pelas ruas, sujeitas a todo tipo de influência negativa. Cuidar dessa infância significava cuidar da própria sociedade, do futuro do país.

Velar pela criança significava assegurar-lhe proteção e cuidado através de um programa salutar voltado para a implementação de medidas profícuas em nome da moralidade pública. Levar a termo essa ‘cruzada de caráter universal’ presumia a intenção de se combater tudo que, imoral, desvirtuava ‘na alma da criança os sentimentos inatos de honestidade e o pendor para o bem’, formando-os com todos os elementos negativos e perniciosos que concorriam para a criminalidade infantil. (CAMARA, 2010, p. 39).

Sônia Camara(2010) aborda a situação da infância na Capital Federal na década de 1920. A autora traz diversos trechos de reportagens de jornais cariocas que denunciavam o alto contingente de crianças perambulando pelas ruas. Exploradas por suas famílias, ou por outros indivíduos, abandonadas moralmente e materialmente, essas crianças ficavam sujeitas à criminalidade e à prostituição.

Nada mais pavoroso do que este meio em que há adolescentes de dezoito anos e pirralhos de três, garotos amarelos de um lustro de idade e moçoilas púberes sujeitas a todas as passividades. Essa criança parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Há no Rio um número considerável de pobrezinhos sacrificados, petizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paralíticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de famílias necessitadas... (2010, p. 41)

---

<sup>1</sup> Cf. RIZZINI, 1993

A infância estava no centro das preocupações das elites intelectuais políticas e educacionais. A infância desvalida seguia pelas ruas, desregrada, desamparada, viciada e analfabeta, representando, na visão corrente, um risco à população. Caberia ao governo tomar medidas que cercassem essa infância.

Em meio a todos esses problemas, na compreensão de setores expressivos da intelectualidade, a República clamava por modernidade. Nesse cenário, as elites dirigentes sentiram a necessidade de incrementar a adoção de medidas que permitissem “civilizar” o povo. Juristas, médicos, religiosos e educadores, participaram da elaboração e aplicação de projetos educacionais que elegeram como foco a infância, medidas que remontavam ao Império<sup>2</sup>, mas que, no contexto republicano, adquiriam importância crescente.

Nicolau Sevcenko destaca em seu estudo como intelectuais, personalidades do período, procuraram inculcar na população em geral a importância de se trabalhar em prol do progresso, pois “somente oferecendo ao mundo uma imagem de plena credibilidade era possível drenar para o Brasil uma parcela proporcional da fartura, conforto e prosperidade em que já chafurdava o mundo civilizado.” (1985, p.41). Para tornar o Brasil uma nação moderna, era indispensável reformar tudo e todos. Especialmente a Capital Federal, o Rio de Janeiro, deveria servir de exemplo para as demais cidades e estados brasileiros e, como cartão postal do Brasil, deveria, para os outros países parceiros comerciais, representar um emblema do progresso e da confiabilidade do país.

Se esse era o ideal projetado, a realidade, por outro lado, incomodava as elites políticas e intelectuais. Devido ao crescimento desordenado da população urbana, muitos problemas foram surgindo, como, por exemplo, a questão da moradia. Os antigos casarões coloniais acabaram se tornando “pardieiros em que se abarrotava grande parte da população pobre” (1985, p.43), e que representavam o atraso, a sujeira, o feio. Para o Rio de Janeiro se tornar uma capital moderna e produtiva, os antigos casarões deveriam ser demolidos para dar passagem a avenidas, praças e jardins.

Sendo assim, o início do século XX é marcado por muitas ações voltadas para a remodelação social e urbana. Não bastava promover mudanças no espaço físico, era preciso mudar os hábitos, comportamentos e, como um aspecto essencial, as mentalidades. Segundo Sevcenko, a mudança implicava diversas ações que trouxessem “a redenção da situação colonial” (1985). O fim da escravidão não apenas representou a liberdade para os negros, mas também uma nova realidade para a sociedade brasileira em geral. O trabalho braçal e mesmo

---

<sup>2</sup> Cf GONDRA, 2002.

o trabalho, em termos mais amplos, que era, em uma sociedade escravista, considerado uma desonra, tinha que passar a ser visto como necessário e valoroso. Esse aspecto, entre outros, demandava uma mudança de consciência da população.

Na busca pela reformulação social, não apenas o Rio de Janeiro foi alvo das intervenções políticas, culturais e arquitetônicas. Também em outros espaços urbanos, observam-se ações conduzidas em direção semelhante. A cidade de São Paulo, por exemplo, também foi palco para muitas das ações empreendidas pelos higienistas nas primeiras décadas do século XX, especialmente na década de 1920. A criação do Instituto de Higiene, em 1918, trouxe para o cenário social da cidade novas medidas intervencionistas, através da reforma sanitária, que intentava construir uma nova sociedade pautada nos preceitos higienistas.

Ainda sobre a realidade paulista, Heloísa Rocha destaca a preocupação de políticos e intelectuais em promover medidas que visavam à valorização da instrução primária no estado de São Paulo como um caminho de importância central para o sucesso de projetos de modelação e civilização. Multiplicavam-se as ações que creditavam à educação o caminho propício à regeneração social:

Em 1918, Oscar Thompson, diretor geral da Instrução Pública do estado de São Paulo, alarmado com o elevado número de crianças entre 7 e 12 anos que não frequentavam escolas públicas ou particulares, dispôs-se a traçar um plano, com vistas à extinção do analfabetismo no estado. O problema mostrava-se tanto mais grave quando se considerava que, de um total de aproximadamente 500 crianças nessa faixa etária, residentes nas zonas rurais ou nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, um percentual que ultrapassava os 50% estava fora da escola. Em suas ponderações, a autoridade considerava a urgência da difusão do ensino primário às populações residentes nos mais distantes rincões do estado, uma vez que, segundo alertava, era o futuro da nação que se encontrava em jogo. (ROCHA, 2011, p.154)

O discurso pautado na preocupação com o futuro da nação e mesmo com sua construção para alguns ou reconstrução para outros, era recorrente nas décadas de 1920/1930, quando diversas reformas de instrução pública são conduzidas, em diferentes estados brasileiros, apoiadas nas proposições escolanovistas<sup>3</sup>. A valorização da escola estava em sintonia com os ideais de afirmação de uma nação moderna. Afinal, segundo a visão de setores significativos das elites políticas e intelectuais, um povo alfabetizado representaria uma ruptura com o que se compreendia como o atraso herdado do período colonial. Mas, para muitos dos educadores envolvidos nos debates educacionais de então, em particular, para os

---

<sup>3</sup> Sobre as propostas renovadoras trazidas pelo movimento escolanovista, cf. VIDAL, Apud LOPES et alii 2000: “A escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil. Serviria de base à disseminação de valores e normas sociais em sintonia com os apelos da nova sociedade moderna...” ( p.498). Diversos intelectuais das décadas de 1920/1930 aderiram ao movimento, entre os quais podemos citar Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, Lourenço Filho e Almeida Junior.

escolanovistas, alfabetizar era pouco. Naquele contexto, o movimento escolanovista assume relevo, visando uma educação pública, laica e obrigatória, baseada no conhecimento científico, livre de toda e qualquer intervenção religiosa. Educar deveria significar formar cidadãos saudáveis intelectualmente e fisicamente e com um profundo sentimento de identificação à nação.

Mas, como educar uma sociedade? Como criar padrões de homogeneização em uma sociedade marcada por graus tão acentuados de hierarquização e heterogeneidade? Como intervir no espaço privado? Entre as respostas possíveis a essa questão, uma comumente assinalada envolvia a ideia de intervir na “plasticidade da infância” (ALMEIDA Jr, apud ROCHA,2003.) E de que formas? A intervenção na escola apresentava-se como um dos caminhos vistos como eficazes. Ana Magaldi apresenta que Anísio Teixeira, em relatório sobre período em que esteve à frente da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, apresentou o que entendia acerca da atuação da escola como instrumento civilizador dos escolares papel que se apresentava como central para a própria civilização da sociedade:

Não creio que a escola possa vir a ser um instrumento eficiente de progresso, se não atender a esse mínimo indispensável de educação. Ler, escrever e contar é indispensável, mas é fator precário (...).

Quando, porém aceitássemos a limitação do problema – ler, escrever e contar – um, dois, ou três anos de escola, nas condições em que a temos hoje, nem para isto seriam suficientes. Os que julgam de modo contrário, julgam pelos exemplos que têm em casa. Crianças filhas de intelectuais ou de homens educados e ricos, com um ambiente doméstico e social avançado, rodeadas de livros, de revistas, de sugestões de toda ordem para lerem, aprenderem por si e assim se educarem, a elas não será de admirar que baste a escola *suplementar* à ação do lar, tomando a si apenas a tarefa de iniciá-los nos segredos da leitura, da escrita e dos cálculos simples. O mais fará a própria educação da casa.

Outro é o caso brasileiro, entretanto. As crianças de elevado padrão de vida são as crianças-exceção, privilégio de uma pequena minoria. A criança do povo só tem a escola. Nem livros, nem revista, nem o exemplo da leitura, nem, o que é pior, a necessidade da leitura. Os pais vivem, rudemente, a ocupações diárias (...). (TEIXEIRA Apud MAGALDI, 2011, p.7)

Representantes da intelectualidade brasileira, nas primeiras décadas do século XX, como médicos, educadores, políticos, entre outros, procuraram elaborar ações, muitas delas no campo educacional, que fossem capazes de superar os problemas políticos, sociais e culturais presentes na sociedade. A educação foi entendida “como instrumento de superação de um quadro de 'atraso', de crise, e ainda como meio de afirmação de uma realidade nacional em ‘bases modernas’”. (MAGALDI, 2002, p.59) Os projetos político-educativos elaborados por esses intelectuais traziam em seu bojo certas concepções de povo e de como se poderia

instaurar a modernidade, a civilidade, a racionalidade, a urbanidade e a disciplina próprias de uma sociedade capitalista. (NUNES, 2000)

Reformar os costumes, disciplinar o povo, formar cidadãos, eram palavras de ordem comuns nos discursos dos intelectuais atuantes no período e são ideias explícitas nas duas obras analisadas neste trabalho. O cenário social do período era marcado por inúmeros problemas que, segundo compreensão corrente, não se referiam apenas às questões escolares, mas que, em longo prazo, através de uma intervenção educativa, poderiam ser corrigidos.

Sendo assim, o espaço escolar era visto como fundamental, pois nele poderiam ser orientadas as crianças no seu dia a dia, formando-se nestas hábitos pertinentes a uma nova configuração social. Essa compreensão acerca do papel da educação, como instrumento capaz de inculcar na população “atitudes de modernidade”, fez com que as atenções dos intelectuais atuantes à época se voltassem para a escola primária, para o fortalecimento desta. (SILVA, 2009). Sob essa perspectiva de valorizar a instituição escolar e nela atuar com o propósito de intervir nos costumes dos escolares, muitas estratégias foram acionadas para que “a modernidade deixasse de ser encontrada, apenas, nas obras de aformoseamento da cidade e passasse, também, a ser percebida, num primeiro momento, nos modos, gestos, falas dos escolares, para em seguida se multiplicar pelo meio social”. (SILVA, 2009, p.106)

### 1.1 O saneamento da nação em impressos

Em meio a esse cenário, podemos destacar dois intelectuais atuantes à época, Antônio Almeida Junior (1892-1971) e Renato Kehl (1889-1974), que encontraram nos livros dirigidos a crianças, uma das ferramentas para a difusão de suas ideias. Neste trabalho, destacamos, em especial, a publicação das *Cartilhas de Higiene*, destinadas para o uso nas escolas primárias. As publicações aqui analisadas abordam a questão da educação higiênica e de sua importância para a formação da nação. Os dois autores eram ligados a movimentos de grande expressão no cenário social brasileiro das décadas de 1920/1930, identificados aos campos científicos da Higiene e Eugenia.

A Higiene se dirigia a renovar os costumes, desde os cuidados com o corpo, com o lar, medidas que se relacionavam com a vida individual e em sociedade. Para isso, era necessário aliar saúde e educação, que deveriam atuar juntas, como pilares na grande obra a ser realizada: a redenção do povo. (ROCHA, 2011). Esta redenção poderia ser alcançada, dentre

outras formas, através da educação higiênica, que possuía, como uma de suas tarefas principais, a de intervir na vida escolar e doméstica dos educandos. Segundo Heloisa Rocha, a educação higiênica era o mecanismo pelo qual se buscou “incutir nas crianças, desde a mais tenra idade, um conjunto de hábitos capazes de, a um só tempo, redimir o povo da suposta ignorância, anomia, doença, e libertar o país da pecha que o identificava a um “enorme hospital” (2011, p.153). Assim, intervindo desde cedo, acreditava-se que seria possível sanar muitos problemas sociais que impediam o crescimento da nação. Era preciso sanear, alfabetizar e regenerar o povo, daí a importância em se propagar a instrução primária, veículo compreendido como essencial nesse projeto. A educação sanitária era vista como um dos elementos principais na construção da identidade nacional.

Médicos higienistas das primeiras décadas do século XX tinham o entendimento da necessidade em aliar saúde e educação para se atingir a redenção do país. Em 1917, uma equipe de médicos envolvidos nos projetos de saúde e higiene públicas, realizou uma expedição, mais precisamente no interior do país, com o intuito de mapear os problemas de saúde. (D’AVILA, 2006). O resultado dessa expedição, pode-se assim dizer, absolvia o povo brasileiro, no que se referia à sua condição de povo, segundo Nísia Lima e Gilberto Hochman:

Os conhecimentos dos médicos-higienistas sobre a saúde dos brasileiros e sobre as condições sanitárias em grande parte do território nacional, revelados ao público em meados das décadas de 1910, absolviam-nos enquanto povo e encontram um novo réu. O brasileiro era indolente, preguiçoso e improdutivo porque estava doente e abandonado pelas elites políticas. Redimir o Brasil seria sanear-lo, higienizá-lo, uma tarefa obrigatória dos governos. (MAIO; VENTURA, 1996, p. 23)

A higiene, na visão destes, era uma ciência fundamental para auxiliar a população brasileira a se livrar das mazelas que a mantinham na condição de atrasada e doente. A educação sanitária permitiria a constituição de uma pátria regenerada. E, diante de tantas inovações científicas que se dirigiam a reestruturar a nação, também se insere a eugenia.

A palavra eugenia origina-se do grego eugen-s, significa “bem nascido” (STEPAN, 2005). O termo é criado por Francis Galton (1822-1911) em 1883, e, segundo o mesmo, eugenia seria “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente” (GOLDIM, 1998). Segundo Jerry D’Avila (2006, p.31):

A eugenia foi uma tentativa de ‘aperfeiçoar’ a população humana por meio do aprimoramento de traços hereditários-noção popular por toda a Europa e Américas no período entreguerras. Os cientistas voltaram-se para a eugenia como uma ciência de ampla abrangência, que combinava diferentes teorias sobre raça, hereditariedade,

cultura e influência do meio ambiente em práticas e receitas que visavam geralmente a ‘melhorar’ uma população nacional. Uma eugenia ‘pesada’ baseada na remoção do acervo reprodutivo de indivíduos que possuíam traços indesejados por meio da esterilização ou do genocídio foi praticada em diversos graus em países como a Alemanha nazista, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos. Grande parte da América Latina e algumas partes da Europa adotaram uma eugenia ‘leve’, que sustentava que o cuidado pré e neonatal, a saúde e a higiene públicas, além de uma preocupação com a psicologia, a cultura geral e a forma física melhorariam gradualmente a adequação eugênica de uma população.

A Eugenia, como é descrita na apresentação do livro *Lições de Eugenia*, de Renato Kehl, “tem por fim a melhoria progressiva da espécie, pelo fomento da ‘boa geração’, pela ‘procriação hígida’, consistindo, em suma, no enobrecimento físico e mental do homem” (KEHL, 1929.n.p).

Renato Kehl foi um dos principais divulgadores desse campo científico no Brasil. Para este médico, a Eugenia era a “higiene de base”, através da qual seria possível constituir uma nação forte, bela, sadia e vigorosa. Um dos meios para se alcançar a nação nessas bases seria um posicionamento mais rígido do Estado sobre a população. Para Kehl, era imprescindível um controle sobre, por exemplo, os matrimônios, evitando assim que sujeitos considerados “degenerados e doentes” procriassem. Também compreendia a importância de se evitarem casamentos entre bancos e negros, brancos e índios, enfim, prescrevia que se evitasse a mistura de raças, a fim de alcançar o que compreendia como um aprimoramento da nação brasileira. Para Renato Kehl, “o estudo e a aplicação do conhecimento eugênico seria o meio mais rápido e eficiente para ‘moldar o plástico organismo humano’, protegendo ‘as gerações futuras da delinqüência’ e encurtando ‘as arestas da imperfeição’ ” (SOUZA, 2006.p.36).

Em ambos os projetos analisados nesse estudo, existia o desejo de se intervir no modo de vida da população, reformando a escola, formando leitores, cidadãos patrióticos, higiênicos e eugenizados. E, assim, atingir uma nova configuração social, enfim, uma sociedade organizada e em sintonia com os conhecimentos científicos que propiciariam a formação de uma nação moderna.

Nos anos de 1930, mais precisamente com a ascensão do governo de Getúlio Vargas, os projetos que visavam à regeneração social ganharam força. A preocupação com a saúde da população representava também uma forma de poder controlar as camadas populares. Era preciso criar uma identidade nacional, fortalecer a ideia de pátria. O cidadão brasileiro precisava ser remodelado, um “novo homem”<sup>4</sup> deveria entrar em cena, um homem saudável, produtivo e ciente de seu papel na sociedade. E, nesse momento político do país, as idéias higiênicas e eugênicas serviam, dentro de alguns limites, para a formação do “cidadão

---

<sup>4</sup> Ver Fonseca, 1993

brasileiro”. Segundo Cristina Fonseca (1993), se fazia imprescindível a valorização do cidadão brasileiro, distanciando-se, assim, dos valores liberais de cunho europeu.

Ao iniciarem-se os anos 30 assistimos à incorporação ao projeto político do governo de uma proposta restauradora, que buscava a valorização das tradições culturais do País e reforçava o ideal de construção de uma nova nação, baseada em uma relação harmônica entre o Estado e o indivíduo. Este modelo ideológico de construção nacional vinha sendo delineado ao longo das décadas anteriores, mas será especialmente sob o Governo Vargas que a discussão em torno dele ganhará força, firmando raízes no pensamento social brasileiro. Acompanhava essa proposta a valorização do ‘homem nacional’, do ‘homem brasileiro’, uma contraposição às idéias liberais que, influenciadas por valores europeus, tendiam a reforçar a inferioridade da raça e do caráter nacional, separando o homem do cidadão e a cultura da política. Essa ênfase no homem brasileiro se deu de forma estreitamente articulada à valorização do trabalho, identificando-o à figura de um novo trabalhador brasileiro. (FONSECA, 1993, p.100)

A busca pelo aperfeiçoamento humano da eugenia foi recebida com simpatia por muitos intelectuais das décadas de 1920/1930, porque representava um meio que auxiliaria no fortalecimento da nação. Algumas ideias, como o controle da entrada de imigrantes no Brasil, e a inserção das atividades físicas nas escolas para todos os alunos, foram bem aceitas no governo Vargas. Tanto que em 1934, Renato Kehl, Oliveira Vianna e Roquette Pinto foram convidados para participar de uma comissão responsável por organizar um projeto de imigração e povoamento do governo Vargas. O projeto foi aprovado em 1935, pelo Congresso Nacional, e suas concepções eram em parte baseadas nos pressupostos eugênicos (SOUZA, 2006). Quanto à prática de exercícios físicos, a ideia era de que a educação física no ensino primário poderia ajudar a corrigir os corpos de crianças pobres, muitas vezes consideradas como feias, doentes, fracas, raquíticas. A prática constante das atividades físicas poderia permitir que esses corpos fossem fortalecidos, robustecidos e disciplinados (VAGO, 2002).

Um “novo homem” para uma nova pátria. Como formá-lo? Como seria possível alcançá-lo dentro de seu lar? A intervenção deveria ser capaz de mudar os costumes, renovar os modos. A educação sozinha poderia não transformar o homem, mas sem ela essa mudança também não seria possível. Como convencer o cidadão de que o trabalho é importante e necessário? Como formar os futuros cidadãos e futuros trabalhadores? Como evitar que as crianças morressem por falta de cuidados básicos de saúde e higiene? A ciência, a literatura, poderiam ajudar, pois, através de seus usos nos espaços escolares, seria possível ter sua contribuição na formação de uma consciência pautada em novos valores.

No que se refere ao homem se identificar como cidadão, encontram-se importantes expressões dessa preocupação na literatura. Monteiro Lobato, com seu Jeca Tatu, apresentou

aos leitores, já em inícios do século XX, a ideia de que um povo sem educação e hábitos de higiene, não chegaria a lugar algum. A ideia era de que, para se tornar um indivíduo produtivo, e assim contribuir com sua sociedade, era preciso cuidar da saúde e deixar a preguiça de lado, pois somente sendo saudável e trabalhador, seria possível alcançar a regeneração individual, que contribuía, assim, para a regeneração social. Nesse cenário, das primeiras décadas do século XX, inserem-se os autores que aqui estudaremos: o médico higienista Almeida Junior e o médico eugenista Renato Kehl. Ambos creditavam à saúde e à educação a tarefa sublime de trazer a redenção ao Brasil.

## 1.2 Almeida Junior: o médico, o professor, o intelectual

Figura 1 - Antonio Almeida Júnior-  
Coleção Educadores MEC



Antônio Ferreira de Almeida Júnior (1892-1971) nasceu em Joanópolis, São Paulo. Almeida Júnior, como é comumente conhecido e como iremos tratá-lo neste trabalho, começou seus estudos em sua cidade natal, tendo seguido para a cidade de São Paulo, para concluir o ensino secundário. Formou-se professor normalista, em 1909, aos 17 anos, pela Escola Normal da Praça da República, tendo iniciado suas atividades como professor primário da Escola Isolada da Ponta da Praia, em 1910. Também lecionou francês no período de 1911 a 1914, na Escola Normal de Pirassununga, onde teve como um de seus alunos Manuel

Bergström Lourenço Filho. Entre os anos de 1915 a 1919, lecionou no Instituto Disciplinar da Capital, uma escola noturna para meninos operários.<sup>5</sup>

Almeida Junior, nos anos de 1919 a 1920, desempenhou a função de auxiliar do Diretor Geral do Ensino da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E, em 1921, formou-se em medicina, pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, apresentando a tese *O Saneamento pela Educação*. Na antiga Escola Normal do Braz<sup>6</sup>, lecionou Biologia e Higiene, no período de 1920 a 1930. Em 1932, o Dr. Almeida Junior foi um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, ao lado de outros intelectuais atuantes à época, como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Cecília Meireles. Nos anos seguintes, atuou em diversos espaços, valorizando, em suas atividades, as relações entre saúde e educação, como em 1933, quando passou a exercer a função de Chefe do Serviço Médico Escolar do Estado de São Paulo, onde colaborou com Fernando de Azevedo, na elaboração do Código de Educação do Estado de São Paulo.

Gandini(2010), ao descrever a trajetória de Almeida Junior, além de destacar inúmeros aspectos de sua vida profissional, enfatiza o espírito determinado deste intelectual, que, segundo ela, pode ser percebido na crítica direcionada às questões sociais, na força de seu trabalho, e na produção de seus livros. Segundo palavras dessa autora, Almeida Júnior tinha 18 anos e ocupava o cargo de professor de francês na Escola Normal de Pirassununga e defendia a importância da realização de concursos públicos para o preenchimento de cargos, se mostrando contrário às nomeações e à autoridade dos “mandões da terra”<sup>7</sup>. A autora destaca, ainda, a forma como esse intelectual procurou defender seus pontos de vista e buscou, através de seu conhecimento, apontar caminhos para uma mudança social.

Almeida Junior compreendia que, para se modificar a forma como os sujeitos deveriam se comportar em uma sociedade, era necessário se realizar um trabalho educativo, de saneamento dos costumes. A mudança social só seria alcançada em longo prazo, através das intervenções feitas na vida diária dos indivíduos. Para embasar suas teorias, Almeida Junior dialogou com outros intelectuais que abordavam o tema da reordenação social, entre outros temas que contribuiriam para suas reflexões.

---

<sup>5</sup> Cf Gandini

<sup>6</sup> Hoje Instituto Anchieta

<sup>7</sup> Na coleção Educadores (MEC), Raquel Gandini, relata que durante a atuação de Almeida Junior em Pirassununga, o autor se mostrou contrário ao que chamava de “politicagem” e “mandonismo local”.

Considerando essa dimensão da sociabilidade intelectual, Raquel Gandini (2010) assinala, em seu trabalho, que, em um de seus textos<sup>8</sup>, Almeida Junior procurou demonstrar a importância das redes de relação entre intelectuais atuantes no período, indicando como essa rede havia inspirado sua formação. Segundo a autora, o médico e educador deixou clara, por exemplo, a importância de um de seus mestres e do bom exemplo dado pelo mesmo na formação de seus alunos, entre os quais se incluía tanto em suas vidas em termos amplos, como em seu ofício de educador.

A Escola Normal da Capital teve, antes e depois desse período, bons diretores. Nenhum, porém, ao que me conste, pôde exercer jamais sobre os moços, no mesmo grau, a influência que exerceu Ruy de Paula Souza<sup>9</sup>. [...] Nós, por um lado, à medida que a vida nos contagiava, repetíamos com ênfase cada vez maior os mesmos comentários. Foi ele quem nos contagiou com o amor ao nosso ofício; quem nos procurou dar direção e intrepidez para a luta. Os moços que viveram sua intimidade podem assegurar que ele foi, sem nenhuma dúvida, um mestre admirável. (Almeida Júnior, 1959, p. 294-295, Apud GANDINI, p.33).

Gandini enfatiza, ainda, como Almeida Junior dava valor à troca de experiências, pois o mesmo, no texto dedicado a Ruy de Paula Souza, destaca a importância deste intelectual como mediador “entre a nossa sociedade e os visitantes franceses de categoria, como Anatole France, Doumer, Clemenceau e George Dumas” (2010, p.33), enfatizando, inclusive, a importância de Dumas, para a instalação da Universidade de São Paulo e no intercâmbio de professores franceses para a recém-criada Faculdade de Filosofia.

Heloisa Rocha (2002) destaca as influências de Gustave Le Bon, Maudsley, William James e Spencer nas obras de Almeida Júnior, sublinhando a forma como o mesmo havia procurado absorver os conhecimentos desses autores para fundamentar seus conceitos. Recorrendo a Le Bon, Almeida Júnior encontrou a fundamentação para a intervenção nas práticas educativas, ou seja, para a utilização da educação na divulgação dos preceitos higiênicos, pois Le Bon destacava que “a educação é a arte de tornar inconsciente o consciente”. Assim, a partir do momento em que os ideais higiênicos fossem trabalhados na escola, junto às crianças, aquele saber teria condições de se tornar algo “quase que inato” aos educandos, sendo incorporados aos comportamentos cotidianos.

E por que intervir na escola? Intervir na infância? Fazendo uso das ideias de Maudesley, Almeida Júnior abalizava as estratégias que utilizava para alcançar os pequenos

---

<sup>8</sup> Texto “Um mestre do meu passado: Ruy de Paula Souza”, por ocasião do falecimento de Ruy de Paula Souza.

<sup>9</sup> Ruy de Paula Souza foi professor de Francês na Escola Normal da Praça da República, e em 1908, assumiu o cargo de Diretor desta mesma instituição.

educandos, enfatizando a necessidade de se iniciar o quanto antes à educação sanitária, já que “o hábito exerce um importante papel na vida humana, à medida que opera pela automatização dos gestos, implicando significação e repouso”. (ROCHA, 2003, p.202) Dessa forma, quanto mais cedo a criança aprendesse a ter bons hábitos de higiene, mais se poderia garantir o homem sadio do futuro.

Através de William James e Spencer, Almeida Júnior pôde refletir acerca do papel do sistema nervoso, como este pode ser usado para a fixação de hábitos. Além da noção da plasticidade infantil, da forma como a educação deveria utilizar o sistema nervoso infantil como um aliado e não um inimigo, de modo a “tornar automáticas e habituais, tantas ações úteis quantas possíveis, e nos defendermos com grande cuidado de tudo que possa constituir um hábito nocivo”. Almeida Júnior se valia da discussão, “da analogia spenceriana entre o sistema nervoso e o curso de uma corrente de água sobre uma superfície lisa”. (ROCHA, 2003, p.202) A partir desse ponto de vista, o médico se valia do ideal de que as crianças são os indivíduos perfeitos para se formar uma personalidade de acordo com os saberes científicos. Assim, a publicação de sua obra esteve pautada nesse pensamento: quanto mais cedo se interviesse, mais proveitoso seria o resultado.

### 1.3 A obra a serviço da educação higiênica

Almeida Junior publicou diversos trabalhos relacionados à educação higiênica e à sua importância na remodelação social. Foi um educador e um intelectual muito atuante, tendo produzido diversos escritos de grande interesse para a educação. Entre eles, já destacamos a *Cartilha de Higiene* (1922), objeto deste estudo, e podemos sublinhar ainda *Biologia Educacional* (1931), *A escola pitoresca e outros estudos* (1934), *Elementos de anatomia e fisiologia humanas* (1935); *Lições de Medicina Legal* (1948), *Problemas do ensino superior* (1956) e, a *Escola Primária* (1959), além de diversos artigos. Em todos esses trabalhos, é possível observar seu interesse pelo espaço escolar e pela propagação dos ideais higiênicos. Em sua tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Medicina e Cirurgia da USP, em 1922, intitulada *O saneamento pela educação*, o autor enfatiza o valor da educação sanitária, figurando a mesma como instrumento privilegiado para a higienização da população (ROCHA, 2003). Interessante observar que sua tese é defendida no mesmo ano em que o autor publica a sua cartilha, um indicativo da atuação do médico e educador no intuito de

ecoar a sua voz no meio científico, mas também de, ao mesmo tempo, popularizar esse conhecimento, não permanecendo restrito ao ambiente acadêmico.

Para Almeida Júnior, saúde e educação deveriam estar aliadas no projeto de regeneração social. A sociedade como um todo precisava ser reeducada quanto aos seus modos de vestir, de se portar em sociedade, de organizar o seu lar, enfim, a educação sanitária iria contemplar os cuidados com o corpo e com o meio ambiente. Para o autor, a população deveria ter acesso à educação para que, então, os ensinamentos higiênicos pudessem realmente surtir efeito. E, para isso, aqueles que tinham em sua mão o ensinar, deveriam fazê-lo com zelo e dedicação. Na obra *Escola Pitoresca e outros estudos*, de 1938,<sup>10</sup> o autor se debruça sobre a importância da mulher como educadora e sua missão de educar e ensinar com zelo. Em seu discurso, o autor enfatiza a importância das escolhas do professor primário: “Abrem-se dois caminhos diante da vossa carreira profissional: o do bom e o do mau ensino. A escola está em vossas mãos.” (ALMEIDA JUNIOR, 1966, p.119).

O autor reforça, em seus trabalhos, a ideia de que toda a nação deveria ser envolvida pelo ideal de transformação. Reformar o Brasil só seria possível se cada indivíduo tivesse consciência de seu papel a desempenhar. Escolanovista que era, Almeida Júnior acreditava que a educação precisava ser ofertada a todos, e, para isso, a reforma do sistema escolar era necessária e imprescindível. A escola primária necessitava alcançar as massas para que os indivíduos pudessem ser orientados quanto ao seu papel como cidadãos brasileiros.

No que se refere à atuação de Almeida Júnior em relação à propagação da educação higiênica, esta, em sua visão, não deveria se restringir apenas ao setor urbano, ou melhor, à escola urbana. Sua preocupação, também dirigida à escola rural, levou-o a escrever textos que abordavam a necessidade de se modernizar também essa escola, de se elaborarem cursos de capacitação para os professores que atuariam na “roça”. “Esses cursos seriam desenvolvidos nas escolas normais, com os seguintes tópicos: ‘Hygiene rural’; ‘Problemas geraes do meio rural e da respectiva escola’; ‘O ensino commum, na escola rural; Actividades agrícolas’”. (ÁVILA, 2011, p.6).

Com o intuito de propagar o discurso acerca da intervenção sobre a escola rural, Almeida Junior publicou alguns textos, como “Os objetivos da escola primária rural”, na *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Nesse texto, Almeida Júnior questiona a função da escola rural diante de uma parcela da sociedade, que defendia que o papel dessa escola seria apenas o de profissionalizar, de forma instrumental, o homem do campo. Para muitos, a

---

<sup>10</sup> Neste trabalho faço uso da 2ª edição de *Escola Pitoresca e outros estudos*, de 1966.

escola rural deveria apenas ensinar a lidar com a roça, com os meios para se formar um bom trabalhador. Almeida Júnior acreditava na necessidade de uma escola comum, que deveria estar de acordo com as necessidades locais garantindo aos educandos da cidade, ou do campo, tanto o ensino intelectual como o profissional. No trecho abaixo, extraído da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, o médico e educador apresenta uma reflexão sobre a escola comum, proposta por ele.

#### EM FAVOR DA ESCOLA COMUM

Seja, pois, a nossa escola primária, tanto urbana como rural, democraticamente, humanamente, uma escola de ensino "comum". Destinada indistintamente a todas as crianças de oito a catorze anos — filhos do comerciante ou do fazendeiro, filhos do colono ou do operário.

— dê-lhes o mínimo (enquanto não puder dar o máximo) de educação "comum" indispensável à vida social.

Em nosso parecer, seria erro palmar cogitar da implantação, no país, de um ensino primário dual, — ou, melhor, do ensino primário propriamente dito, para a cidade, e do ensino primário "profissional" para a roça. Seria fazer da escola rural um sistema fechado, uma escola de casta, a escola do operário agrícola, ao qual, por negar-lhe o Estado o ensino comum, degradaríamos e isolaríamos cada vez mais, em vez de o elevarmos e o assimilarmos.

Parece-me encontrar na escola comum quatro elementos essenciais. O primeiro é a clientela. Destina-se o instituto a toda a população intelectualmente apta do país, seja quais forem suas condições de nascimento, de crenças, de fortuna, de distribuição regional.

O segundo elemento é o programa, que consiste no 'mínimo' de cultura necessário para a vida do cidadão 'comum', independentemente da sua profissão. Ainda por este aspecto, a escola primária é universal. Ver-se-á que, conforme a região apelará para este ou aquele material de objetivação didática, pára este ou aquele "projeto". Mas será sempre o mesmo o conteúdo do ensino.

Mede-se praticamente o "mínimo" de cultura por anos de curso. Certos países dão quatro anos; outros dão cinco; outros, seis e mais. Ultimamente, afirma-se a tendência no sentido de englobar no sistema "comum" também a escola secundária, prolongando-se até o seu término a gratuidade dos estudos.

O terceiro caráter é a finalidade. Enquanto que cada instituto profissional forma um tipo particular de técnico, a escola comum visa formar o cidadão.

Enquanto as outras diversificam e especializam, a escola comum unifica e nacionaliza. Daí a grande importância da educação primária, como elemento de coesão social e de unidade nacional.

O quarto e último caráter é a igual oportunidade a todos oferecida para manifestarem as respectivas capacidades, pois a escola comum constitui o período de sondagem biopsíquica que permite observar o indivíduo encaminhá-lo, depois, para onde o mandem as suas tendências e aptidões. (ALMEIDA JUNIOR, 1959)

No trecho acima, é possível observar a defesa, conduzida por Almeida Júnior, da importância da escola primária, fosse a urbana, ou a rural, apresentando uma perspectiva comum de formação de cidadãos. Uma escola que estivesse em sintonia com os debates educacionais que permeavam o cenário social brasileiro da época e que incorporasse, em meio a suas práticas, as lições da higiene.

Ainda como uma outra estratégia, voltada para a afirmação do receituário da higiene, Almeida Júnior teve uma importante atuação no Instituto de Higiene em São Paulo, como assistente pensionado (ROCHA, 2003). O Instituto foi criado, através de uma parceria do Estado de São Paulo com a Junta Internacional de Saúde da Fundação Rockefeller, sendo responsável por diversas ações voltadas para a divulgação dos ideais higiênicos. Nele eram produzidos materiais destinados à educação sanitária da população e à inculcação dos preceitos higiênicos. Foi durante sua atuação nesse instituto que Almeida Junior publicou a *Cartilha de Higiene*, editada por esta instituição, produzidos pela mesma em meio a outros materiais pedagógicos, que visavam uma educação em saúde da população. Muitos desses materiais eram produções voltadas para o ensino primário, as quais deveriam ser utilizadas por professores em salas de aula.

#### 1.4 Renato Kehl e a regeneração do Brasil

Figura 2 - Renato Kehl



Renato Ferraz Kehl (1889-1974) nasceu em Limeira, no interior de São Paulo. Assim como seu pai, seguiu a carreira farmacêutica, graduando-se em Farmácia na Faculdade de São Paulo, em 1909. Em 1910, Renato Kehl mudou-se para o Rio de Janeiro a fim de cursar a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Segundo Vanderlei de Souza, foi na Capital Federal que Renato Kehl começou a ter “contato com as ideias e discussões que nas primeiras décadas do século XX moldavam o pensamento social e científico brasileiros”. (2006, p.31).

Nesse período, Kehl também passou a ter contato com intelectuais, como Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Couto, entre outros, que exerceram influência em sua vida acadêmica e profissional. Souza (2006) ressalta que, durante os seis anos em que Renato Kehl se dedicou à Faculdade de Medicina, o mesmo teve contato com as ideias e obras de autores como Galton, Lamarck, Darwin, Spencer<sup>11</sup>, e outros intelectuais que imprimiram marcas em seus estudos, mas, também, no pensamento científico brasileiro do período. Foi o contato com esses estudiosos que fomentou o interesse de Kehl por questões relacionadas à raça, à hereditariedade, evolução, degeneração e, acima de tudo, pelas ideias eugênicas.

Kehl também foi o fundador da Sociedade Eugênica de São Paulo (1918), a primeira dedicada ao estudo e propagação dos ideais eugenistas na América do Sul, tendo cerca de 140 membros, em sua maioria médicos. À frente da sociedade Kehl:

“expressava suas idéias sobre o caminho que um movimento eugênico deveria tomar no Brasil afirmando que o país precisava inteirar-se dos avanços ocorridos na Europa sobre o tema da eugenia e desenvolver seus estudos sobre hereditariedade, evolução e possíveis influências do meio ambiente, das condições econômicas, da legislação, dos costumes e dos hábitos sobre a raça brasileira” (ROSA, 2005, p. 51)

Nancy Stepan(2005) e Vanderlei Souza (2013) destacam que, entre os anos de 1910 e 1920, o trabalho de Kehl se mostrava mais associado ao movimento sanitarista, tanto que, nesse período, o médico foi designado para desempenhar os serviços de propaganda e educação higiênica do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP), entre 1920 e 1927. Ao longo desses anos, mais precisamente entre 1919 e 1922, atuou como inspetor sanitário rural no Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural do DNSP, e chefe do posto de Meriti(RJ), tendo depois sido designado para atuar no Serviço de Educação e Propaganda Sanitária. Neste período, mesmo esporadicamente assumindo atitudes ambíguas quanto às questões eugênicas, defendeu, de maneira geral, um modelo de eugenia que em muito se confundia com os pressupostos da medicina social. Souza destaca que, nesse momento, as ideias de Kehl se relacionavam a uma espécie de “eugenia preventiva”, apoiada na higiene e profilaxia de doenças e atitudes viciosas e suas ações se dirigiam a uma educação sanitária da população.

A partir de 1927, Kehl deixou o Departamento Nacional de Saúde Pública, no Rio de Janeiro, e passou a atuar como diretor da Indústria Química e Farmacêutica Casa Bayer, no Brasil. Segundo a interpretação de Vanderlei Souza, podem ser observados dois momentos na trajetória de Renato Kehl: o período anterior ao trabalho na Casa Bayer, e o momento

---

<sup>11</sup> Cf. SOUZA, 2006.

posterior. Souza apresenta que, durante seu trabalho na Casa Bayer, Renato Kehl fez algumas viagens pelo norte da Europa, especialmente à Alemanha. Segundo o autor, foi nesse período que Kehl passou a anunciar uma visão mais negativa sobre o futuro do Brasil, e assumiu sua simpatia pelo eugenismo negativo. Ao retornar ao Brasil, Kehl destacou a necessidade de o país acompanhar o movimento eugênico europeu, especialmente o alemão:

Em setembro de 1928, quando do seu retorno ao Brasil, Renato Kehl argumentava, em entrevista concedida à imprensa carioca, que o que mais o impressionou, sobretudo na Alemanha, foi a preocupação “com a capacidade racial” da população e com a produção de um maior número de “homens válidos”. Após o “abalo racial” causado pela guerra mundial, explicava ele referindo-se à Primeira Guerra Mundial, a “integridade somática das nacionalidades” ainda é uma preocupação constante dos eugenistas e das autoridades públicas européias. Alguns países “apelam para a nova arma” que a ciência eugênica lhes oferece, dizia Kehl, “por meio da qual poderão constituir, no seu seio, ‘elites’ como as helênicas dos tempos heroicos”. Assim, “torna-se, pois, interessante, acompanhar o movimento eugênico europeu, sobretudo o alemão, pelo qual se aquilata de profunda preocupação aí reinante a propósito da salvação nacional pela higiene da raça”, destacava ele. (SOUZA, 2006, p. 3)

Em muitos trabalhos do médico, é possível observar, entre tantos autores que influenciaram suas pesquisas, as marcas do pensamento de Francis Galton<sup>12</sup>, cuja importância para Kehl pode ser aferida pelas referências elogiosas ao mesmo, contidas em sua obra. No livro *Pais, Médicos e Mestres*, escreve, em defesa da eugenia: “A ciência de Galton é o pedestal da religião que tem por escopo a regeneração integral da humanidade” (1939,n.p). A crença de que através desta ciência, a que chega atribuir um viés religioso, poderia se transformar a sociedade brasileira, era defendida por Kehl. Para ele, quanto mais cedo a população brasileira se conscientizasse dessa questão, melhores condições se teria de moldar a sociedade futura. Nesse propósito, Kehl publicou mais de 30 livros, além de ter participado de conferências e publicado inúmeros artigos em jornais, entre outras atividades de divulgação de ideias.

Uma nação eugênica significava uma sociedade hígida, livre da “degeneração”, causada, a seu ver, pela miscigenação. Era preciso educar, criar uma “boa geração” “através do enobrecimento físico e mental do homem” (KEHL,1929). Baseado nessas ideias, Renato Kehl passou a produzir trabalhos focados na temática da eugenia. Em 1917, seu primeiro trabalho veio a público: uma conferência na cidade de São Paulo, intitulada “Eugenia”, na qual procurou defender a importância e a pertinência do tema, no contexto social do período, em que as ideias nacionalistas estavam em debate no Brasil, e em que as discussões sobre a necessidade de se criar uma identidade nacional situava-se como um ponto central.

<sup>12</sup> Conhecido como o fundador da “Ciência Eugênica”. Ver SOUZA, 2006.

Kehl entendia que havia chegado a hora dos intelectuais e das autoridades brasileiras ocuparem a sua atenção com as idéias eugênicas propostas por Galton desde o final do século XIX.

Assim como os eugenistas norte-americanos já faziam em relação à sua população, destacava ele, seria preciso fazer também no Brasil, “estudando as condições mais favoráveis para o levantamento da raça humana e fixando as regras para as boas reproduções”. Neste sentido, Kehl entendia que a campanha eugênica deveria ser uma das preocupações máximas da imprensa nacional. (SOUZA, 2006, p. 33)

Para Kehl, o exemplo de outras nações poderia ser incorporado ao caso brasileiro, e assim, as teorias lá desenvolvidas poderiam ser aplicadas com sucesso no Brasil. Após essa conferência, Kehl passou a receber apoio de muitos outros intelectuais atuantes no período, entre os quais se situava o escritor Monteiro Lobato, que passou a manter contato permanente com Kehl, chegando a ressaltar, em uma carta dirigida ao autor: “Tu és o pai da Eugenia no Brasil”. Foi ainda além, quando disse: “Que gatinha ruim e miúda a nossa! Se com tua eugenia não consertas esta raça, tê-la-emos uma das mais sórdidas do mundo”<sup>13</sup>. Lobato foi um dos defensores do movimento sanitarista do período e enxergou na eugenia de Kehl uma das ferramentas que, aliada à educação, poderiam “sarrar” a sociedade brasileira. Aliás, o uso da educação a serviço do saneamento social também era uma das preocupações de Kehl, tanto que em *Pais, médicos e mestres* (1939), o autor se propõe a discutir os problemas da medicina, hereditariedade e da educação, sob o ponto de vista da bio-sociologia.

Nesta obra, Kehl ressalta, no prólogo:

No desempenho da tarefa a que espontaneamente obriguei-me de colaborar na orientação bio-social de Pais e Mestres, esforcei-me sempre para falar aberta e claramente tanto para merecer-lhe a confiança, quanto para alcançar sincera e indispensável cooperação a bem do melhoramento cultural e eugênico das gerações presentes e futuras.

Kehl defende seu papel de orientador daqueles que serão responsáveis pela procriação, de modo a ser constituída uma nação sadia, eugênica e regenerada. Mas, de que forma se constituiria esta nação? Através de diversas intervenções, entre elas a educativa; e, em particular, dirigida ao espaço escolar. As escolas deveriam se tornar um dos espaços de difusão dos ideais eugênicos, por diversos caminhos. Entre estes, situava-se a orientação dada a mestres e o uso de livros dirigidos a professores e às crianças que tratassem do tema.

A educação é uma arte tão difícil e espinhosa quanto mobilizante e humanitária. Para ser levada a efeito com sucesso é necessário, em certos casos averiguar se as dificuldades decorrem apenas das crianças, propriamente ditas, se dos próprios pais e mestres ou se de todos eles, tendo em vista questões de ordem psíquica, afetiva,

<sup>13</sup> Correspondência de Monteiro Lobato a Renato Kehl. São Paulo, sem data. Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC.

ambiental, questões de inabilidade educacional, de incompreensão psicológica, de falta de autoridade.

Nas condições normais, quando os pais são sadios, psiquicamente equilibrados, e os filhos vivem favoravelmente, a educação processa-se sem qualquer dificuldade. A maioria das crianças é, em geral, dócil à educação, de modo que essa docilidade dispensa, até certo ponto, conhecimento e tática psicológica. Casos há, entretanto, que requerem verdadeira arte, raramente alcançada por intuição, sendo mister adquirir - lá pelo estudo, pela observação e pela aprendizagem.

(Nota de rodapé-palestra realizada no Salão nobre da Escola Normal de Recife)

Renato Kehl seguiu um caminho comum aos intelectuais das primeiras décadas do século XX, ou seja, partilhou da crença de que o Brasil necessitava ser salvo do estado de atraso, doença e degeneração em que se encontrava, e que essa missão cabia aos detentores do saber científico:

... Kehl e os demais eugenistas e sanitaristas não escaparam dessas fronteiras do pensamento. E assim, pretenderam salvar o país das doenças físicas e mentais, através de reformas que seriam controladas por administradores da política eugênica. Para Kehl, a única salvação para este Brasil triste e deserdado era a política eugênica sanitária conduzida pelos administradores de vida. (SANTOS, 2008, p. 39)

E como esses administradores de vida poderiam conduzir o povo a essas mudanças? Como já foi assinalado, era valorizado o encaminhamento de uma série de medidas intervencionistas no espaço escolar, mas, também, ao lado disso, um outro aspecto considerado essencial para o sucesso do projeto eugênico envolvia as ações que deveriam atingir o espaço privado. Entre outras formas, os defensores da eugenia propugnavam uma ação mais efetiva do Estado sobre a população, como por exemplo, através da esterilização, do controle sobre os matrimônios, entre outras medidas. A eugenia era entendida por Kehl e outros intelectuais como a ciência capaz de regenerar a população brasileira, livrando a mesma do atraso e da decadência causados pela miscigenação. (ROSA, 2005) Para o médico, a reforma eugênica deveria começar imediatamente, só assim, com o passar dos anos, o país poderia ser salvo:

O Brasil representa uma “oficina gentium”, um grande laboratório de elementos diversos, e nele terá de elaborar-se durante muito tempo um grande metabolismo racial com a assimilação de uns e a desassimilação de outros e mediante este trabalho químico, complexo e lento, dentro de alguns séculos se obterá, apesar dos prejuízos acarretados à raça branca, uma nacionalidade melhormente caracterizada, um povo forte e varonil que talvez, se empilhará dignamente, com os melhores aquinhoados.

Entre os elementos em desassimilação contam-se os da raça negra e silvícola. Há uma verdadeira depuração destes sangues. Ninguém poderá negar que no correr dos anos desaparecerão os negros e os índios das nossas plagas assim como os produtos resultantes desta mestiçagem. A nacionalidade embranquecerá as custas de muito sabão de coco ariano. (KEHL, 1929, p. 240-241)

Kehl acreditava ser necessário atingir a coletividade, e, para isso, seus trabalhos voltavam-se para vários elementos da sociedade, mulheres, homens e crianças. O próprio Kehl se considerava um publicista, ao escrever para o público em geral:

Se me for a dado a escolher, teria sido, desde o início, o que sou atualmente, isto é, publicista-médico. Não me inclino à medicina individualista, mas a de alcance social-coletivo. Tenta-me atingir não o indivíduo isolado, mas o público, por meio dos trabalhos de higiene, de eugenia e de ética. (KEHL, 1939, p.68)

Renato Kehl dedicava-se a escrever para diversos públicos, suas obras eram carregadas de teorias, que, segundo o seu próprio entendimento, permitiriam que seus leitores alcançassem uma vida saudável e produtiva para sua pátria. O médico acreditava que, através da eugenia, se poderia regenerar a pátria. Segundo Nancy Stepan, a eugenia brasileira se diferenciava, em sua concepção, da eugenia seguida na Grã- Bretanha, Estados Unidos e Alemanha que se baseavam na concepção mendeliana, relacionada, por sua vez, à genética. A eugenia brasileira seguiu outra concepção, a lamarckiana, que se dirigia à questão da hereditariedade.

Os eugenistas brasileiros baseavam sua eugenia não na concepção mendeliana da genética, a estrutura dominante na Grã-Bretanha, nos Estados Unidos e na Alemanha, mas em uma corrente alternativa de noções lamarckianas de hereditariedade. Esse estilo de eugenia refletia conexões de longa data com a França, bem como fatores mais locais de cultura política; ajudava também a estruturar os debates sobre a degeneração e determinava como a nova genética e as ciências o saneamento interagiriam de forma inovadora na “eugenia”. (STEPAN, 2005, p. 14)

Segundo Stepan, a eugenia foi bem aceita no Brasil nas primeiras décadas do século XX, pois trazia em si um ar de modernidade: “eugenia no Brasil deve ser vista como parte de um entusiasmo generalizado pela ciência como ‘sinal’ de modernidade cultural” (p.337). Para a autora, nesse cenário onde se pretendia reformar o país, a eugenia figurava como uma importante ferramenta nesse sentido. Mas, para Kehl, a eugenia ia além de algo moderno: era mais que ciência, era religião, “religião da saúde, do corpo e do espírito-a verdadeira religião da humanidade” (KEHL, 1920, p. 29).

De acordo com essa visão, intelectuais como Renato Kehl, creditavam à questão racial a extrema pobreza de boa parte da população brasileira. De acordo com essa linha de pensamento, o pobre era pobre por ser mestiço, ou negro, por ter sua origem enraizada na escravidão. E, por isso, a eugenia seria o caminho para salvar o país, a questão social não era deixada de lado, mas os traços da hereditariedade, segundo pensavam, teriam contribuído e muito para o atraso do país.

Na segunda década do século XX, a atroz pobreza e a deplorável saúde dos pobres haviam se cristalizado na consciência pública como uma questão nacional - a questão social; o grupo que mais inquietava os médicos, os especialistas em saneamento e os reformadores brasileiros era, em sua maior parte, constituído por negros e mulatos. Esses profissionais presumiam que doenças sociais se acumulavam na base da hierarquia-sócio-racial, que os pobres eram pobres porque eram anti-higienicos, sujos, ignorantes e hereditariamente inadequados. Os preconceitos de raça e classe fundiram-se, por conseguinte, na linguagem de hereditariedade. (STEPAN, 2005, p. 47)

### 1.5 A eugenia como projeto

Com o intuito de difundir os ideais eugênicos a uma parcela maior da sociedade, Kehl dedicou-se a muitos empreendimentos que o ajudassem a atrair os olhares da sociedade para suas ideias, e, em 1929, fundou o *Boletim de Eugenia*, em São Paulo, que passou a dirigir e editar. O Boletim se destinava a ser um veículo para a publicação de artigos que defendessem “a eugenia como a ciência que oferecia soluções para os problemas nacionais brasileiros de degeneração” (ROSA, 2005, 11)

“Têm os leitores o primeiro número do Boletim de Eugenia. Aparece modestamente: pequeno formato poucas páginas. Promete pouco. Deseja apenas auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam também, orientar-se sobre o momentoso assunto.” (KEHL, 1929, V.1, N.1)

Alessandra Rosa destaca, em seu trabalho, a intenção de Kehl em fazer com que o Boletim alcançasse variados leitores, pois seus textos seriam marcados por uma adequação da linguagem científica, de modo a tornar a comunicação clara e simples. Dessa forma, a ciência defendida por Kehl poderia se popularizar e, quem sabe, conquistar novos adeptos. Kehl defendia uma eugenia negativa, que sobrepunha uma raça à outra. A eugenia negativa trazia em sua concepção a necessidade de se evitar a reprodução dos elementos vistos como degenerados, a intervenção deveria se dar na reprodução humana, evitando a procriação de indivíduos considerados doentes e degenerados. Contraria a ideia da eugenia positiva, que incentivava a reprodução dos indivíduos considerados aptos, eugenizados, como forma de se construir uma boa geração. (SOUZA, 2013) De acordo com essa visão, a miscigenação poderia ajudar no “embranquecimento” da nação. Na visão pessimista de Renato Kehl, no entanto, a mistura racial enfraquecia a nação, a impedia de se tornar forte, sadia e bela. No livro *Lições de Eugenia*, Kehl apresenta algumas de suas ideias sobre negros, mestiços:

O mulato, o mameluco e o cafuso são tipos plasticamente feios na sua generalidade. Conhecem-se belas mulatas e mulatos bonitos, mas como exceção e não como regra. Os mestiços sofrem de verdadeira dicrasia constitucional que reflete sobre o equilíbrio psíquico e mental, perturbando-o.

De acordo com a suspeita opinião de Roquete Pinto, “os mestiços manifestam do ponto de vista moral, acentuada fraqueza, apresentam a emotividade exagerada, em ótima condição para o surto dos estados passionais”

Em resumo, o cruzamento entre raças “é um fator de perturbação da evolução natural” e, portanto não constitui meio de aperfeiçoamento étnico. Os que sustentam o contrário não o fazem com fundamento científico. Sob o ponto de vista eugênico contra-indicamos toda e qualquer união de raça, isto é, entre indivíduos da raça branca com a negra, da branca com a selvagem, da branca com a amarela e assim por diante. (KEHL, 1929, p. 250-251)

A todo o momento, a fala de Kehl passa a ideia de que matrimônios inter-raciais poderiam atrapalhar o desenvolvimento da nação brasileira, mantendo a mesma em um patamar de atraso, se comparada a países europeus. Para se alcançar o aperfeiçoamento da raça, seria necessário intervir diretamente sobre a população, controlando casamentos inter-raciais e a taxa de natalidade, nesse último caso, através da esterilização compulsória dos indivíduos considerados doentes e degenerados. Através das práticas educativas de cunho sanitaria e eugenista, poderiam ser transformados “brasileiros doentes e feios em fortes e belos”.<sup>14</sup>

No texto destacado, Kehl também faz referência a outros estudiosos do período, com os quais que dialogava e por vezes discordava das ideias. Entre eles, podemos citar Gilberto Freyre, que publicou o Livro *Casa-grande e Senzala*, no qual aborda de outra forma a mistura racial no Brasil, destacando a diversidade racial a partir do ponto de vista sociológico e cultural e dando ênfase à forma como brancos, negros e índios contribuiriam para a formação social no Brasil.

Freyre procurava apresentar uma outra leitura sobre a realidade racial brasileira, fazendo coro às críticas lançadas por Roquette-Pinto e Fróes da Fonseca, durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, contra o racismo biológico. Juntos, estes autores colocavam por terra as teses racistas defendidas por eugenistas arianistas como Renato Kehl. (SOUZA, 2006, p. 7)

Nancy Stepan(2005, p.176) aponta Gilberto Freyre como importante figura intelectual da década de 1930: “a obra de Freyre forneceu as idéias fundamentais que dominaram as interpretações domésticas da história e da nacionalidade brasileiras ao longo dos trinta anos seguintes”. Para Freyre, cujas idéias rechaçavam as teorias racistas de branqueamento do país, o atraso econômico em que se encontrava o país não seria fruto de questões raciais, e sim de

---

<sup>14</sup> Ver SANTOS, 2008.

questões políticas e sociais. As ideias de Freyre se mostravam contrárias às ideias de Kehl, já que o médico eugenista temia que a miscigenação pudesse colocar em risco a procriação de brancos. Ao assumir uma visão pessimista sobre o futuro do país, Kehl acreditava que somente a raça branca poderia constituir um povo forte, belo e sadio.

Kehl procurou usar sua obra a favor de suas ideias, buscando formas de atingir a população e formar nesta uma consciência pautada nos ideais eugênicos, o que deveria se dar em sintonia com o cenário intelectual europeu. O constante diálogo com os teóricos estrangeiros poderia trazer para o país importantes mudanças sociais. Renato Kehl enfatizava ainda o valor de seu papel na reestruturação social, destacando que, espontaneamente, obrigara-se a colaborar com a orientação bio-social dos indivíduos.<sup>15</sup> Essa colaboração seria notada, dentre outras formas, através da prática educativa, já que, quanto mais cedo as crianças fossem instruídas, mais seria proveitoso o resultado. Mas, Kehl desejava poder orientar não só as crianças, mas aqueles que eram responsáveis por elas. Por isso, destacava a importância das ações voltadas para “pais e mestres”, estratégias voltadas a fim de ajudá-los a educar os pequeninos e assim poder melhorar as “gerações presentes e futuras”.

Renato Kehl dedicou-se, em sua obra, a propagar a eugenia no Brasil, sendo seu desejo manifesto o de poder tornar essa ciência a ferramenta mais usual para regenerar o país, mudando costumes, e até mesmo a fisionomia do povo brasileiro. Afinal, a eugenia envolvia a “higiene da raça” a “seleção racional”, “a aplicação total das ciências biológicas” para o aperfeiçoamento da humanidade. (SOUZA, 2006, p.5) Renato Kehl encontrou nos higienistas mentais ligados à Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) os parceiros de muitas de suas ideias radicais.

Os principais aliados de Renato Kehl neste período se caracterizaram por compartilhar de um ponto de vista mais extremado sobre as medidas eugênicas, em especial os higienistas mentais representantes da Liga Brasileira de Higiene Mental. De acordo com o historiador José R. F. Reis, muitos dos psiquiatras associados à LBHM abraçaram com bastante simpatia as medidas eugênicas mais radicais, em especial a esterilização compulsória dos “degenerados”, o controle matrimonial e a proibição para entrada de “imigrantes indesejáveis”. Do mesmo modo que Renato Kehl, higienistas mentais como Cunha Lopes, Pacheco e Silva, Henrique Roxo, entre outros, também se referiam constantemente ao modelo de higiene racial desenvolvido tanto pela eugenia quanto pela psiquiatria alemã, em especial às idéias e concepções propostas por Ernest Rudin, diretor do afamado Instituto Alemão de Pesquisas Psiquiátricas. (SOUZA, 2006, p. 174-175)

---

<sup>15</sup> No livro *Pais, médicos e mestres*, Kehl destaca seu papel como conselheiro de pais e mestres, incumbido da missão de colaborar para o aperfeiçoamento cultural e eugênico da população.

Para o sucesso das ideias eugênicas, uma maior intervenção do Estado sobre questões como matrimônios, entrada de imigrantes no Brasil, entre outros, se fazia necessária. A “profilaxia racial” só seria possível se houvesse um controle sobre os indivíduos considerados inaptos e degenerados. Indivíduos que deveriam ser impedidos de procriarem, para o bem da nação.

O homem precisa para o próprio bem, constituir uma humanidade de ‘bons animais’, organizando dentro dela a ‘aristocracia dos eugenizados. No entanto, de acordo com Renato Kehl, somente o controle matrimonial, a segregação racial e a esterilização dos ‘inaptos’ não seriam medidas suficientes para apressar o processo de ‘seleção racional’ do homem brasileiro. (SOUZA, 2006, p.5)

Era necessário que o projeto eugênico, referente a uma política biológica, seguisse algumas medidas, para que o resultado fosse proveitoso. Seguem abaixo algumas dessas medidas propostas por Kehl:

- 1.registro do pedigree das famílias;
- 2.segregação dos deficientes criminais;
- 3.esterilização dos anormais e criminosos;
- 4.neo-maltusianismo com os processos artificiais para evitar a concepção nos casos especiais de doença e miséria (controle do nascimento);
- 5.regulamentação eugênica do casamento e exame médico pré-nupcial obrigatório;
- 6.educação eugênica obrigatória nas escolas secundárias e superiores;
- 7.propaganda popular de preceitos e conceitos eugênicos;

Dessa forma, Kehl pretendia a implementação de leis que permitissem o exercício do controle sobre a população. O temperamento, os desmandos causados pelas paixões, os descontroles emocionais eram considerados herdados. Até as atividades criminosas seriam provenientes da genética. Pais desordeiros, criminosos e desregrados seriam geradores de filhos biologicamente marcados. A geração de homens “bons e maus” não dependia somente, segundo Kehl, da cultura, da religião, ou do meio social, mas também e, em sua visão, de modo privilegiado, de elementos herdados (SOUZA, 2006). Por isso, apenas cuidar dos fatores externos não resolveria o problema, daí a necessidade em cercar o homem, tanto pela educação, quanto pela genética. Entre um dos vários problemas que poderiam ser herdados, podemos situar o alcoolismo, uma das muitas preocupações dos higienistas e dos eugenistas. Em sua visão, um sujeito alcoólatra, se procriasse, poderia gerar indivíduos doentes e com marcas genéticas de sua degeneração. Daí a importância, para ele, em se controlar matrimônios e educar as crianças em relação aos efeitos nocivos do álcool.

Kehl acreditava que a educação e as mudanças referentes ao ambiente urbano não seriam suficientes para que a sociedade brasileira adquirisse uma nova forma, um equilíbrio.

Era preciso controlar a natalidade, para que se evitasse que as gerações futuras fossem herdeiras da degeneração, do descontrole, pois o “homem continuou escravo de sua natureza particularíssima (...), preso a uma força que o subjuga biologicamente, que lhe imprime o temperamento, o caráter, de modo inexorável, - a hereditariedade”. (SOUZA, 2006, p.6). Dessa forma, sem o controle, seria impossível formar uma nação moderna, potente e produtiva.

De acordo com essa visão, é possível perceber um distanciamento de Kehl dos higienistas, que consideravam acima de tudo a importância do meio social na vida dos indivíduos. A higiene se referia aos cuidados com o meio ambiente, com o lar, com os cuidados com o corpo a fim de se evitarem as doenças, os males que poderiam tornar o povo improdutivo. Essa abordagem conferia ênfase maior a uma ação preventiva, que visava educar e instruir o povo. Por isso, intelectuais como Arthur Ramos, Roquete Pinto e Gilberto Freyre defendiam que os muitos problemas sociais do período não se referiam a problemas de miscigenação, e, sim ao descaso do governo com determinados segmentos sociais. A eugenia pregada por Kehl possuía um viés negativo, que considerava a hereditariedade como a responsável pelos problemas sociais. Por essa ótica, os problemas de moradia, de falta de acesso à educação, de saúde, não seriam mais prejudiciais ao desenvolvimento do Brasil do que os problemas causados pela hereditariedade, eles apenas contribuiriam para aflorar as deformidades já existentes no indivíduo.

## 2 CARTILHAS EM FOCO: A HIGIENE EM LIÇÕES

Se, como pudemos observar, Almeida Júnior e Renato Kehl tiveram importante participação na veiculação de ideias voltadas para a reforma da sociedade brasileira, o que se deu por meio de caminhos diversos, nesse estudo meu foco está dirigido a um tipo de produção específica a que se dedicaram os dois autores: a cartilha.

### 2.1 A cartilha como modalidade de impresso e como livro escolar

Segundo Maria Inês Sucupira Stamato(1998), as cartilhas como manuais escolares estiveram presentes no Brasil desde o início do século XIX e eram utilizadas para a alfabetização e ensino da leitura. De acordo com a autora, essas obras, (editadas comumente em Portugal, -) eram constituídas pelo alfabeto e por conjuntos de letras, além de textos religiosos escritos em português e latim. O uso de cartilhas passou a ser mais frequente no ensino primário, a partir da segunda metade do século XIX, quando surgiram as primeiras obras nacionais impressas.

Com a proclamação da República, o ensino da leitura e da escrita assumiu importância crescente, em um projeto político em que a alfabetização, entre outros aspectos, representava um critério de destaque para a afirmação de um importante direito político do cidadão: o direito de voto. Como Maria Rosário Longo Mortatti(2006, p.2) destaca:

...a educação ganhou destaque como uma das utopias da modernidade. A escola, por sua vez, consolidou-se como lugar necessariamente institucionalizado para o preparo das novas gerações, com vistas a atender aos ideais do Estado republicano, pautado pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social.

A instituição escolar, entendida como local por excelência para a formação das futuras gerações, deveria estar em sintonia com os novos ideais do projeto republicano. As práticas e os materiais escolares também deveriam ser modernizados e o poder público teria que garantir às classes menos favorecidas o acesso à escola. O ensino da leitura e da escrita, que antes ficava restrito ao espaço privado do lar, ou era conduzido nas escolas do Império, com frequência localizadas nas casas dos professores, passou a envolver práticas educativas dotadas de um grau maior de planejamento e sistematização, e que deveriam ser

desenvolvidas em espaços a serem constituídos com base nesses mesmos critérios, com vistas a cumprirem de modo racional a função escolar. Segundo Mortatti, as práticas de leitura e escrita passaram, assim, a ser submetidas a ensino organizado, sistemático e intencional, demandando, para isso, a preparação de profissionais especializados. (2006, p.3)

Pesquisando sobre os livros escolares brasileiros e sua função social, Mortatti (2000) assinala que estes materiais surgiram da necessidade, já sentida em finais do século XIX, de obras nacionais para o ensino da leitura e escrita de crianças no ensino primário. Com a ascensão do regime republicano, expressou-se o interesse por parte das elites políticas e intelectuais de que os livros didáticos estivessem de acordo com a realidade brasileira. Com isso, o mercado editorial brasileiro iniciou sua expansão e encontrou na escola o espaço ideal para a circulação de suas obras e público que delas se servissem. Educar e instruir a nova pátria que se queria construir exigia ações que cercassem a população por lados diversos. Por isso, era necessária uma produção literária escolar pautada em saberes nacionais. A valorização da escola significava também uma atitude vista como moderna.

Ainda que atuando nos restritos limites do didático-pedagógico, a escola se consolida como lugar institucionalizado para o preparo das novas gerações, a fim de atender a um projeto político do Estado Republicano e não mais da igreja, pautado pela necessidade de instauração de uma nova ordem política e social. A universalização da escola assume importante papel como instrumento de modernização e progresso do Estado-Nação. Prometendo acesso de todos à cultura letrada, a instituição escolar aparece-nos, portanto, como agente de esclarecimento das “massas” iletradas e fator de civilização na busca de emancipação social e individual, saber e poder se equivalem. (MORTATTI, 2000, p.296, 297)

Com a valorização da escola e o entendimento da importância crescente de se educar a nação, a alfabetização era entendida como um instrumento privilegiado para a aquisição de saberes. Alfabetizar o povo era uma tarefa inscrita de modo indissociável no projeto de modernização da nação. Saber ler e escrever estava intimamente ligado à ideia de esclarecimento, de aquisição de novos modos e conhecimentos.

Alavancar a sociedade brasileira até os padrões considerados modernos era o desejo comum àqueles que estavam à frente de projetos de renovação da nação. Segundo a visão destes, entre os quais se situavam Almeida Júnior e Renato Kehl, a nova sociedade brasileira necessitava ser instruída, educada para se identificar como povo, como nação. As intervenções deveriam dar conta de disciplinar os corpos e o pensamento. Pretendia-se que o leitor das cartilhas internalizasse as lições e, assim, adquirisse um autocontrole em relação às atitudes vistas como viciosas. A autonomia desses educandos deveria levá-los a optar pelos bons hábitos.

É interessante observar que as obras aqui estudadas são destinadas ao ensino primário, tendo como público alvo as crianças, o que era comum se tratando das cartilhas de alfabetização, que visavam escolarizar os educandos no que se referia à sua instrução. No entanto, outros tipos de cartilhas e manuais já se mostravam presentes no cenário da sociedade brasileira, constituindo o que pode ser considerado uma tradição de textos de viés prescritivo voltados para a modelação de comportamentos sociais. Em meio a esses tipos de textos, situam-se, por exemplo, manuais de civilidade, manuais médicos, comumente dirigidos às mulheres, e às mães, em particular. Nos finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, diversos autores se dedicaram a obras que visavam civilizar o povo, as famílias, tendo como aliadas as mulheres:

Divulgar “padrões de hábitos e comportamentos” com a intenção de “acostumar o indivíduo” aos mesmos e “de abrandar suas pulsões” foi uma das metas dos manuais educativos que circularam abundantemente, no Brasil, entre finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, a que dedicaremos atenção neste texto. Estes livros, em grande parte dedicados às mães de família vistas como as primeiras educadoras de indivíduos e sociedade, tiveram circulação efetiva com a gradativa ampliação da alfabetização feminina aliada às demandas de construção de uma nação civilizada. Nesse quadro, a mediação das mulheres-leitoras assumia grande relevo, tanto através de sua ação educativa no interior do lar, quanto como professoras de crianças, contribuindo para que os ensinamentos e conselhos apresentados pelos autores se transmutassem em práticas efetivas. (MAGALDI; CUNHA, p.2;3)

Ao analisar essa modalidade de impressos, Ana Maria Magaldi e Maria Teresa Cunha assinalam que, através dos manuais dirigidos a mães, as crianças deveriam ser alcançadas, assim como as famílias, e, por extensão, a sociedade. As mulheres seriam as mediadoras entre os médicos e demais educadores da sociedade em termos mais amplos, e os lares. Por isso, a valorização da alfabetização feminina ganhou incentivadores, pois uma mulher instruída significaria uma família bem cuidada.

No texto em questão, as autoras se debruçam sobre manuais que abordavam temas dirigidos a mulheres de “boa família” a fim de distingui-las das demais através dos seus modos e maneiras. Os textos eram divididos em lições e focalizavam diferentes aspectos do comportamento das donzelas, das mulheres casadas, das mães de família. A princípio, desejava-se com esses manuais, em particular, com os manuais de civilidade, alcançar uma parcela privilegiada da sociedade, mas, em seguida, sentiu-se a necessidade de se intervir também nas famílias menos favorecidas.

O alcance destes textos formadores de bons cidadãos se inclinava inicialmente às famílias das classes mais favorecidas, com a intenção de distingui-las do restante da

população, através do refinamento de seus modos e maneiras. Mais tarde, o uso escolar desses textos passou a expressar a pretensão de se dirigir a todas as classes sociais, adaptando seus postulados às diversas condições que se estendiam à maior parte da sociedade, no caso do Brasil (MAGALDI; CUNHA p.4)

Seguindo essa linha de pensamento, alguns autores, entre eles os pesquisados neste trabalho, desenvolveram obras destinadas às mães de família para que as mesmas pudessem imprimir em seus lares os conselhos vistos como ideais para a formação de um lar sadio. Obras como “O livro das mães” (1933), de Almeida Junior, “Cartilha das mães (1937), de Martinho da Rocha, Pais, médicos e mestres” (1939), de Renato Kehl, são representativas da intenção da ordem médica de intervir no ambiente doméstico.

As cartilhas de higiene destinadas às crianças seguiam um padrão semelhante ao desses manuais médicos voltados para as mães, ainda que optassem por um outro caminho para atingir os objetivos de modelação social. No caso dos impressos aqui pesquisados, estes são dirigidos às crianças e a intervenção projetada se daria no espaço da escola, devendo as orientações médicas ser incluídas no cotidiano escolar dos pequeninos.

Com as mudanças ocorridas na sociedade e a atuação cada dia mais efetiva dos representantes da Escola Nova, nas primeiras décadas do século XX, a educação social passou a centrar-se mais na criança. Esta seria vista como o futuro da nação, e por isso mesmo sua saúde física e mental necessitava ser cuidada por aqueles que detinham o conhecimento científico. A escola considerada como o ambiente destinado à educação infantil necessitava ser envolvida pela educação higiênica “Era preciso que as orientações médicas fossem transmitidas aos alunos no dia a dia da vida escolar, sendo este o universo de atuação da vertente científica da “Higiene escolar” (MAGALDI, 2004, p.10). É nesse contexto que se inserem os livros aqui pesquisados, no movimento da atuação médica dentro da escola, através de uma produção literária que intentava ser parte da cultura escolar.

O tema higiene já se encontrava presente em programas das escolas primárias brasileiras, nas primeiras décadas do século XX. A escola primária deveria se enquadrar nos novos ditames republicanos.

À escola primária foram atribuídas inúmeras finalidades e grandes expectativas. Caberia a ela moldar o caráter das crianças, futuros trabalhadores do país, inculcando-lhes especialmente valores e virtudes morais, normas de civilidade, o amor ao trabalho, o respeito pelos superiores, o apreço pela pontualidade, pela ordem e pelo asseio. (SOUZA, 2002, p.37,38)

Durante minha pesquisa, pude ter contato com os Programas escolares da Escola Normal do ISERJ, Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro, do período de 1929. No

currículo voltado para a formação de futuros (as) professores (as), que atuariam, por sua vez, nas escolas primárias, insere-se a disciplina *Higiene e puericultura*, cujo programa, envolve os elementos apresentados abaixo:

- 1- Higiene, seu objeto, suas bases científicas, sua importância para o indivíduo e para a coletividade. Evolução da higiene. Divisões da higiene. Importância prática da educação higiênica.
- 2- Saúde – Fatores interiores e exteriores que influem sobre a saúde. Perturbações da saúde, doenças. Aperfeiçoamento da saúde. Adaptação do organismo ao meio, adaptação do meio ao organismo. Higiene, saneamento, profilaxia, saúde pública.
- 3- Ação dos fatores interiores sobre a saúde: hereditariedade, nutrição, exercício corporal, etc...
- 14- Ação da luz sobre a saúde. Iluminação, sua importância higiênica. Iluminação geral e artificial...
- 17- Cuidados corporais. Cuidados com a pele e com o couro cabeludo. Banhos, sabão, lavagem das mãos. Cuidados com a boca e os micróbios patogênicos. A escova de dentes e seu emprego. Importância do trabalho do dentista.
- 18- Cuidados com os olhos. Miopia, hipermetropia...
- 25- O problema do alcoolismo sob o ponto de vista higiênico social...
- 47- A higiene mental na escola.

O programa escolar do Curso Normal apresenta vários pontos relacionados ao ensino da higiene nas escolas. Traz conceitos e orientações para que o futuro professor pudesse nortear seu trabalho em favor da educação higiênica, cuja importância social era considerada indiscutível.

O projeto que inclui a presença da *Higiene* nos currículos das escolas republicanas envolvia como objetivo central a aquisição de novas condutas de ordem moral e higiênicas pelas crianças, de modo que as mesmas se tornassem adultos saudáveis e úteis à nação. Baseados nessa forma de pensar as crianças, os autores aqui citados enxergaram a infância como a fase ideal para se “catequizar em higiene”. Higiene aqui entendida não apenas como os cuidados com o corpo, mas também com a mente.

...a higiene tornou-se um conteúdo muito valorizado pelos professores por catalisar o sentido da atuação educadora da escola primária. A correspondência entre hábitos de higiene e boa educação tornou-se uma representação muito comum no campo educacional. Nesse sentido, a higiene, concebida como ‘ciência social por excelência’ extrapolava a defesa da saúde, como explicava Azurdia(1908,p.44), tendo por finalidade:

‘Melhorar a condição do ser, prevenir com a salubridade das habitações o ataque das moléstias e tudo isto de forma lenta e segura: melhorar a espécie, preparando indivíduos sãos, robustos; de espírito vigoroso e resolutivo que constituíam sociedades e povos conscientes do seu destino superior e humano, eis em synthese a tendência da hygiene. (SOUZA, 2002, p.63,64)

As obras aqui pesquisadas são compostas por lições que se destinavam a moldar o comportamento infantil e gerar nas crianças atitudes de comparação. Ao ler nas lições das

cartilhas como deve ser o lar higiênico e feliz, a criança era estimulada a comparar o lar idealizado das lições, com o seu lar real, assim como as posturas das mães das crianças apresentadas nos textos, com a postura de sua própria mãe. As atitudes das crianças da história deveriam ser comparadas com suas próprias atitudes. A partir daí, cada criança deveria ir assimilando, progressivamente, as lições sobre a melhor forma de andar, de se sentar, de se vestir, de se alimentar, o que a levaria a incorporar as características que a classificariam como educada, saudável e feliz.

Nessa tentativa de alcançar mais lares, é possível compreender que a ordem médica, ao produzir cartilhas voltadas para o público infantil, dava a ver a compreensão de que a formação de bons cidadão seria mais proveitosa se fosse iniciada na mais tenra idade. Ao cercar a criança com os bons exemplos, com os bons conselhos, compreendia-se ser possível obter um adulto civilizado, saudável, trabalhador e ordeiro.

Formar homens fortes, valorosos, saudáveis e aptos para o trabalho, ao lado de mulheres também úteis à família e à sociedade era uma tarefa a que a escola deveria se lançar, buscando atingir a maior amplitude possível. Dessa forma, ao localizar na criança o futuro da pátria, era preciso se pensar em que bases se pautaria a educação dos pequeninos. Esta deveria englobar a formação intelectual, moral, social e cultural dos mesmos. O espaço escolar tinha que ser o ambiente onde as ideias higienistas pudessem ser transmitidas e assimiladas na vida dos educandos. Mas, através de que meios? Que linguagem utilizar? Que imagens representariam o que se pretendia ensinar? Profissionais envolvidos com a temática educacional entenderam que a educação higiênica poderia ser transmitida através de imagens e palavras, e para isso, a publicação de manuais escolares e cartilhas figurou como um dos dispositivos capazes de pôr em circulação, no âmbito escolar, os preceitos higiênicos, “cuja aquisição deveria culminar numa vida saudável e civilizada” (ROCHA, 2011, p.163).

Ao fazerem uso do recurso “cartilha”, Almeida Junior e Renato Kehl dialogaram com a cultura escolar observada então, nas instituições voltadas para o ensino primário, em que esse tipo de material escolar se apresentava como instrumento privilegiado para repassar aos pequenos educandos modos e formas de conduta (MORTATTI, 2006). As cartilhas surgiram como materiais impressos que permitiam a divulgação dos métodos considerados ideais para a formação dos indivíduos no que tange à alfabetização, ao ensino das primeiras letras, à formação dos costumes, à correção dos hábitos considerados perniciosos e insalubres e também para a formação moral e religiosa dos indivíduos.

No trabalho de Francisca Isabel Maciel (2002), a autora se debruça sobre as cartilhas de alfabetização, tendo como um de seus interesses, a história das cartilhas. E, ao iniciar seu

trabalho, procurou nos dicionários os significados atribuídos à palavra “cartilha” e as fontes pesquisadas traziam a noção de ensinar/aprender a ler. Fica expressa uma atitude de ação e reação, indicando o que se espera do professor e de seus alunos, o papel que ambos deveriam desempenhar. Algumas pesquisadoras, como Mary Júlia Dietzsch e Maria Mortatti, também desenvolveram estudos abordando o papel das cartilhas na educação primária.

Mary Júlia Dietzsch (1990) focaliza a questão do discurso presente nas cartilhas e da forma como este é notado com o passar dos anos. Para a autora, “o discurso das cartilhas revela-se como um discurso da “não pessoa”, em que é limitado o espaço para a interlocução” (p.35). Os autores imaginavam o leitor pronto a receber as influências externas, apto a apreender os modos e formas de agir. As lições prescrevem comportamentos, definem o que é certo e errado, não existindo o meio termo.

Analisando o conteúdo das cartilhas, é possível também notar a imagem que os autores fazem de seus leitores, os destinatários para quem escrevem, e de si mesmos. Recorrendo a Pêcheux, Dietzsch(1990) afirma que “quando alguém se dirige a outro, aquilo que diz e as formas como diz estão impregnadas das imagens que o locutor faz de seu ouvinte.”(p.38). Sendo assim, é coerente dizer que cada cena, cada prescrição, representa o olhar dos autores sobre seu público. Evidencia o debate em que os mesmos estavam inseridos, a imagem que fazem de seus leitores e como acreditam que são vistos pelos mesmos. Ao se colocarem como os responsáveis por escreverem uma obra que orientasse crianças, família e escola, os autores conferem a si mesmos o papel de detentores de uma voz carregada de legitimidade científica.

Ainda seguindo a temática de definição do objeto cartilha, Carlota Boto(2004) apresenta que a palavra “cartilha constitui um desdobramento da palavra ‘cartinha’ que, em língua portuguesa” era usada para identificar os textos impressos que possuíam o propósito de ensinar a ler, escrever e contar. Em seu trabalho, a autora analisa a publicação portuguesa intitulada “Cartilha Nacional”, de autoria de Francisco Júlio Caldas Aulete, publicada em 1870. Essa cartilha, segundo a autora, mais que ensinar a ler e escrever, apresentava em seu bojo um projeto de nação “civilidade, civismo e civilização” que se alinhavam ao ensino inicial na escola primária.

Percebe-se, no decorrer da própria cartilha, o intento civilizatório nitidamente indicado. À escolarização caberá conferir hábitos: para as crianças e também para seus pais. Os alunos deveriam multiplicar os ensinamentos escolares em seus lares, de tal modo que, indiretamente, os pais pudessem também se beneficiar da escolarização e das visões e versões de mundo por ela apresentada. (BOTO, 2004, p. 508)

Através das cartilhas de alfabetização, seria possível ensinar aos educandos os saberes considerados pertinentes para a formação de um povo civilizado e em sintonia com os propósitos de sua nação. Através dos escolares, suas famílias também seriam alcançadas, os ensinamentos adquiridos em sala de aula também deveriam chegar a seus pais. O projeto civilizatório almejava uma mudança nas práticas sociais cotidianas. Daí a necessidade de se intervir cotidianamente na vida dos indivíduos.

Em nosso caso, as cartilhas de higiene trilhavam o mesmo caminho, traziam em seu bojo os ideais de civilização que seus autores defendiam. Através de suas obras, os pequenos educandos eram colocados diante dos exemplos de conduta, apoiadas em noções precisas sobre o certo e o errado. Nessa perspectiva, a educação deveria centrar-se na criança, em sua vida, suas atividades e assim, através dos dispositivos escolares como as cartilhas, seria possível intervir na vida doméstica de modo a modificar hábitos e formas de conduta.

Com o intuito de propagar os preceitos higienistas a uma maior parcela da sociedade brasileira, representantes da intelectualidade como educadores, médicos, editores, entre outros, encontraram na publicação de impressos um veículo para a transmissão de seus ideais. Através de livros e cartilhas, o ideal higiênico poderia tomar forma e corpo e chegar as mãos dos destinatários visados. A publicação de cartilhas de higiene destinadas às escolas primárias representam esse movimento de se intervir na sociedade com o intuito de formar e reformar.

O livro didático surge como o objeto capaz de estar sempre acessível ao leitor, com ele o educando poderia sempre recorrer a seus ensinamentos. O que escapasse de sua memória poderia ser revisto no livro (CERTEAU,1994) Utilizar o livro para a perpetuação dos ensinamentos para a civilidade, aparece como uma bela estratégia dos autores para formarem leitores, mas a “leitura, conforme Certeau (1994), não se deixa fixar e não possui reservas, o livro se tornará, então, aquilo que se pode guardar numa estante, numa mesa, na memória”. (GOULART, 2009, p.3)

Se, por um lado, era importante facilitar o acesso a esses objetos de leitura, por outro, era necessário que essa leitura fosse internalizada pelos educandos. Os preceitos higiênicos deveriam não apenas ficar na memória, mas tinham que se tornar práticas cotidianas, e o livro escolar era um meio da maior importância para a concretização dessa ideia, devendo ser destacada, para isso, a atuação do professor. Circe Bittencourt(1996) apresenta que o livro didático foi elaborado com o intuito de fazer com que a leitura se concretizasse a partir de dois momentos:

O primeiro momento era mediado pelo professor, o agente organizador da leitura em grupo. Os alunos deveriam ler em voz alta, na sala de aula, dividindo a leitura com seus companheiros de classe. O livro de leitura ou manual escolar inscrevia-se no tecido de uma sociabilidade comunitária, característica de uma prática popular. A sequência da leitura didática, ou a etapa seguinte da leitura, levava-o a partilhar uma prática erudita e individualizada. O aluno teria que 'privatizar' sua leitura, lendo individualmente para decorar textos ou realizar os exercícios pedagógicos ou outras formas de fixação da leitura. (BITTENCOURT, 1986, p. 7)

O livro escolar tinha essa função de fazer com que os educandos tivessem acesso à leitura, tornando-a uma prática. Em muitos casos, o livro escolar poderia ser o único contato do educando com o objeto livro, por isso, cabia ao professor mediar essa relação e incentivar o gosto pela leitura. Assim, as cartilhas, ao prescreverem normas e formas de conduta para a criança, não poderiam sozinhas moldar comportamentos, necessitando, estar inseridas em um espaço mais amplo, ou seja, a sala de aula, contexto em que assume destaque o papel do professor. Em um segundo momento, tratava-se daquela leitura ser apropriada pelo leitor de modo a conduzir a novas práticas.

## **2.2 Cartilha: objeto cultural e documento**

Segundo Le Goff (1984), os documentos têm em si um caráter de monumento, e, após várias etapas de seleção, observadas desde que são produzidos, são o resultado da escolha do pesquisador.

Neste trabalho, focalizo duas publicações dos médicos e autores Almeida Junior e Renato Kehl, que usaram o dispositivo cartilha para mediar a relação entre os escolares e os preceitos higiênicos. A escolha dessas duas cartilhas em particular se deveu ao fato de ter observado que as mesmas eram obras representativas da intervenção médico-higienista no espaço escolar. Além disso, foi considerado o fato de serem obras homônimas de autoria de dois representantes da ordem médica que, cada um a seu modo, defendiam e atuavam a fim de intervir nos modos de vida da população. Nos textos dessas cartilhas, podem ser percebidas características discursivas comuns a outros livros do gênero, como a presença das formas imperativa, interrogativa e normativa. Não há espaço para outra opinião, sendo sugerido que o leitor deveria seguir o que lhe era apresentado, pois, dessa forma iria conservar sua saúde e assim estaria agindo de forma correta.

O objeto que aqui se denomina cartilha é utilizado como testemunho de discursos enunciados à época, que pode nos fornecer subsídios para compreender modos e costumes que se desejavam incutir na população. São documentos históricos produtos das relações socioculturais que se referem a práticas presentes na escola e também fora dela. Abordar essas obras permite contribuir para ampliar o debate acerca dos objetos culturais, pois as cartilhas são obras que trazem em si marcas de uma configuração social que se pretendia construir. (CARVALHO; TOLEDO, 2007). Esses materiais apresentam em seu bojo conselhos que estavam em sintonia com o ideário republicano, no que se refere ao cidadão e à nação desejados, no que era entendido ser importante em termos de civilização, como hábitos morais, higiênicos, cívicos, regras de civilidade, ordem, família, disciplina e trabalho.

As cartilhas podem ser entendidas como patrimônios culturais, por meio dos quais é possível acessar dados sobre o passado, dados que precisam ser questionados, como ocorre no caso de qualquer fonte documental. Interrogar as fontes documentais situa-se como um procedimento inerente ao trabalho do historiador, o que se aplica também no caso das cartilhas. Estas, como qualquer outra fonte documental, são dotadas de subjetividade e sua produção envolve intencionalidades. No caso, pode-se indicar que apresentam, a partir de uma postura consciente de seus autores, imagens que se pretendia passar às futuras gerações.

Antonio Castillo Gómez (2003) considera o livro uma produção cultural, por aquilo que pretende enunciar e que de fato representa para quem lê: “Cada produção cultural, um quadro ou um livro, enuncia também uma determinada imagem daquilo que representa, que se constitui na medida em que existe um sujeito receptor do mesmo, seja o espectador de um quadro ou o leitor de um texto”(p.113).<sup>16</sup> Neste sentido, o texto existe, porque há um leitor que lhe dá significado. No caso do tipo de texto prescritivo trabalhado, trata-se uma produção cultural indicativa do que sociedade queria construir, dentro de que padrões e de que lógica. É um objeto que contém representações, entre as quais aquelas relacionadas à escola, à criança e à sua família, as quais serão objeto de análise no próximo capítulo.

As obras aqui pesquisadas estão sendo consideradas nesse trabalho como fonte e objeto de estudo, pois, além dos conteúdos transmitidos nas mesmas, esses materiais carregam em si informações sobre sua função como recurso e estratégia de intervenção na rotina dos escolares. Abrem para nós a possibilidade de discutirmos sua materialidade e função, dentro de um planejamento oficial que visava, através da escola, intervir no espaço

---

<sup>16</sup> Tradução livre

privado. Tais objetos de leitura devem ser valorizados por conter marcas da intervenção científica no modo de vida da população, possibilitando-nos refletir sobre as estratégias, os recursos visuais e linguísticos utilizados por seus autores na transmissão de suas ideias. Estudar essas cartilhas representa uma tentativa de contribuir para a ampliação do debate acerca dos objetos culturais e dos dispositivos de conformação utilizados por representantes da intelectualidade brasileira atuantes à época.

Eleger essas obras como objeto de estudo nos permite dar ênfase aos usos dados às disciplinas e aos saberes escolares, com o intuito de normalizar práticas e inculcar novas formas de conduta. Nos leva também a pensar até que ponto esses ensinamentos eram seguidos. De que forma os autores representavam seus leitores? Muitas vezes as representações feitas pelos autores em relação aos destinatários parecem singulares, mas os leitores são plurais. (CHARTIER,1990). Pensando na pluralidade dos leitores, talvez seja possível construir hipóteses para entender o porquê de tantas ações, publicações e medidas que visavam higienizar os modos e costumes da população brasileira, medidas que não ficavam restritas à capital Federal, mas se tornaram recorrentes em outras cidades do país.

Conhecer a materialidade desses objetos culturais abre-nos a possibilidade de conhecer as estratégias utilizadas em suas edições, no que se refere ao que se pretendia prescrever e ao público que se desejava atingir (CARVALHO; TOLEDO, 2007). Pesquisar as cartilhas de higiene nos permite uma aproximação com o passado e o contato com esses dispositivos nos ajuda a conhecer mais sobre os discursos e as práticas presentes na escola.

Sobre as obras aqui analisadas, estas foram editadas em brochura e tamanho pequeno (Ambas estampam em suas capas a figura que representava o futuro da nação: as crianças. Conhecer a materialidade desses objetos nos possibilita acessar indícios de estratégias utilizadas em suas edições, no que se refere ao que se pretendia prescrever e que público se desejava atingir (CARVALHO; TOLEDO,2007). Ainda sobre a materialidade das cartilhas, assumem importância, nesse estudo, a forma como estão configuradas sua capa, contracapa, folha de rosto, ilustrações, estrutura e organização das lições.

Ambas as cartilhas possuem o formato pequeno, de aproximadamente 19,5 cm x 14,5cm, com edição tipo brochura e capa dura. O fato de as duas cartilhas serem produzidas em brochura pode representar um indicativo de uma prática recorrente dos editores nesse período: o de baratear os custos das publicações, a fim de que as mesmas fossem acessíveis aos professores (CARVALHO E TOLEDO, 2007), já que estes figuravam como aqueles que passariam as lições de higiene para as crianças. Nas duas obras, os autores, em suas epígrafes,

se dirigem aos professores, indicando também que as lições abrangiam as crianças, suas famílias e os mestres.

A cartilha de Almeida Junior possui 42 páginas, a cartilha de Kehl, 48 páginas. As obras são divididas em lições, acompanhadas por ilustrações que ajudam a reforçar o que seus autores pretendiam inculcar em seus leitores. Segundo Heloísa Rocha (2011), observa-se um recurso utilizado pelos autores, muito comum em outros livros didáticos e não didáticos do período: o de estigmatizar os comportamentos considerados perniciosos e de valorizar os tidos como corretos e bons. Os futuros cidadãos deveriam ser educados de forma a virem a contribuir com o progresso da sociedade. De que forma se daria esse progresso? Segundo esse viés, através do cuidado com a saúde das crianças a fim de prevenir moléstias que colocassem em risco a sociedade.

Nos livros de leitura, assim como nas cartilhas, nos livros infantis e nas edições voltadas para um público mais amplo, a retórica da saúde e da educação ganha um espaço importante, na década de 1920, oferecendo às crianças das escolas primárias um *guia de vida*, configurado segundo os imperativos da higiene. Palavras e imagens que encenam a regra e as reprováveis transgressões articulam-se, procurando inscrever a vida cotidiana em práticas de cuidado com o corpo, com a roupa e com o ambiente doméstico. (ROCHA, 2011, p.19)

Ao fazerem uso da literatura escolar como forma de comunicação com o público, os autores conferiam à escrita o poder de convencimento de seu público. O livro pode levar ao estabelecimento de uma intimidade, uma cumplicidade com seus leitores e assim levá-los a apreender as ideias de seus autores. Daí, também, pode-se entender o valor que esses intelectuais davam à alfabetização, pois, segundo sua compreensão, um povo analfabeto não poderia ler e assim aprender os ensinamentos prescritos. Alfabetizar, educar e sanear apresentava-se, indiscutivelmente, como um dos caminhos para se formar um novo povo e uma nova pátria.

Ambos os autores fazem uso de imagens para reforçar suas ideias. Cada frase, cada imagem explicita a intenção dos autores em regular, remodelar o comportamento infantil e, através de suas obras, intervir nas famílias, reorganizando o cotidiano destas a fim de, pouco a pouco, movimentar a nação. E, assim, através da associação entre saúde e educação, “salvar a pátria”.

### 2.3 Cartilha de Higiene- Almeida Junior

Durante a pesquisa, não foi possível ter contato com a 1ª edição da *Cartilha de Higiene* de Almeida Junior (1922), sendo, então, utilizada a 16ª edição (1938). Apesar da distância temporal entre as duas edições, acreditamos ser possível fazer essa análise, recorrendo a outras autoras que se aventuraram a realizar pesquisas centradas em cartilhas. Mary Julia Dietzsch(1990) discorre sobre o uso de cartilhas nas escolas brasileiras, entre elas a *Cartilha de Higiene*, de Almeida Junior, e, em sua pesquisa, a autora traz a visão de que nas várias edições de uma mesma cartilha não foram verificadas mudanças significativas em seu conteúdo.

O discurso das cartilhas revela-se como um discurso da “não pessoa”, em que é limitado o espaço para a interlocução. O exame de diferentes edições de uma mesma cartilha demonstra que não ocorrem, nas cartilhas, ao longo do tempo, mudanças significativas, a não ser em sua apresentação gráfica. (DIETZCH, 1990, p.35)

A edição aqui pesquisada encontra-se disponível para consulta no acervo do Centro de Memória Institucional do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ). A outra cartilha aqui pesquisada, *Cartilha de Higiene*, de Renato Kehl, encontra-se disponível para consulta na Biblioteca Nacional, e, para a nossa análise, fizemos uso de sua 1ª edição (1936).

A *Cartilha de Higiene* foi elaborada por Almeida Junior no Instituto de Higiene de São Paulo. Sua primeira edição foi publicada em 1922, pela Monteiro Lobato & Cia. Editores. A obra é composta por textos que abordavam temas relativos aos cuidados com o corpo e o lar. As histórias possuem ilustrações de Belmonte<sup>17</sup> A edição que aqui utilizamos para análise foi reeditada pela Companhia Editora Nacional. Vale destacar o quanto a obra teve significativa importância no cenário educacional do período, pois, em 1928, reeditada pela Cia Editora Nacional, a *Cartilha de Higiene* já estava na 10ª edição, continuando a ser reeditada até 1940, período em que, segundo a editora, foram produzidos 43.575 exemplares da obra.<sup>18</sup> É interessante observar que, em dezesseis anos, foram publicadas dezesseis edições do livro. Isso indica que a obra teve importância e validade no cenário educacional, o que

<sup>17</sup> Benedito de Barros Barreto, jornalista, caricaturista, pintor, ilustrador e escritor paulista. Foi considerado um cronista da política brasileira dos anos 1920/1940. Belmonte ilustrou muitos livros, dentre eles algumas obras de Monteiro Lobato, como *Emília no país da gramática*, em 1934, também foi o criador do personagem Juca Pato, através do qual fazia críticas a política brasileira. Ao lado de Lobato, deu forma ao personagem Jeca Tatu.

<sup>18</sup> Ver site da Fundação Mário Covas;

justificado, entre outras razões, seu estudo e a relevância de sua pesquisa para a história da educação.

A capa da cartilha apresenta o título da obra em letras grandes, traz uma ilustração com uma grande árvore e uma mesa como que em torno da árvore. Sobre ela, o Saci-Pererê, personagem identificado a lendas de cunho nacional, em uma das suas mãos, segura uma placa com os dizeres “pela felicidade e pela grandeza do Brasil”. Esse personagem símbolo do folclore nacional aparece como aquele que está ensinando. Vale ressaltar que esse personagem aparece destacado na capa e, mantém-se presente ao longo de todo o livro, indicando o uso da cultura popular a favor dos ideais higiênicos, em prol da formação de uma identidade nacional. A voz científica se vale, então, de recursos populares para aproximar-se da população, utilizando-os como valiosos instrumentos no projeto de reforma social. O autor mostrava dialogar com outros intelectuais de seu tempo, como Roquete Pinto e Gilberto Freyre, que viam o uso da pluralidade cultural, do folclore, como um caminho para se construir uma identidade, um conceito de pátria.

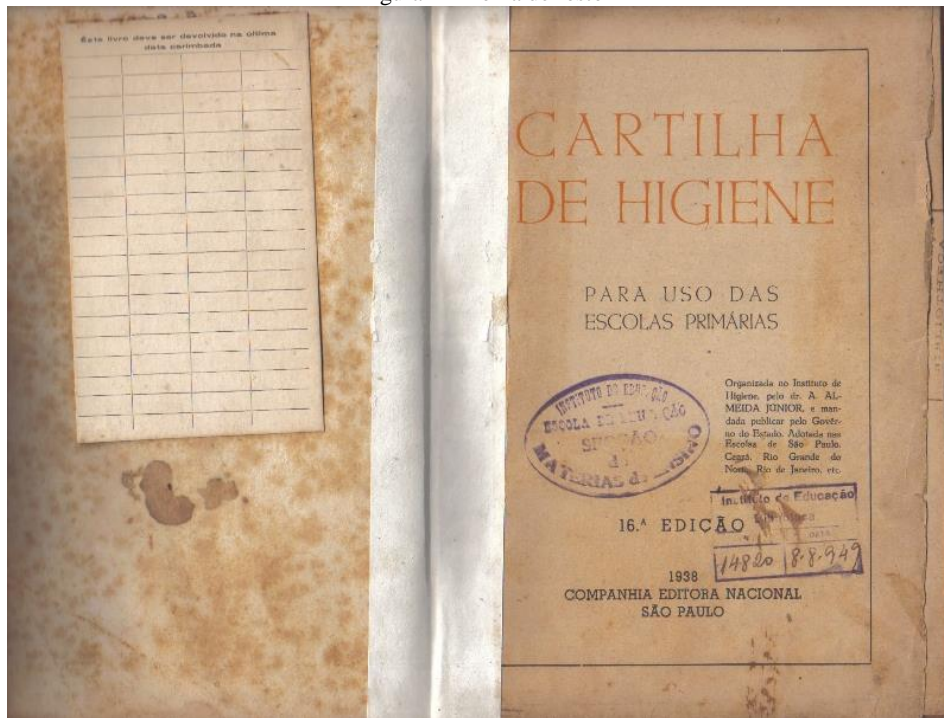
Sobre a mesa, há vários objetos, como baldes, escova, água, objetos que remetem à ideia de limpeza e, em torno da mesa, situam-se crianças que parecem ser de diferentes regiões do país. Apresentam-se, na imagem, entre outras figuras, um menino com um lenço no pescoço lembrando um habitante da região Sul - ou mesmo, de forma menos específica, um morador rural -, uma menina com um lenço na cabeça, lembrando uma dona de casa, e uma outra criança usando um jaleco branco. Parecem representações de papéis que essas crianças poderiam representar no futuro: o médico, a dona de casa, o homem do campo, os moradores dos centros urbanos.

A mensagem que a capa nos sugere é a de mudança, parecendo estabelecer uma associação entre a limpeza e o progresso. A árvore como a vida, as crianças, os futuros cidadãos, enfim, todos envolvidos para melhorar, transformar a vida da nação. Para isso, todos estavam convocados a participar, cada qual desempenhando seu papel, alguns ensinando, outros aprendendo. A nação que, como uma árvore bem cuidada, poderia dar bons frutos a todos que se servissem dela.

O livro era destinado às escolas primárias, mas seus ensinamentos serviriam não apenas às crianças, mas às suas famílias também. Afinal, os conselhos higiênicos, segundo a crença de seu autor, poderiam melhorar a vida da população. A “reforma dos costumes” Rocha (2011) proposta na obra de Almeida Junior não pretendia ficar restrita ao espaço escolar, devendo, sim, circular entre os lares.



Figura 4 - Folha de rosto



## 2.4 Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde – Renato Kehl

“Este pequeno volume deve ser tido como modelo no gênero”.  
(O GLOBO, 1936)

A homônima cartilha de Kehl assim era apresentada a seus leitores, como um livro modelo. Em outra propaganda da obra, na Revista *Sul América*, a cartilha é apresentada como uma obra “destinada a favorecer o aprendizado das primeiras letras ao mesmo tempo em que inculca preceitos de higiene às crianças”.

Não só a cartilha é exaltada, mas seu autor também, sendo ressaltados, na mesma propaganda, a sua importância e o reconhecimento obtido, indicativos da aproximação deste eugenista com a produção voltada para o espaço escolar. Renato Kehl já era um autor renomado por suas obras dirigidas a “salvar a pátria” dos males que, para ele, de acordo com o pensamento eugenista, significariam a “perdição da mesma”. Para Kehl, a eugenia era a “Higiene de base”, e suas obras, voltadas para regular comportamentos, contendo prescrições sobre como educar filhos, como curar a fealdade, como servir a pátria, serviam como base para conferir ao autor uma voz dotada de autoridade para a educação higiênica nas escolas:

“Tratando-se de um grande médico e didata que conseguiu vasta nomeada com suas obras sobre higiene, ninguém poderá estranhar a habilidade com que ele escolheu vocabulário acessível à primeira infância e o aplicou com simplicidade e de forma leve”.(Revista Sul América,1936,sem página)

A homônima *Cartilha de Higiene: Alfabeto da saúde*, foi publicada em 1936, pela Livraria Francisco Alves, com ilustrações de Accquarone<sup>19</sup>. A cartilha de Kehl, ao contrário da cartilha de Almeida Junior, não inclui, em suas ilustrações, cenas coloridas, sendo todos os desenhos que dialogam com o texto escrito, apresentados em preto e branco. Como as ilustrações também fazem parte do texto e dialogam com os temas propostos e com o que se queria inculcar no mundo infantil<sup>20</sup>. As imagens aparecem como representações daquilo que os seus autores pretendiam ensinar. Elas estão diretamente ligadas ao texto, representam um ideal e podem se fixar na mente infantil. Todas apresentam ligações com seus criadores e com os que a lêem. “Não há imagens como representações visuais que não tenham surgido na mente daqueles que as produziram, do mesmo modo que não há imagens mentais que não tenham alguma origem no mundo concreto dos objetos visuais” (SANTAELLA; NÖTH,1997p. 15);

Acredito que imagens em preto e branco remetessem a ideia de “construção”. Aquelas mensagens estariam construindo na vida dos leitores novos conceitos e um novo modo de vida. Além do fato que imagens coloridas as vezes podem levar o leitor a se distrair, e essa distração poderia tirar o foco do leitor daquilo que o autor pretendia explorar.<sup>21</sup>

A capa da cartilha apresenta o título da obra em letras grandes, o nome do autor, do ilustrador e as referências da editora, sendo composta em tons de cinza e amarelo. A ilustração da capa apresenta no centro um menino vestindo trajes de banho, segurando em uma de suas mãos uma bola. A aparência do menino traduz muito do conteúdo da cartilha e da vasta obra de Renato Kehl. Um menino forte, belo, saudável, branco e que pratica atividades físicas. Ao fundo, é possível ver o mar, uma criança brincando na areia no lado esquerdo da ilustração e, ao lado direito, duas mulheres usando chapéus e guarda sol para se

<sup>19</sup>Francisco Accquarone, jornalista e ilustrador, a partir de 1918 trabalhou no periódico Dom Quixote.

<sup>20</sup> No site [www.historiaearte.net](http://www.historiaearte.net) o ilustrador Robert Rajabally apresenta acerca da ilustração que... uma ilustração sempre estará acompanhando algo, servindo para transmitir visualmente o conceito do texto ou outra forma de comunicação a que estiver associada. Sozinho, ela poderá ser um desenho ou uma pintura, pois não estará ilustrando nada. Ilustrar é, portanto: descrever com imagens um conceito, texto ou produto, especialmente ampliando sua visualização para além do que apenas palavras isoladas podem transmitir.

<sup>21</sup> Célia Abicalil Belmiro(2000) “A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português”apresenta algumas considerações sobre o uso de imagens em livros didáticos..

protegerem do sol, situação que remete a uma outra indicação dos conselhos do autor. A imagem representada na capa da cartilha de Kehl é sugestiva do extenso trabalho deste autor que ligava a higiene da nação à eugenia da mesma. Durante minha pesquisa também pude ter contato com a 2ª edição da obra, publicada pela mesma editora em 1985 e não encontrei registros de outras reedições. Nessa obra, o título foi alterado para *Alfabeto da Saúde*, e sua capa apresenta as letras *H*, *E* e *L* sobressalentes e com imagens em miniatura referentes à lição correspondente à letra.

Na folha de rosto, aparecem o título da obra, os nomes do autor e ilustrador e a ilustração de uma bela fada, com uma varinha de condão, em uma das mãos e na outra um livro. A fada de nome Hygia, havia sido personagem de destaque de outra obra do mesmo autor, intitulada “Fada Hygia” e era apresentada em uma expressão sugerindo bondade, e cercada por crianças que aparecem ouvindo atentamente seus ensinamentos. Essa ilustração mostra-se carregada de significados: a higiene é apresentada como aquela que vai conduzir as crianças à felicidade, assim como nos contos de fadas, onde os príncipes e as princesas contam com as personagens de bondosas fadas para os ajudar em seus dilemas. A associação entre higiene e contos de fadas sugere a aproximação que o autor procura estabelecer com o universo infantil. Assim como os contos de fadas, a *Cartilha de higiene* seria uma produção voltada particularmente para o público infantil, no entanto, era esperado que a mesma circulasse entre os adultos, as professoras, os pais dos alunos, que poderiam também incentivar a leitura das crianças.

Esperava-se que a cartilha circulasse no cenário educacional com o mesmo êxito que sua antecessora *Fada Hygia*, afinal o diálogo entre os dois trabalhos é constante. Em *Fada Hygia* o autor aborda a importância da higiene na vida da população, alertando para o perigo das doenças, indicando como as epidemias podem dizimar populações, povoados inteiros. Orientando as crianças sobre males que atingiriam outros países, como a “peste negra” e a “gripe espanhola”. Em alguns momentos, o autor informa aos pequenos leitores, que em tempos antigos, não se conhecia a higiene, nem mesmo os reis e rainhas, e que apesar de toda a riqueza que possuíam, não conseguiam se livrar das doenças, pois muitos deles desconheciam o hábito de tomar banho. E que se os ricos assim viviam, imaginem os pobres. Após essa digressão, o autor assinalava, parecendo ter como intenção atingir um público específico constituído dos segmentos populares, que era melhor viver na pobreza e ter bons hábitos de higiene, do que ser rico e doente.

A cartilha de Kehl segue a mesma linha desenvolvida na obra de Almeida Jr., visando a “regeneração” da nação, através da mudança de hábitos. O autor aborda temas relacionados

à família, à infância e à escola. Na apresentação do livro, se dirige aos professores, expõe os objetivos que norteiam seu trabalho, situando a obra como um instrumento a ser usado pelos mestres: “Ofereço-a ao professorado primário como guia sugestivo e persuasivo de noções elementares condizentes com a preservação da saúde”.(KEHL,1936,n.p)

O abecedário de bons hábitos composto por Kehl busca, a todo o momento, instruir o seu leitor acerca de como deveria ser sua rotina. Como afirma Heloísa Rocha, “higiene e boa educação compõem os pilares da educação higiênica”(2011,p.167), e são termos presentes no decorrer da cartilha. As lições focalizam o asseio com o corpo, com os alimentos. Cada letra vem carregada de uma sugestão, que indica como o leitor poderia ter uma vida saudável e feliz.

Figura 5 - Capa da Cartilha de Higiene, 1ª Ed. 1936

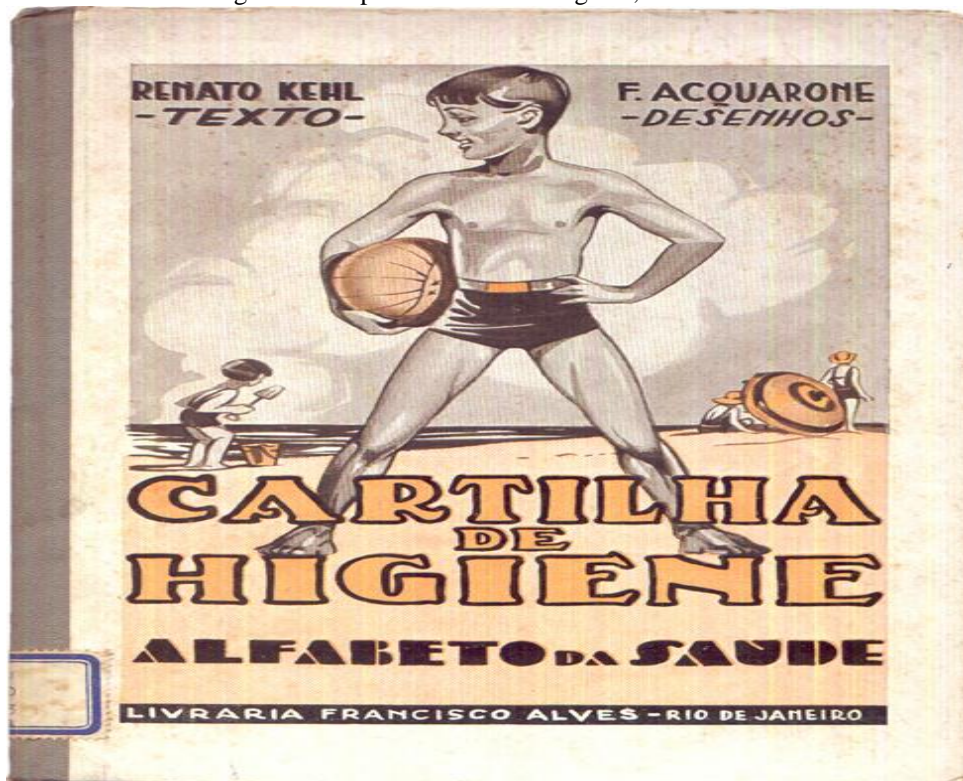


Figura 6 - Folha de rosto

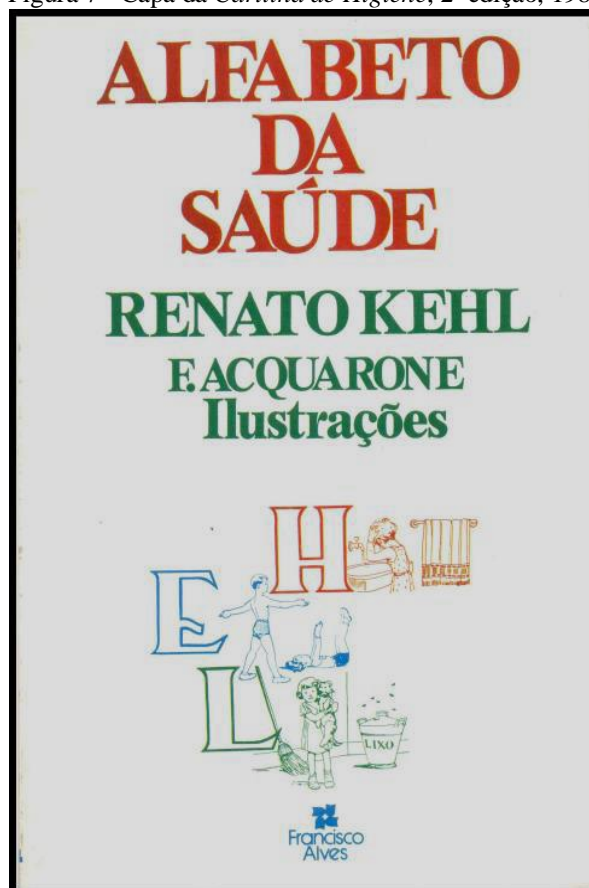
Figura 7 - Capa da *Cartilha de Higiene*, 2ª edição, 1985

Figura 8 - Capa de *Fada Hygia*. 1925



## 2.5 As lições e sua forma de apresentação

As cartilhas são diferentes em sua estrutura. A *Cartilha de Higiene*, de Almeida Junior, é dividida em 35 lições, todas acompanhadas de ilustrações que ajudam a reforçar os conselhos do autor. Elas são precedidas pelo texto intitulado “Educação Higiênica”, no qual, segundo Heloisa Rocha, é possível observar um retorno do autor ao eixo temático de sua tese de doutoramento: o “saneamento da nação”. Para Almeida Junior, a “criança deve ser tão instruída em higiene como em língua pátria ou em números”, sendo a aliança entre saúde e educação vista como fundamental para a concretização do projeto higiênico. O recurso utilizado para as ilustrações é o das tirinhas que lembram as histórias em quadrinhos.

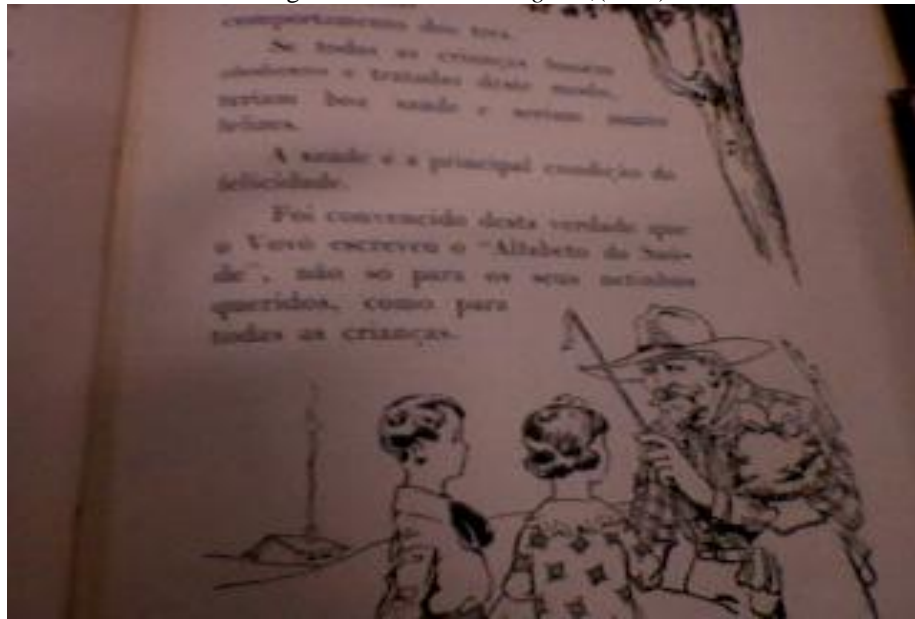
As lições eram dedicadas a ensinar como seguir uma vida regida pelos mandamentos higiênicos. Trazendo conselhos acerca dos cuidados com o corpo, alimentos, o lar, e sinalizando, por outro lado, para os problemas que a falta de higiene poderia trazer ao indivíduo e à sociedade. Almeida Júnior, ao apresentar sua obra, afirmou: “este livro não tem

a pretensão de ser perfeito. Espera ele apenas chamar a atenção para um ramo importantíssimo e pouco cuidado do nosso ensino”.(p.3) . O autor demonstra que a higienização de uma classe, de um povo, dependeria da educação, e que desta dependeria o futuro da nação, indicando ainda que sua obra serviria de apoio ao trabalho daqueles que possuíam a missão do ensino.

A cartilha de Kehl é iniciada pela história “Os três irmãos”, por meio da qual o autor começa a transmitir os ensinamentos higiênicos, o que faz através dos bons exemplos dos irmãos e personagens da história. Estes são apresentados como crianças belas, sadias, educadas, sendo, por isso, amadas e felizes. Através dos irmãos, o leitor pode apreender a viver higienicamente significa ser feliz. No decorrer da história, este autor-narrador vai apresentando a rotina diária das crianças, em casa, na escola, em seguida, se revela como mais um personagem da história, como um Avô dedicado, que deseja ver o bem de seus netos e de muitas outras crianças “Foi convencido desta verdade que o Vovô escreveu o ‘Alfabeto da Saúde’, não só para os meus netinhos queridos, como para todas as crianças”. (KEHL,1936, p.13).

Essa figura dotada de afetividade surge como um recurso de convencimento do leitor, conferindo autoridade ao narrador conselheiro, já que é uma situação comumente reconhecida a de que os avós querem o bem de seus netos, de sua família. A experiência e o afeto assinalados como marcas do personagem e também narrador, surgem como aliados no recurso de interação com o leitor. A partir daí, a cartilha assume seu papel de livro também a serviço da alfabetização, com o qual as crianças podem aprender de “A a Z” os bons ensinamentos para a conservação de sua saúde. A intenção de fazer com que os leitores aprendessem a ler e a cuidar de sua higiene, aparece não apenas como uma marca particular a essa obra. Observa-se uma aproximação interessante entre o livro de Kehl e o de Almeida Junior: por intermédio de suas lições, a criança acaba sendo instruída em higiene e língua pátria simultaneamente.

Figura 9 - *Cartilha de Higiene*,(1936)




As ilustrações das cartilhas estão relacionadas com o universo familiar dos leitores, apresentando cenas de crianças em casa, na rua, em contato com outras crianças, com adultos. Apresentam como é o comportamento e a aparência de uma criança saudável e de uma criança considerada doente, quais são as conseqüências observadas na vida dos que seguem os preceitos da boa higiene e naquelas dos que não seguem.

Nas cartilhas, as ilustrações muitas vezes iniciam as lições e as cenas apresentadas são reforçadas com as prescrições dos médicos. A utilização dos desenhos permitia que os leitores pudessem compreender a mensagem, mesmo sem ler a lição. Acredito que esse recurso também poderia ser explicado pelo fato de as cartilhas serem dirigidas ao ensino primário, e, no caso da cartilha de Kehl, às classes de alfabetização, e essas séries escolares ainda terem em seus quadros alunos não alfabetizados. Dessa forma, as ilustrações permitiriam que todos pudessem ser alcançados pelas lições higiênicas. Além do fato de que publicações infantis geralmente trazem muitas imagens, com o intuito de se tornarem mais atrativas aos pequenos leitores.

Figura 10 – Cartilha de Higiene, 1938

CARTILHA DA HIGIENE



Sete horas da manhã! Não é preciso que o chamem: Roberto salta da cama, muito alegre e muito esperto.

Toma o sabonete e a toalha, e corre para o banheiro.


Fica alguns minutos dentro d'água, lavando-se muito bem.

Enxuga-se, veste-se, penteia-se, faz exercícios no jardim.

Depois, vai tomar a sua xícara de leite, com pão e manteiga.

Roberto é um menino sadio e bem disposto.


Faça como ele: tome banho todos os dias.



14

Figura 11- Cartilha de Higiene, 1936

CARTILHA DE HIGIENE



**H**

**HÁBITOS**  
(Bons hábitos)

Adquira bons hábitos.  
Lave as mãos antes das refeições.  
Escove as unhas, quando sujas.

### 3 O ABC DA SAÚDE DA NOVA PÁTRIA

Através de livros e cartilhas, o ideal higiênico poderia tomar forma e corpo, e, chegar aos destinatários visados. Almeida Júnior e Renato Kehl, em suas cartilhas, utilizavam os exemplos para reforçar seus conselhos. O que era belo, o que era feio, o bom, o ruim, o louvável e o desprezível, o honesto e o incorreto. As prescrições médicas traziam dicas para se ter, segundo seus autores, uma boa vida, livre das doenças e do atraso.

Vale destacar que, apesar da diferença temporal estabelecida entre as duas cartilhas, já que a 1ª edição da cartilha de Almeida Júnior data de 1922, e a 1ª edição da cartilha de Kehl foi publicada catorze anos depois, podem ser observadas expressivas aproximações entre ambas. Entre os fatores que podem nos fazer compreender essas aproximações, situa-se a própria dimensão de continuidade entre os contextos em que foram publicadas as obras, no que se refere aos debates travados. Se, na década de 1920, podem ser observados movimentos culturais e políticos de diferentes matizes, voltados para o tema da construção da nação – e, nesse caso, o ano de 1922, quando a cartilha de Almeida Júnior foi publicada, adquire expressão simbólica –, este continua na ordem do dia após a chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930. Em particular, no que se refere ao campo médico, aos discursos em torno da higiene, também podem ser observadas continuidades, ainda que convivam com aspectos de descontinuidade.

Quanto às diferenças observadas, pode-se destacar que, na década de 1930, alguns autores produziram obras que valorizavam a miscigenação, algo totalmente repellido por Renato Kehl. Mas, torna-se importante considerar, quanto à dimensão de continuidade, que, segundo o próprio Renato Kehl, sua cartilha servia como introdução para *Fada Hygia*, o seu primeiro livro de higiene, publicado em 1925, em momento próximo ao da publicação do trabalho de Almeida Júnior. No ano em que Kehl publica sua cartilha, *Fada Hygia* já se encontrava em 5ª edição, uma indicação do êxito da obra.

As cartilhas apresentam, em sua estrutura, textos construídos como em lições, apoiadas por ilustrações que cooperam para reforçar o discurso dos autores. Cada lição traz em si prescrições sobre assuntos variados que incluem o cuidado com o corpo, com o lar, com os alimentos, quanto à prevenção de doenças e a comportamentos de ordem moral. Os autores buscaram usar ações comparativas para levar seus leitores a refletirem sobre as normas de conduta. A beleza, a felicidade, a força e a saúde são entendidas como conseqüências de uma vida pautada pela obediência dos mandamentos higiênicos (ROCHA,2011).

Na visão transmitida nos textos analisados das cartilhas, quem despreza esse ensinamento acaba por sofrer com as doenças e corre o risco de se tornar um indivíduo improdutivo para sua sociedade e infeliz em sua vida arruinada. Para se evitar o perigo das doenças, para se fugir desse vilão, pais, médicos e mestres deveriam estar envolvidos nessa cruzada higienista. Os pequeninos necessitavam ser cercados por cuidados que garantissem o crescimento sadio dos mesmos. Nas lições das cartilhas, os autores sinalizavam quais os comportamentos esperados para professores, pais, crianças, e para quem deveria ser procurado em casos de doenças, ou seja, o médico. Ao longo dos textos, e nas ilustrações que os acompanham, observa-se que o alvo principal das intervenções está localizado nas crianças, mas, lendo cada tirinha, cada história, é possível perceber que existe toda uma dinâmica para que os ensinamentos passados através dos livros, transmitidos, em primeiro lugar, dentro do espaço escolar, pudessem também atingir o espaço privado do lar.

Através da *Cartilha de Higiene para uso das escolas primárias*, o vínculo entre saúde e educação estava representado através das prescrições higiênicas, voltadas para o comportamento das crianças, de suas famílias e o papel da escola. Era um veículo de comunicação do ideário higiênico com os alunos, trazendo ensinamentos importantes para a manutenção da saúde, constituindo-se como uma ferramenta para a educação sanitária. As lições são carregadas de representações dos autores acerca da criança, da família e da escola.

### **3.1 Criança educada e saudável = criança feliz**

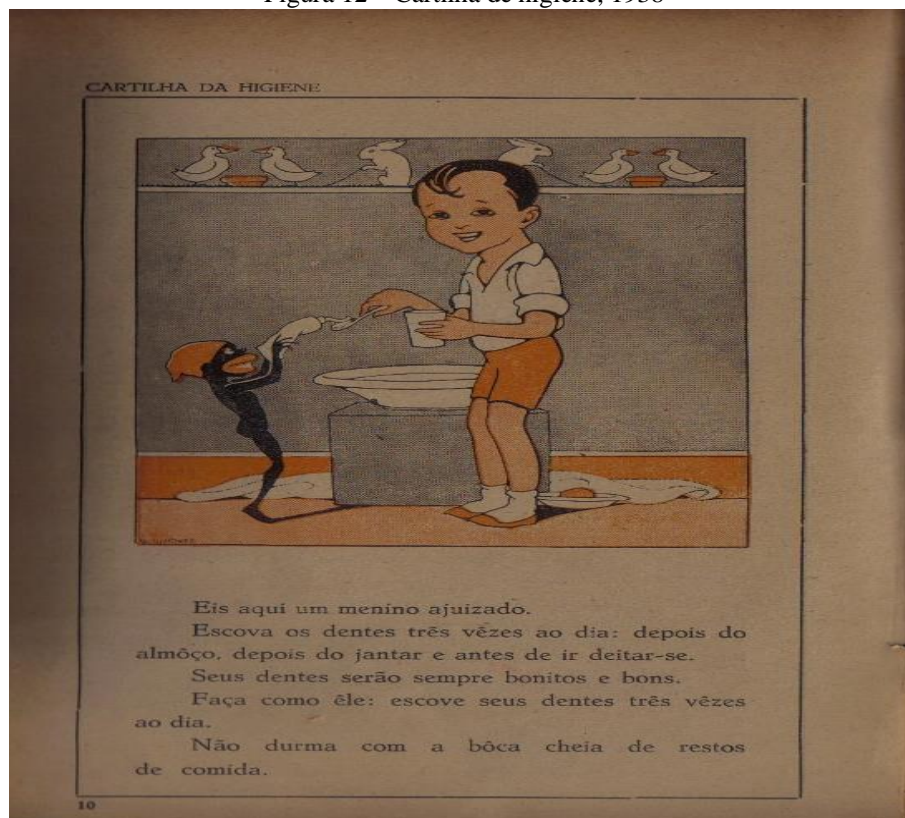
Uma criança bem cuidada, com aparência saudável que vive em harmonia com sua família, sugere ser uma criança feliz. Para tornar essa sentença uma realidade, diversas ações deveriam ser tomadas pelos indivíduos que a cercavam. O cuidado com a infância, a forma de pensar a criança ganhou destaque e novos contornos durante as décadas de 1929/1930, sendo alvo de intervenções por parte dos saberes médicos, psicológicos, pedagógicos, entre outros. (DAVID, 2012)

Nas *Cartilhas de higiene*, podem-se notar traços das representações dos autores em relação às crianças. Que tipos de comportamento uma criança educada apresentava e que recompensas receberia. O termo “educada” não se referia, apenas, a situações de respeito aos

mais velhos, de obediência aos pais, e de dedicação nos estudos. Incluía, também, com destaque, a obediência aos princípios higiênicos.

Uma criança educada deveria saber a importância de cuidar do asseio de seu corpo, tendo cuidados básicos como não andar com os pés descalços, escovar os dentes, pentear os cabelos, manter as unhas limpas, tomar banho todos os dias, entre outros cuidados. Educar, instruir e conformar se mostravam como tarefas imprescindíveis a serem executadas em prol da constituição de uma infância bem cuidada que representaria o futuro cidadão.

Figura 12 – Cartilha de higiene, 1938



Na ilustração acima, podemos observar um menino sendo auxiliado pelo Saci a escovar os dentes. A criança está bem vestida, calçada, apresenta uma aparência saudável e alegre. O Saci lhe auxilia a escovar os dentes. A ilustração é seguida das seguintes informações.

Eis aqui um menino ajuizado.  
 Escova os dentes três vezes ao dia: depois do almoço, depois do jantar e antes de ir deitar-se.  
 Seus dentes serão sempre bonitos e bons.  
 Faça como ele: escove seus dentes três vezes ao dia.  
 Não durma com a boca cheia de restos de comida. (1936, p.10)

Almeida Júnior apresenta em sua cartilha o que é considerado certo, em oposição ao errado. Uma criança que não vive cercada pelos bons ensinamentos da higiene não pode ser uma criança feliz, acaba tornando-se apática, doente e feia. Sua aparência reflete o ambiente onde vive e os hábitos que possui. Sem higiene e sem educação, não é possível ser uma criança feliz. As ilustrações presentes na cartilha exemplificam a intenção de Almeida Júnior em levar a criança a desejar ter e ser o que melhor lhe parece. Afinal, quem deseja ser feio, sujo, doente e amarelado, se existe a possibilidade em ser belo, alegre, saudável e feliz?

Essa visão sobre a beleza em associação com a felicidade passou a permear os discursos presentes na sociedade brasileira na década de 1920/1930. Segundo Denise B. Sant'Anna (2010), com a chegada da República, o discurso referente ao progresso também relacionava-se ao aperfeiçoamento, não só, do sistema político, mas também do próprio corpo. As propagandas publicitárias, mesmo que timidamente começaram a veicular mensagens sobre felicidade e bem estar. Na década de 1930, a felicidade, a alegria já aparecia claramente, nas campanhas publicitárias, como algo a ser conquistado:

Na década de 1930, a alegria de viver já era central nos anúncios publicitários e nos jingles difundidos pelo rádio. Estes prometiam uma felicidade que não era fruto de imensos sofrimentos. Tratava-se de uma alegria comezinha, fácil, acessível a todos. Vários anúncios foram bastante didáticos nesse aspecto, na medida em que apareciam divididos em duas partes 'antes' e 'depois' da ingestão do produto anunciado. (SANT'ANNA,2010,p.187)

A noção sobre felicidade pode ter ganhado as campanhas publicitárias na década de 1930, mas já se encontrava presente na obra de Almeida Júnior em 1922. A didatização da felicidade já estava presente nas páginas da cartilha. Uma criança para ser feliz, tinha que ser saudável e para se ter saúde tinha que seguir os princípios higiênicos. Uma ação traria para a vida infantil uma reação, que poderia ser boa ou má. Essa escolha caberia aos pequenos educandos. Folheando as páginas do livro, encontramos diversas sentenças sobre o que é certo e errado. Em todas elas, fica clara a intenção do autor em causar nos seus leitores um desconforto em relação às práticas consideradas anti-higiênicas. A procura pelo belo e pela felicidade poderia ser de grande valia para reforçar os preceitos médicos e, talvez por isso, esses temas apareçam tão fortemente sinalizados na cartilha, tanto nos textos como nas ilustrações.

Quem não quer sentir dor de dente, escove-os três vezes ao dia, quem quer ser belo, cuide de sua saúde. Quem quer ser feliz, cuide para não ficar doente. Essas noções aparecem em outras palavras e poderiam levar o leitor a uma reflexão. Que tipo de imagem ele queria

representar? Segundo Heloísa Rocha (2013), Almeida Júnior valorizava o papel da psicologia infantil para reforçar o seu trabalho e dar a ele um caráter de cientificidade. Através dos exemplos, as crianças poderiam seguir aqueles conceitos por meio da imitação, do amor próprio, da obediência e do raciocínio. Devido a isso e a muitos outros fatores, o médico educador via na criança o alvo perfeito para os ensinamentos higiênicos.

Dr. Almeida Junior derivaria a sua proposta de educação sanitária da concepção de educação como *arte de formar hábitos*. Concepção que justificaria tanto a apropriação da infância como objeto privilegiado de intervenção quanto o papel central atribuído à escola primária na educação sanitária.

Assim, diante da questão: ‘A quem endereçar a educação? Ao adulto ou á creança?’, não parecia pairar nenhuma dúvida de que ‘só a creança é realmente educavel’. (ROCHA, 2003.p.43)

As ilustrações abaixo são referentes às páginas 8 e 9 da *Cartilha de Higiene*. A página 8 mostra a figura do Saci apresentando aos leitores “Dois bons amigos” - a água e o sabão - e a página 9 inclui o alerta: “Os dentes correm perigo”. Nas duas ilustrações, o Saci aparece como aquele que transmite as lições, atuando como um mediador entre o médico e as crianças que este intentava atingir.

Figura 13 – Cartilha de higiene, 1938



Na cartilha de Kehl, os temas focalizados mostram aproximação daqueles apresentados como alvo de preocupação de Almeida Júnior. O cuidado que a criança deveria ter com o próprio corpo a levaria a conservar sua saúde e a ficar protegidas dos sofrimentos causados pelos vilões anunciados – as doenças causadas pela falta de higiene.

Figura 14 – Cartilha de higiene, 1936



#### D- DENTES

Quem escova os dentes depois das refeições e à noite, não sofre dor de dentes, nem fica com o rosto inchado.

Todas as crianças devem ir ao dentista pelo menos uma vez ao ano.

É preciso cuidar dos dentes de leite (primeira dentição) para que os dentes definitivos sejam fortes.

É um erro abandonar os primeiros dentes à cárie, só porque vão ser substituídos.

(pág.22) Escove os dentes três vezes por dia, sobretudo não se esquecendo de escová-los à noite antes de se deitar.

A boca é a principal porta de entrada do organismo.

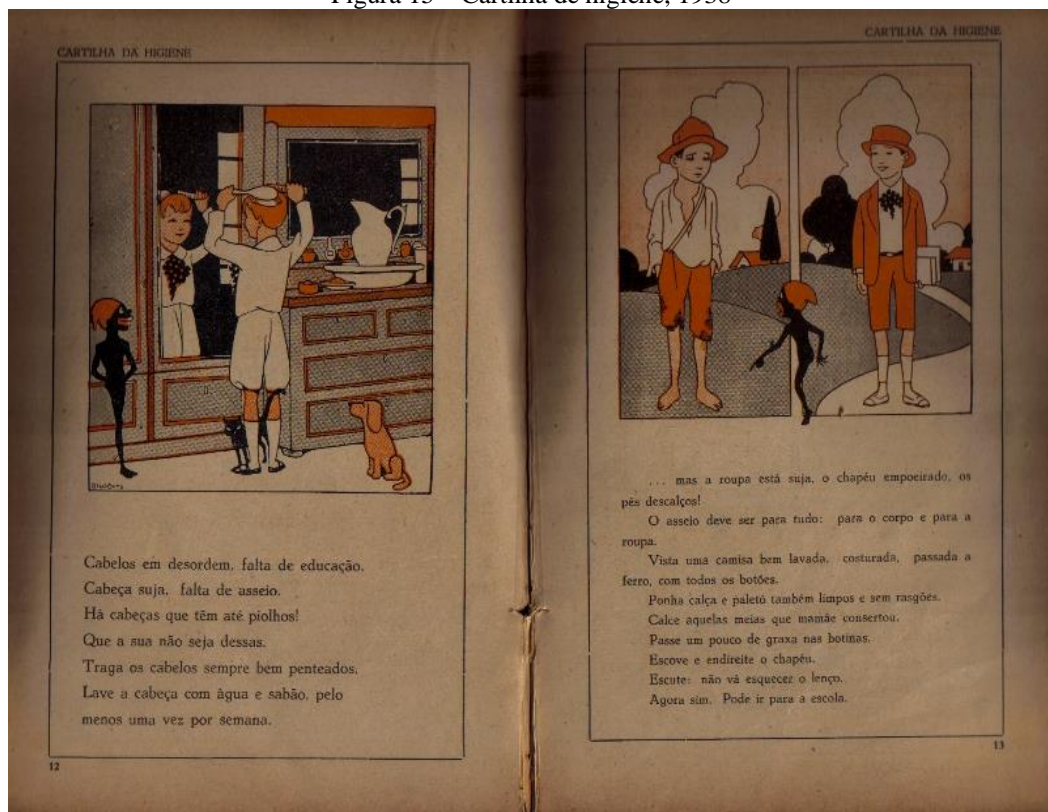
Proteja-a para bem da própria saúde. (KEHL, p. 21;22)

Pode-se notar claramente a intenção dos autores em escolarizar os corpos de seus leitores, ensinando aos mesmos coisas simples como cuidar dos dentes, das unhas, dos olhos. Ao longo dos textos, os autores vão ensinando como as crianças devem ter cuidado com esses órgãos, a fim de garantir um cidadão saudável que seria um futuro trabalhador apto, tanto físico como mentalmente, para servir a sua pátria. As unhas, quando mal cuidadas, poderiam servir de porta de entrada para muitas doenças, daí a importância de conservá-las limpas. Os dentes fortes e bem cuidados, além de possuírem valor estético, indicavam força e boa saúde.

É possível perceber aproximações, mas também distanciamentos entre os autores. Pode ser assinalado, como um aspecto de distanciamento, as visões distintas que os dois médicos apresentam acerca do popular. Almeida Júnior, como vimos, conferiu importância, em sua cartilha, ao personagem do Saci-Pererê, que atua como o transmissor das mensagens higiênicas, como o conselheiro e o juiz dos atos das crianças. Através de sua figura, o médico

assume um lugar de proximidade com seu público, em função de o Saci representar um elemento da cultura popular e de as lições parecerem estar dirigidas de modo valorizado às classes populares. Pode-se pensar que o médico assume um lugar de amigo do povo e tem sua imagem representada nesse personagem. Já Renato Kehl, não enxergava na cultura popular elementos que auxiliassem a transmissão de seus preceitos. Afinal traços da miscigenação deveriam, para Kehl, ser eliminados.

Figura 15 – Cartilha de higiene, 1938



Cabelos em desordem, falta de educação.  
Cabeça suja, falta de asseio.  
Há cabeças que têm até piolhos!  
Que a sua não seja dessas.  
Traga os cabelos sempre bem penteados.  
Lave a cabeça com água e sabão, pelo  
menos uma vez por semana.

Cabelos em desordem, falta de educação.  
Cabeça suja, falta de asseio.  
Há cabeças que têm até piolhos!  
Que a sua não seja dessas.  
Traga os cabelos sempre bem penteados.  
Lave a cabeça com água e sabão, pelo menos uma vez por semana. (1938, p.32)

... mas a roupa está suja, o chapéu empoeirado, os pés descalços!  
O asseio deve ser para tudo, para o corpo e para a roupa.  
Vista uma camisa bem lavada, costurada, passada a ferro, com todos os botões.  
Ponha calça e paletó também limpos e sem rasgões.  
Calce aquelas meias que mamãe consertou.  
Passe um pouco de graxa nas botinas.  
Escove e endireite o chapéu.  
Escute: não vá esquecer o lenço.  
Agora sim. Pode ir para a escola. (1938, p.33)

A imagem reproduzida acima, extraída da cartilha de Almeida Júnior, apresenta duas ilustrações, seguidas dos textos citados. Na página 32, um menino diante do espelho arruma seus cabelos seguindo a orientação do autor, afinal, cabelos em desordem representam falta de educação, à sua esquerda, está o Saci-Pererê, feliz e sorridente ao lado do menino, aprovando a conduta educada e higiênica da criança. Na página ao lado, dois quadros apresentam a imagem de dois meninos, o da esquerda é apresentado como sujo, mal vestido, com chapéu empoeirado, expressão triste e os pés descalços. À direita, um menino que é o oposto. Está bem vestido, com chapéu, calça e paletó e com os pés calçados. Mais uma vez, o Saci aparece dessa vez para reprovar a aparência do menino que está sujo e descalço. Dentre vários aspectos que podem ser observados na cartilha, a presença do Saci-Pererê nas diversas situações ilustradas, chama a atenção para o uso desse lendário personagem do folclore brasileiro como um indicio do uso da cultura popular a favor dos ideais higiênicos, em prol da formação de uma identidade nacional. A voz científica se vale, então, de recursos populares, utilizando-os como instrumentos preciosos no projeto de reforma social.

Ao folhear as páginas das cartilhas, as crianças teriam ter acesso às mensagens dos autores, sendo interessante notar as marcas do discurso intelectual do período em cada frase, em cada cena ilustrada. O ideal de uma sociedade moderna só se concretizaria se todos se conscientizassem de sua importância para a nação, e essa consciência deveria ser construída desde a infância. Ao intervir sobre os hábitos da população, intelectuais como Almeida Jr. e Renato Kehl visavam conformar o corpo e a mente dos sujeitos, modelá-los e educá-los desde cedo para uma vida útil à sua pátria. As *Cartilhas de Higiene* expressavam muito do que se pretendia inculcar nos leitores escolares, as ideias que fervilhavam no cenário social do período. A sociedade que se pretendia construir pautada na ideia de modernidade e crescimento.

Estabelecendo um diálogo entre a cartilha e outra obra de Almeida Junior, a tese intitulada *Saneamento pela Educação*, de 1922, é possível notar que muitos dos conceitos apresentados na cartilha, estão de acordo com as considerações do autor em sua tese. Dentre esses conceitos apresentados como fundamentais para sanear o país pela educação, está o entendimento de que não basta ensinar a higiene, o leitor tinha que ser convencido da importância desse campo científico e a educação dos leitores deveria levá-los a obedecer a esses princípios.

A obediência do indivíduo aos ditames da higiene configura-se como a fórmula que se apresenta ao espírito daqueles que observam e investigam os problemas gerados pelo rápido crescimento das cidades e pelas condutas desregradadas da população.

Estancar a torrente mórbida, a grande ameaça que pairava sobre a sociedade, era o desafio diante do qual se colocavam os médicos-higienistas. Desafio esse cujo enfrentamento exigia um programa de disciplinamento da população, o qual deveria fundamentar-se na articulação entre higiene e moral. (ROCHA, 2003, p42)

A ilustração abaixo segue a mesma forma das ilustrações acima, chamando a atenção do leitor para o que é considerado certo e errado, mau e bom, saudável e doente. Seguindo a ideia de que a criança procura seguir o que mais lhe agrada, o autor faz uso dos exemplos, para garantir que o leitor compreenda sua mensagem. O discurso acerca da prevenção é notado no texto, afinal aqueles que possuem bons hábitos, e se exercitam são menos propensos a contraírem males para a sua saúde. O contrário acontece com os que desprezam os bons conselhos. Por isso, obedecer aos bons conselhos só traria benefícios para os leitores.

Figura 16 – Cartilha de higiene, 1938



Na *Cartilha de higiene* de Kehl, os temas são abordados de forma clara e objetiva, enfatizando o que é considerado certo ou errado. O livro começa com a história intitulada “Os três irmãos”, em que são personagens Yolanda, Zenaide e Xisto, crianças educadas e saudáveis. O autor começa dizendo:

Figura 17 – Cartilha de higiene, 1936



Yolanda, Zenaide e Xisto são três irmãos bem educados.  
 Levantam-se cedo todos os dias.  
 A primeira coisa que fazem é tomar um banho frio.  
 Eles sabem que o asseio do corpo é indispensável à saúde e que só os gatos têm medo de água fria.  
 Depois do banho vão ao quintal para respirar ar fresco.  
 Aspiram e expiram profundamente pelo nariz, levantando e baixando os braços.  
 Fazem isto 8 a 10 vezes seguidas, todas as manhãs, porque este exercício é muito bom para a saúde. (KEHL, 1936,p.5)

No trecho acima, os três irmãos são apresentados ao leitor através dos seus hábitos cotidianos, os irmãos são educados, levantam-se cedo, sabem da importância de se ter asseio com o corpo e como os exercícios são necessários para a manutenção da saúde. O decorrer da história é baseado na rotina das crianças, desde o amanhecer até a hora de se recolherem, tendo seu foco nos bons hábitos que deveriam ser imitados por outras crianças.

Em *Fada Hygia*, obra que apresenta um sentido de continuidade em relação à sua cartilha, o autor apresenta muitas das questões que são abordadas na cartilha, entre elas dando ênfase ao exemplo e suas conseqüências para a vida dos leitores . Ao longo do livro, outras ilustrações permitem que o leitor visualize a imagem do que, segundo o autor, acontecia com o indivíduo que vivia cercado pela higiene e com o que estava afastado da mesma. A ilustração da página 121 apresenta o “Contraste doloroso”, por meio de dois irmãos, o mais novo que havia sido criado na cidade, sob os cuidados da higiene é mostrado como alto e robusto, o mais velho, criado na roça, sem os hábitos de higiene aparece como pálido e não tendo se desenvolvido bem. Reforça-se o uso do exemplo para se conseguir convencer o leitor, que é auxiliado, por meio das imagens, a visualizar o que o autor está tentando inculcar

nos destinatários. A partir da apresentação de situações distintas ao leitor, este é estimulado a refletir sobre sua vida e a fazer a melhor escolha, de acordo com o receituário prescrito.

#### Contraste Doloroso

Quem será capaz de dizer que são irmãos? E quem será capaz de dizer qual o mais velho?

O menor, criado na roça, sem cuidados de hygiene, é um impaludado chronico e tem 19 anos.

O mais alto criado pelo padrinho, na cidade, sob cuidados hygienicos, é robusto e tem apenas 14 anos.(KEHL,1925;121)

Figura 18 – Fada Hygia, 1925

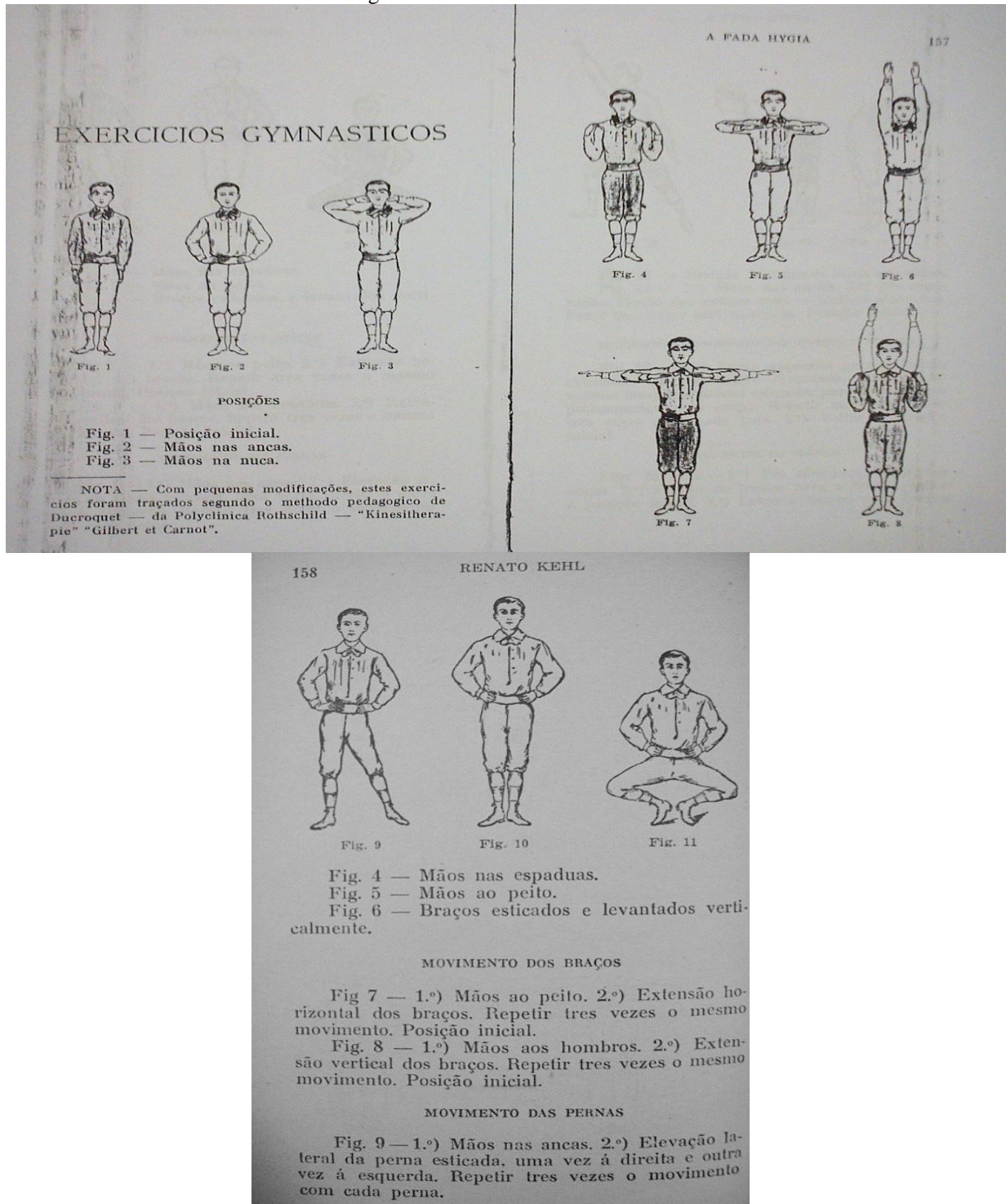


Kehl também defendia a necessidade da prática de exercícios físicos para a conservação da saúde e para a beleza do corpo através de algumas ilustrações que tratam da importância dos exercícios físicos e apresenta uma série de atividades que poderiam ser executadas por seus leitores. De acordo com Carolina Kinoshita(2013), Renato Kehl em Fada Hygia, deixa clara a adoção das ideias de Fernando de Azevedo em relação à prática da educação física e de sua importância para a saúde.

Renato Kehl deixa claro que compartilhava das ideias de Fernando de Azevedo, ao defender a importância da prática dos exercícios ginásticos<sup>1</sup> como meio para manter a robustez do corpo e o espírito vigoroso (KEHL, 1936, p. 154), imprescindível ao

desenvolvimento saudável do corpo, da mente e do espírito. Forma de combater a fealdade dos corpos, tida como sinônimo de doença e de disgenia. (2013, p.137)

Figura 19 – Formulário da Belleza



Em outra obra intitulada *Formulário da Belleza*, o autor discorre sobre a beleza feminina e afirma que poucas mulheres realmente podem ser consideradas belas.

Pouca gente sabe o que seja uma "bella mulher" (...). Raras, raríssimas as mulheres que podem ter a pretensão de serem rainhas da plástica, possuindo, a rigor, as justas proporções das partes, harmonia de linhas, esbeltez do talhe, delicadeza de contornos, epiderme rosada e fina, além dos predicados indispensáveis de saúde e robustez. (KEHL, 1927, p. 15-16)

Kehl defendia que o que ele considerava fealdade deveria ser eliminado, as mulheres, principalmente as casadas, geralmente se tornavam gordas e mal cuidadas e, por isso, a atividade física deveria se tornar uma prática a fim de evitar as deformidades no futuro.

Dentro dessa visão de belo, analisando a capa da sua *Cartilha de Higiene*, é possível ver claramente esse ideal do belo. O menino da capa apresenta uma aparência forte, saudável e robusta, em sintonia com os ideais pregados veementemente nos discursos eugênicos de Kehl. Os músculos aparecem com destaque nas pernas, nos braços e no peito. Kinoshita(2013) chama a atenção para o fato de o título da obra aparecer sob os pés do menino, como que sugerindo que os ideais defendidos na obra serviriam de base para formar as crianças, para propiciar indivíduos fortes, belos e saudáveis. A ideia serviria como alicerce para a formação desses leitores.

Figura 20 – Cartilha de higiene, 1936



Ao longo do texto, o autor segue elogiando o comportamento dos irmãos, uma forma de enaltecer os hábitos saudáveis dos mesmos e, assim, inculcar nos leitores o que era

considerado como correto, ou errado. Dando continuidade à história, com a descrição da rotina das crianças, o autor enfatiza como é importante para as mesmas aproveitarem as férias escolares fora da cidade, de preferência no campo, onde poderiam brincar livremente em contato com a natureza, mas sem se descuidar da saúde, pois esta é a “principal condição para a felicidade” (ROCHA, 2011, p.13). Kehl acreditava que as crianças possuíam uma tendência natural de se interessarem pelo que lhes agradava e de melhor aceitarem o que compreendiam. Dessa forma, ao apresentar suas prescrições de forma clara, curta e incisiva (Idem, 2011), as crianças apreenderiam o que lhes era sugerido e esta ação influiria dentro de seus lares.

A *Cartilha de Higiene* de Kehl continua suas prescrições higiênicas, fazendo uso de uma prática da alfabetização ao recorrer ao abecedário e, assim, de A a Z a criança aprende a ter bons hábitos de higiene. Cada letra traz em si uma lição ilustrada por uma imagem que representa o que está sendo ensinado, como as cartilhas de alfabetização (ROCHA, 2011).

A letra A anuncia três lições que se dividem entre o ar, a água e os alimentos; o B tematiza o banho; a letra C, a casa; o D, os dentes; o E, os exercícios e assim sucessivamente. Da mesma forma como se alfabetizam as crianças para ler e escrever, Kehl procurou alfabetizar os educandos em higiene, daí a importância de se ter uma parceria com a escola, já que é neste espaço, com a intervenção do professor, que a criança vai poder assimilar os conteúdos a serem incorporados.

Sem AR ninguém pode viver.

Para gozar saúde respire ar fresco. (KEHL, 1936, p.14)

A única bebida indispensável ao nosso corpos é água.

Não beba em copo usado, sem primeiro lavá-lo (KEHL, 1936, p.15)

Para ser corado coma espinafre, cenoura crua ralada, tomates, alface. (KEHL, 1936, p16)

Um banho todos os dias. Depois do banho enxugue-se bem. Quem não tem banheiro toma banho numa bacia ou mesmo numa tina, mas não deixa, por isto, de lavar o corpo.

A água e o sabão não fazem mal a ninguém. Os banhos de mar são saudáveis quando não muito demorados. Ficar na praia e na água muitas horas é um perigo para a saúde. Trazer o corpo asseado é sinal de inteligência e boa educação. (KEHL, 1936, p. 18)

O abecedário de bons hábitos composto por Kehl a todo tempo instrui o seu leitor acerca de como deve ser sua rotina. A lição sobre o banho focaliza a necessidade de se ter asseio, e sugere que a pobreza não justifica a falta dessa qualidade, pois “quem não tem banheiro toma banho numa bacia ou mesmo numa tina, mas não deixa, por isto, de lavar o corpo” (Ibidem, p.18)

As lições continuam encabeçadas pelas letras do alfabeto e, reforçando a questão dos hábitos estão as letras *H* e *M*. A letra *H* vem com uma indicação entre parênteses, “os bons hábitos” que se referem ao costume de lavar as mãos, lavar a cabeça, escovar as unhas, pentear os cabelos, manter uma postura ereta “quando sentado, não encurve o corpo, para não ficar corcunda” (Ibidem,p.27). O *M* indica os maus hábitos, as atitudes reprováveis, e essa lição é ilustrada por imagem de crianças com aparência descuidada, encenando atitudes como cuspir no chão, roer as unhas, espirrar e que, mesmo tendo um lenço não utilizam-no. Esse é o espaço para as advertências como: “Nunca meta o dedo no nariz” (Ibidem, p.35).

O abecedário termina fazendo referência aos três irmãos do início da história *X, Y, Z*; *Xisto*, *Yolanda* e *Zenaide*, fazendo um convite para que o leitor siga o bom exemplo dos irmãos:

Quem quer se parecer com os três irmãos?

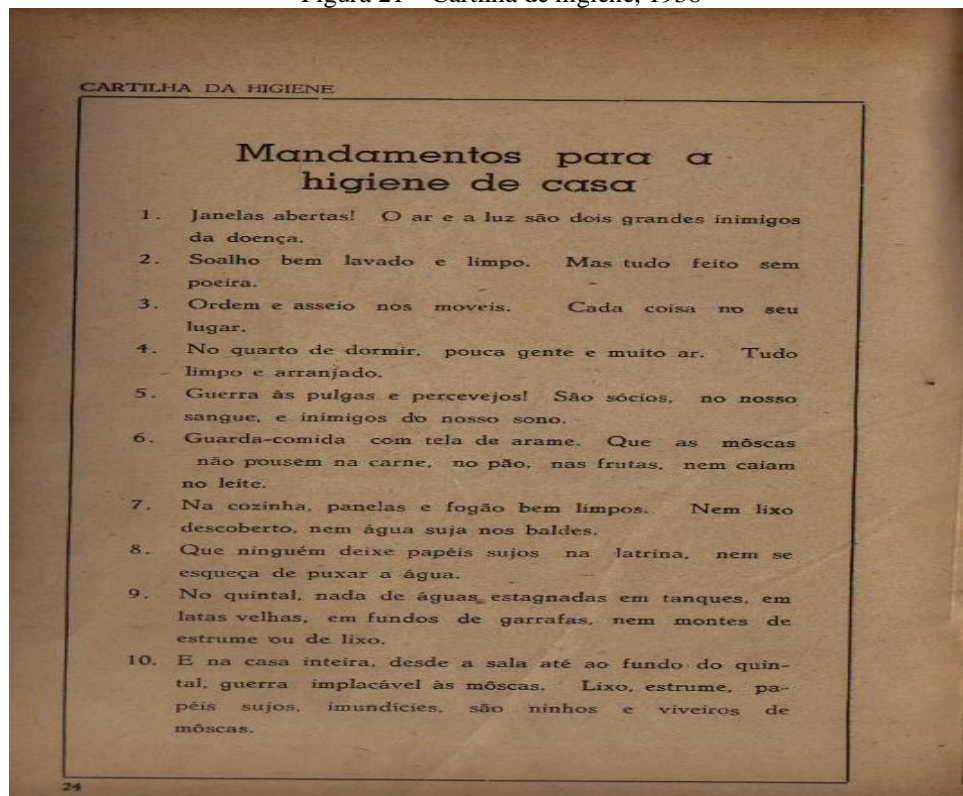
– Nada mais fácil. Basta seguir os conselhos deste livrinho. Quem o fizer, tornar-se-á logo uma criança forte e bonita.

– Não se esqueça de que não há felicidade sem saúde e só se pode conservá-la vivendo hi-gi-e-ni-ca-men-te. (KEHL, 1936, p. 48)

### **3.2 A família feliz tem seu lar cercado pela higiene!**

O que significa ser uma família feliz? De que forma o indivíduo pode tornar o seu lar a morada da tranquilidade? Como evitar que as doenças dividam os cômodos da casa com seus filhos, pais e irmãos? Que mandamentos podem salvar o lar? Se apropriando de um discurso religioso, Almeida Júnior nomeou dez mandamentos para se manter a higiene da casa e com isso garantir a salvação da família dos males causados pela falta de higiene. O viés religioso é comumente notado nos discursos higienistas do período. Assim como a religião tinha um papel formador moral do indivíduo, a higiene deveria nortear as ações do cidadão para a boa conservação de sua saúde. A religião alimentava o espírito, mas a higiene conservava a vida. Daí a importância de se criar uma intimidade entre a população e os bons hábitos de higiene.

Figura 21 – Cartilha de higiene, 1938



O certo e o errado aparecem de formas incontestáveis, assim como a obediência e o pecado. Relacionando higiene e religião é possível entender que, assim como biblicamente o salário do pecado é a morte, devido à desobediência dos ensinamentos bíblicos, o salário da desobediência dos preceitos higiênicos também representaria a morte, a degeneração, o castigo. O próprio Renato Kehl, em 1926, lançou o livro *Bíblia da saúde*, que se destinava à educação higiênica. O título do livro já sugere a relação entre higiene e religião, já que para Kehl, por sua importância central na vida dos indivíduos e da sociedade, a eugenia se tornaria a verdadeira religião da humanidade.

Em sua cartilha, Renato Kehl também nomeou os bons e maus hábitos que poderiam salvar ou destruir uma família. As boas regras de higiene deveriam ser uma constante na vida das crianças dentro de casa, ou na escola, “as regras da mamãe” são mostradas como garantia da boa saúde. O lar deveria estar cercado pela higiene e, dessa, forma a família seria saudável e, portanto, feliz.

### 3.2.1 A mãe: zelando pela família e por sua saúde

As cartilhas apresentam como destinatárias privilegiadas as crianças, mas seus ensinamentos se dirigiam a vários outros atores sociais, que deveriam atuar como mediadores entre as mensagens da higiene e os leitores infantis: a mãe, o pai e os professores. Referindo-se às mulheres, essas eram vistas como aquelas a quem caberia o cuidado com o lar, com os filhos e com o marido. No início da década de 1920, a mulher se tornou alvo de muitas ações advindas de setores diversos, que visavam educá-la para que a mesma pudesse educar o seu lar.

A medicina, preocupada crescentemente com as doenças sociais e com a necessidade de sua cura via higiene, havia eleito a família como um foco primordial de sua intervenção terapêutica. Neste sentido, a mulher – figura central do ambiente doméstico – passava a ser objeto de uma extensa teorização, na qual se baseavam práticas diversas de orientação sob a égide da ciência médica. (MAGALDI, 2007, p.36)

Nas obras aqui analisadas, a mulher é mostrada em sua extrema importância para auxiliar os autores em sua cruzada junto às crianças. Esse destaque é visível nos textos das cartilhas, em que a mulher aparece como aquela que cuida bem dos seus filhos, tendo em vista os manter saudáveis. É mostrada como a responsável por manter o lar limpo e organizado, por cuidar da alimentação e por ensinar os seus filhos a se portarem bem na casa, na rua e na escola.

Na cartilha de Renato Kehl, a figura feminina aparece como mãe zelosa, que sabe como gerenciar o seu lar e através de seu exemplo, e cujos filhos seguem o bom caminho da higiene. Nas considerações sobre a vida familiar de Yolanda, Zenaide e Xisto, o autor faz questão de deixar claro que o lar dessas três crianças é um ambiente feliz, porque todos seguem os bons ensinamentos da higiene. Nas “regras da mamãe”, em que é atribuída a essa personagem a transmissão das lições médicas, são reforçados hábitos saudáveis, envolvendo o horário das refeições, a manutenção das atitudes higiênicas na escola, a escolha dos alimentos, a arrumação da casa.

As regras da mamãe são estas:

Toda criança deve comer à hora certa.

Na escola, não usar canecas de amiguinhos, não trocar de merenda com os outros, nem comer senão a própria. Não aproveitar a comida que cair no chão, não dar dentadas no lanche dos colegas, nem *lamber* sorvete alheio.

Nossos três amiguinhos são incapazes de ingerir doces ou chupar balas fora das refeições, porque sabem que assim procedendo perdem o apetite e estragam o estômago.

Também é perigoso beber água fora de casa, quando não se sabe com certeza se ela é limpa.

Outra coisa perigosa é comer verduras cruas sem saber de onde vieram e antes de serem bem lavadas, bem assim comer alimentos que estiverem expostos às poeiras, às moscas e forem tocados por mãos sujas.

É sempre alegre a hora em que se chega em casa, de volta das aulas.

Yolanda, Zenaide e Xisto entram radiantes, sem se esquecerem, entretanto, de limpar os pés, de lavar bem as mãos e de colocar os chapéus e as malas de livros no armário.

Mudam as roupas e só então pensam nos brinquedos e correm para o quintal (KEHL,1936;9,10)

De acordo com essas regras, a felicidade – identificada, de modo direto, à brincadeira no quintal - aparece como resultado, consequência, ou melhor, prêmio para aqueles que seguem as regras de uma vida saudável.

Figura 22 - Cartilha de higiene, 1936



C – CASA

Casa suja, mal varrida, mal arrumada, é sinal de desleixo.

A casa pode ser pobre, mas deve ser limpa e mantida em ordem.

Não deixe cães e gatos permanecerem no quarto de dormir, porque podem ser portadores de doença. (pág.20)

Uma casa bem cuidada representava uma família sadia. A figura da mulher surge como aquela a quem cabe o papel de cuidar da manutenção da saúde de seu lar. Através da arrumação, dos conselhos dados aos filhos, dos cuidados com o esposo, a mãe de família estava contribuindo para a formação de uma nação higienizada.

Na ilustração abaixo, da cartilha de Almeida Júnior, o autor enumera “oito regras de ouro”, que se relacionam à vida cotidiana dos leitores. Aborda a necessidade em se dormir

com janelas abertas, tornando o quarto um espaço onde o ar possa circular, a importância de se tomar banho todos os dias, de se escovar os dentes, os alimentos ideais para as crianças, entre outras situações. O que chama a atenção é o lugar ocupado pela mulher nas imagens, de modo recorrente, como aquela que cuida do lar. Ao longo de toda obra, por outro lado, as lições acerca dos cuidados físicos são apresentadas tendo como foco a figura de um menino. É a figura masculina que aparece predominantemente nas histórias. Essa imagem que permeia as lições pode sugerir a indicação, em uma projeção futura, do homem como futuro trabalhador e cidadão, como futuro da nação.

Figura 23 – Cartilha de higiene, 1938



Figura 24 – Cartilha de higiene, 1938



Na ilustração acima, a figura da menina aparece cuidando da casa. Torna-se importante assinalar que não se trata de uma mulher adulta, e sim de uma criança, o que se apresenta como indicativo do papel que se esperava que a mulher viesse a exercer no futuro, e mostra a consideração, pelo autor, de uma dimensão de gênero, na divisão de papéis sociais, em sintonia com o contexto de seu tempo.

### 3.2.2 O pai como provedor e os perigos que rondam a família

“Os pais educam os filhos aperfeiçoando-se a si próprios. Em outros termos: cada vitória moral alcançada pelo pai tem a sua repercussão educativa sobre o filho.” (KEHL, 1939, p8). Iniciei essa sessão com a referida citação de Renato Kehl, para elucidar o papel que coube ao homem nas páginas nas cartilhas. Ambos autores apresentam o papel do pai de família na formação dos indivíduos. Ele aparece como o provedor, como o que traz aos filhos

explicações importantes acerca dos micróbios. Surge como o avô que por muito amar seus netinhos escreveu o *alfabeto da saúde*, não só para os seus, mais para todas as crianças.

A figura masculina está presente nas duas obras e as atitudes que esse personagem toma podem influenciar a vida e o futuro de toda a família. Dentre as várias lições prescritivas presentes na cartilha de Almeida Jr., a *História de um beerrão* ilustra como este médico procurou incutir no espírito infantil os males que o álcool pode causar para o indivíduo, sua família e sociedade. A história vem precedida por uma afirmação do autor, em um texto sobre o álcool, alegando que quem se entrega a essa bebida não escolhe um bom caminho, “Quem bebe, escolhe três caminhos; a cadeia, o hospital, o asilo de loucos. O beerrão envergonha e empobrece a família. (ALMEIDA JR. 1938, p.25).

O texto apresenta que quando o homem, o chefe da família, se deixa levar pelas “más companhias”, acaba trilhando caminhos perigosos que o induzem à degradação moral e social. O beerrão acaba por destruir sua família, a si mesmo, e se torna um problema social, já que o álcool acaba por torná-lo um criminoso, e a felicidade que existia em seu lar é destruída pelo vício, quadro que se encerra quando o homem termina louco e acaba por morrer na prisão.

As ilustrações permitem ao leitor ver a transformação daquele lar outrora feliz, onde o pai mimava seus filhos, a esposa dedicada cumpria com zelo seus afazeres domésticos, em um ambiente triste onde a violência destrói sonhos e laços afetivos, uma família que envergonhada, acaba tendo que buscar seu sustento através de esmolas. As tirinhas dos quadrinhos buscam levar o leitor a memorizar a lição e a compreender o tema abordado.

Mais uma vez, amedronta-se o leitor para que este entenda o sentido do conselho dado. A preocupação com o álcool era uma constante nos movimentos ligados à higiene e à eugenia. A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) elaborou diversas campanhas para incutir na população a compreensão sobre os males que o álcool poderia trazer à sociedade.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> A Liga Brasileira de Higiene Mental foi fundada em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel. Fizeram parte da Liga diversos representantes da ordem médica, entre os quais Júlio Porto-Carrero e Renato Kehl. Entre as campanhas contra o alcoolismo, situa-se a “Semana Antialcoólica”, que era realizada em todo o país no mês de outubro e tinha a duração de uma semana. Cf. MARQUES, 2007.

Figura 25 – Cartilha de Higiene, de autoria de Almeida Junior, 1938. Fonte: CEMI



Na lição, é possível observar o esforço do autor em convencer seus leitores a mudarem hábitos e corrigirem vícios, veiculando a mensagem de que sem uma vida saudável não é possível ser feliz. O álcool era visto como um mal que precisava ser combatido. Na ilustração, o autor apresenta que a família era feliz, até o momento em que o pai de família passou a frequentar botequins e se envolveu com péssimas companhias. Aliás, os locais destinados a bebedeiras eram vistos como antros de desordeiros.

Sidney Chalhoub (1986) destaca que os espaços destinados às ‘bebedeiras’, os botequins, eram considerados, através de relatos jornalísticos e inquéritos policiais, como um antro de ‘vadios’ e ‘desordeiros’. Neste sentido, compreendemos que o projeto envolvido nestas críticas e nas tentativas de afastar os cidadãos destes espaços, inscreve-se no anseio de transformá-los em sujeitos “ordeiros” e ‘trabalhadores’. No que tange às ações do SOHM<sup>23</sup>, percebemos que a preocupação estava também no fato de o alcoolismo ter repercussões no espaço doméstico e na vida das crianças, como podemos perceber nos relatos em que, normalmente o pai, ‘expulsa a família de casa’ ou ‘espanca a mulher e os filhos’. (DAVID, 2012, p.67)

De acordo com o que se pode perceber, a preocupação com os males que o álcool trazia ao ambiente familiar tinha destaque no campo médico. Assim, as lições presentes na cartilha de Almeida Júnior dialogavam com as ações da Liga Brasileira de Higiene Mental,

<sup>23</sup> O SOHM, Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental, funcionou no Rio de Janeiro no período de 1934 a 1939. O médico Arthur Ramos foi o fundador e chefe do SOHM. Esse serviço atendia a seis escolas experimentais no Rio de Janeiro. Cf. DAVID, 2012.

assim como do SOHM. O alcoolismo era visto como responsável por muitos problemas sociais, como por exemplo, o abandono de crianças e muitas vezes o aumento de pedintes nas ruas. Uma família que não tinha como garantir o seu sustento, muitas vezes, acabava por ir habitar as ruas. Esse fator aumentava o que já foi dito anteriormente, e a infância acabava por ficar abandonada e a perambular pelas ruas.

### 3.3 O espaço escolar: palco para o ensino da higiene e espelho para o lar

A escola, entendida como o lugar por excelência para o ensino dos saberes pertinentes para a vida em sociedade, entre eles o saber da higiene, também foi alvo das prescrições médicas. Em uma das primeiras páginas da cartilha de Almeida Júnior, o autor aborda a importância e o objetivo da educação higiênica no espaço escolar:

A EDUCAÇÃO higiênica, na escola primária, tem por objetivo essencial incutir no aluno hábitos úteis, referentes ao asseio, à alimentação, à respiração, ao exercício. Para isso em vez de mera distribuição de conselhos, dosada segundo as aperturas do horário, vale muito mais a prática efetiva da higiene. Essa prática deve, pois, entrar na vida escolar quotidiana. (1938, p.3)

A educação higiênica conduzida na escola, como diz o trecho acima, tem por objetivo modelar o comportamento infantil, eliminando atitudes viciosas e criando nelas hábitos que deverão ser levados por toda vida. Almeida Júnior, autor da cartilha, defendia a ideia de que a escola primária deveria abraçar a causa do saneamento do Brasil, afirmando a importância desta instituição na defesa da nação (ROCHA,2003,p.42). Aplicar os ensinamentos higiênicos no dia-a-dia do espaço escolar envolvia, além do acesso aos saberes, a possibilidade de as crianças viverem na prática os comportamentos prescritos de modo a transformá-los em hábitos, levados, ainda, para seus lares. Segundo o autor: “Os elementos capazes de influir na atividade infantil, e nela gravar hábitos higiênicos, são os seguintes: **a)** a escola; **b)** o exemplo do professor;**c)** a prática da higiene; **d)** o aprendizado de conhecimentos de higiene.” ( 1938, p.3)

No contexto das reformas escolanovistas do período, era esperado que o espaço escolar contribuísse para a inserção dos educandos no cenário da modernidade. De acordo com Anísio Teixeira:

A escola deve fornecer a cada indivíduo os meios para participar, plenamente, de acordo com as suas capacidades naturais, na vida social e econômica da civilização moderna, aparelhando-a, simultaneamente, para compreender e orientar-se dentro do ambiente em perpétua mudança que caracteriza esta civilização. (TEIXEIRA, 1997, p.86, Apud MAGALDI; ALMEIDA,2011,p.66)

Sendo assim, Almeida Júnior, ao se referir à escola na cartilha, destacava diversos pontos que deveriam ser incorporados pela instituição escolar. O ensino da higiene deveria estar presente não apenas nas lições, mas muito fortemente nos exemplos. Assim, o espaço físico da escola também era contemplado como área de interesse das prescrições.

A ESCOLA - Uma escola de cores claras, espaçosa e alegre com janelas para o ar e para o sol, limpa e ordenada é uma poderosa sugestão higiênica. A inundação constante de oxigênio mantém o bom humor e a disposição para o trabalho. O estudo rende mais e fatiga menos. E o contraste entre a escola e o lar, se o lar é anti-higiênico vem insistentemente à memória do aluno. Dá-se assim uma continua e sugestiva lição de higiene domiciliar. (1938, p.3)

A escola, como instituição a quem cabia o papel de educar as crianças, deveria aplicar a racionalidade médica em todos os âmbitos, tanto em relação ao espaço físico quanto às práticas educativas. Dessa forma, a comparação que o aluno faria entre sua escola e seu lar o levaria a repassar para seus pais as condutas ideais para a formação de um lar sadio.

Sobre o espaço da escola, é dado destaque, nas cartilhas, ao papel dos professores, que também eram alvos das prescrições. A ideia que esse profissional poderia influenciar os alunos era sublinhada e, por isso, enfatizava-se que esse sujeito deveria ser exemplo de boa conduta.

O EXEMPLO DO PROFESSOR- O exemplo do professor transmitirá hábitos de asseio, modos de **arranjar-se** e **vestir-se**, preocupações em favor próprio e dos outros. A influência do exemplo é por demais conhecida. Mas arma é de dois gumes: o aluno tanto pode imitar o certo como o errado. Cometem verdadeiro crime os que, pela força de sua posição ou autoridade, imprimem no cérebro da infância hábitos perniciosos, seja no domínio moral seja no físico. (1938,p.3)

Ainda acerca da importância do professor e do exemplo que este deveria transmitir aos alunos, Arthur Ramos, referindo-se ao projeto encaminhado no SOHM, assinalava, na mesma direção que Anísio Teixeira, que nenhuma proposta de renovação da escola teria sucesso, sem a participação desses profissionais e a adesão dos mesmos aos projetos em questão. É possível concluir que Almeida Júnior e Renato Kehl consideravam, do mesmo modo, a centralidade do papel do professor, o que se mostra presente nas cartilhas desses autores.

A higiene possuía um sentido muito mais amplo do que simplesmente aquisição de hábitos salutar, referindo-se também a comportamentos, condutas que se dirigiam à moral, o que revelava uma compreensão de que as doenças não se resumiam apenas ao corpo, mas, também à mente. As famílias das classes populares geralmente eram vistas como desprovidas de conhecimentos racionais, praticantes de condutas desregradas e, por isso, tinham a necessidade de serem disciplinadas, já que a nação tinha que ser salva. Esse projeto de “salvação da nação” se daria através da articulação entre higiene e moral empreendido pelos médicos-higienistas (ROCHA, 2003, p.42). Todos possuíam um papel a ser desempenhado e o professor primário deveria ter em mente que seu procedimento teria que ser exemplo de conduta moral e higiênica irrepreensível.

O bom comportamento era visto como uma das qualidades essenciais para quem almejava o magistério, carreira muitas vezes identificada como “instintivamente” feminina, e que, portanto, deveria ser vista como uma vocação (VIDAL; CARVALHO). Ainda que, nos textos, aparecesse a referência ao “professor”, ou aos “professores”, em termos genéricos, é sabido que, no período em questão as escolas primárias já tinham suas classes regidas, de modo crescente, por mulheres. Nesse sentido, a mulher educadora serviria de exemplo de profissional e de mãe, tornando a escola uma continuidade do lar onde a socialização da criança seria completa.

Ainda sobre a prática da higiene nas escolas, Dr. Almeida Júnior apresenta:

A PRÁTICA DA HIGIENE- Na intimidade da vida escolar, a prática da higiene, por parte do aluno, consegue-se com o auxílio de vários fatores. Ei-los abaixo.

1- **A revista dos alunos.** É instrumento dos mais eficazes. Examine o professor os seus alunos, vendo se as unhas estão aparadas e limpas, as mãos, o rosto, o pescoço, as orelhas, os dentes convenientemente lavados, os cabelos penteados, a roupa e os sapatos asseados...

2- **A revista da escola**-A classe, em conjunto ou dividida em turmas, fará uma espécie de visita de inspetor sanitário à escola. Começará pela sala de aulas, notando o asseio do assoalho, paredes, peitoris das janelas...

3- **A conduta do aluno na escola**-Além dos hábitos maus, que convém extirpar, há os bons hábitos, que na própria escola é possível ir inculcando. Tais são, por exemplo, o de lavar as mãos antes do lanche, o de lavá-las cada vez que o aluno vem da privada... Um excelente hábito que a escola poderia dar é o de escovar os dentes após as refeições.

4- **A balança e o dinamômetro**- Em toda a escola deveria haver uma balança. A balança e o dinamômetro permitem que o aluno se interesse pela sua saúde, acompanhando-a nas suas manifestações concretas: o aumento de peso e da força muscular...

5- **A vida doméstica do aluno**- A indagação discreta e hábil da vida doméstica do aluno é caminho que conduz o professor a conhecer e corrigir os hábitos higiênicos referentes ao sono, ao banho diários, aos dentes, ao regimen alimentar, ao uso do fumo ou do álcool, e muitos outros. (1938, p.3 e 4).

Analisando essa parte da cartilha, a de sua apresentação, onde Almeida Júnior reforça a ideia da prática da higiene como uma constante na vida diária do aluno, é visível a atribuição de funções precisas ao professor, mostradas como essenciais à assimilação pelos alunos das mensagens transmitidas.

Ainda nessa apresentação, o autor assinala a importância da constituição de hábitos, através da orientação do professor, a qual deveria se dar de modo articulado diretamente à apresentação dos saberes da higiene. Por isso, a defesa da função desse tipo de obra na cultura escolar, devendo as mesmas ser incorporadas como cartilhas de leitura, integradas à disciplina de Higiene. O professor deveria ler a cartilha com os alunos, explorá-la, orientando essa leitura e estimulando que os conhecimentos deixassem o campo da palavra para se tornarem atitudes.

**OS CONHECIMENTOS HIGIÊNICOS-** A parte fundamental de educação higiênica já está feita com a implantação de hábitos. Mas o ensino dos princípios de higiene é indispensável, não só para que a criança compreenda a razão de ser dos hábitos que está adquirindo, como também para se tornar capaz de adaptar-se às condições novas e imprevistas da vida prática. Este livrinho não tem a pretensão de ser perfeito. Espera ele, apenas, chamar a atenção para um ramo importantíssimo e pouco cuidado do nosso ensino. (1938, p.3 e p.4)

Figura 26 – Cartilha de higiene, 1938

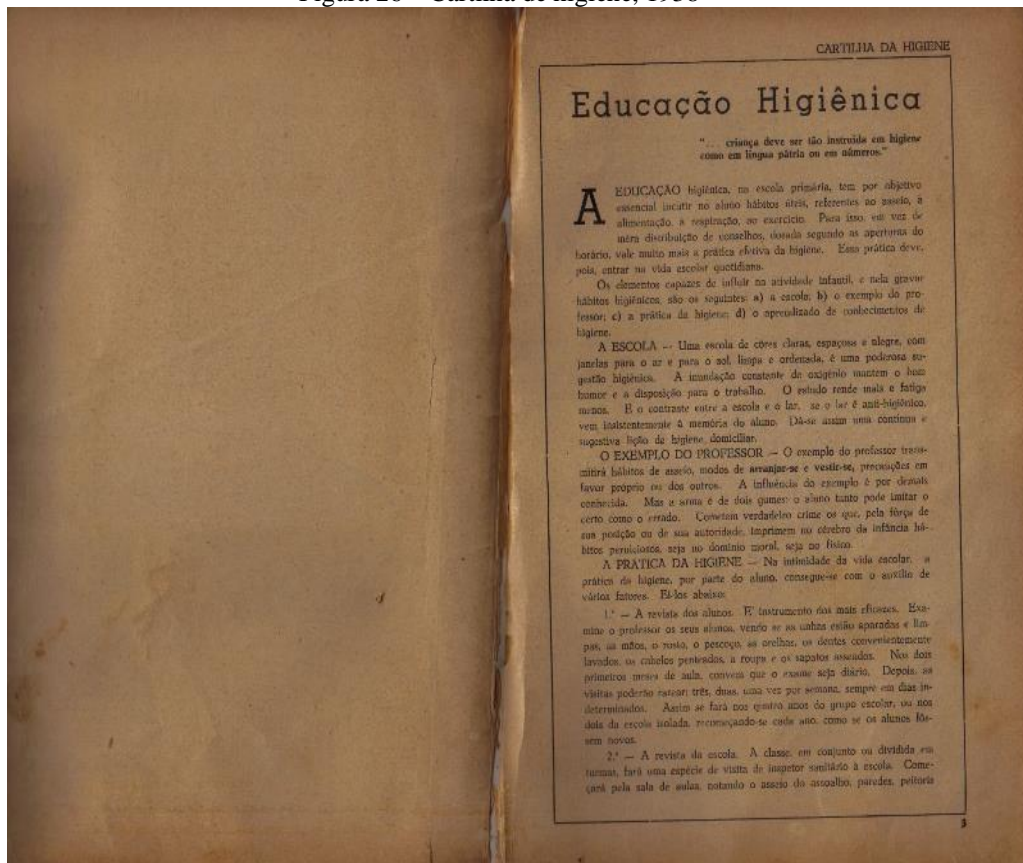
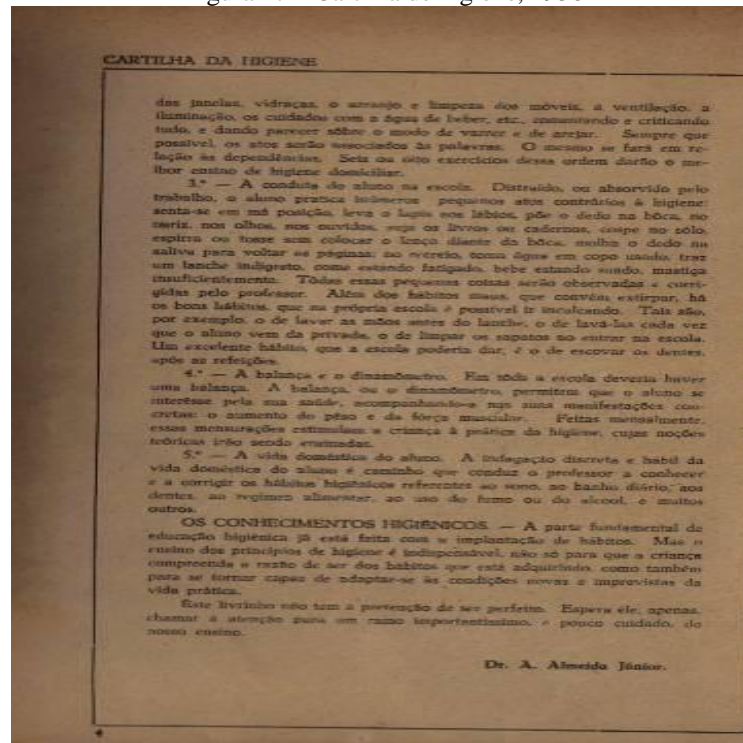


Figura 27 – Cartilha de higiene, 1938



Assim como a cartilha elaborada por Almeida Junior, a obra de Kehl está inserida em um discurso pautado na “regeneração” da nação através da mudança de hábitos vistos como perniciosos e inadequados para a manutenção da saúde. A cartilha de Kehl pretendia, aliar o aprendizado das letras com o aprendizado da higiene. Através da alfabetização, as crianças poderiam ao mesmo tempo adquirir conhecimentos da escrita e serem instruídas em higiene. De A a Z os pequenos educandos aprenderiam como conquistar uma vida sadia e feliz. As lições surgem como ensinamentos para a felicidade.

Na apresentação do livro, o autor se dirige aos professores, expõe os objetivos que norteiam seu trabalho, apresentando seu livro como um instrumento a ser usado pelos mestres, “Ofereço-a ao professorado primário como guia para o ensino sugestivo e persuasivo de noções elementares condizentes com a preservação da saúde” (KEHL, 1936, n.p)

Snrs. Professores

Eis, enfim, a prometida “Cartilha de Higiene”, que por vezes me foi solicitada como introdução ao 1º livro de higiene (Fada Higia), atualmente refundida e em via de 5ª edição.

Ofereço-a ao professorado primário como guia para o ensino sugestivo e persuasivo de noções elementares condizentes com a preservação da saúde.

A formação de bons hábitos, como é do consenso pedagógico, deve ser iniciada desde a primeira infância, e para alcançar resultados ótimos, é mister que a educação tenha em vista a tendência natural de as crianças se interessarem pelo que lhes agrada e de melhor aceitarem o que compreendem.

As páginas do livro apresentam por isto, muitas figuras, entremeadas de preceitos claros, curtos e incisivos, a fim de que os senhores mestres delas se sirvam como motivos para as suas palestras educativas. (KEHL,1936, N.P)

É interessante observar que o autor começa a sua obra indicando que a mesma destina-se tanto a sugerir e persuadir seu leitor quanto ao ensino da preservação da saúde. Sugerir, pois as lições aparecem como conselhos para se obter uma melhor qualidade de vida e persuadir, pois somente através das sugestões higiênicas os leitores poderiam alcançar uma vida saudável e, portanto, feliz. O professor surge como o mediador da relação entre a obra e o leitor.

Como foi assinalado anteriormente, a cartilha de Kehl, conforme palavras do próprio autor, poderia ser vista como uma introdução para outra produção voltada para o público infantil, que foi publicada onze anos antes da *Cartilha de Higiene*. No livro *Fada Hygia* o autor apresenta a obra com um texto dirigido aos professores, mas não apenas a eles, já que também se dirige às mães. Na epígrafe intitulada “Algumas palavras”, Kehl enfatiza a importância do ensino em higiene e a necessidade de a escola abraçar essa causa.

Algumas palavras...

Às mães

Aos professores

A carência do ensino da hygiene nas nossas escolas é um fato, tão sabido, quanto lamentável. Raras, mui raras mesmo, as que apresentam, nos seus programas letivos, essa importantíssima disciplina. Algumas há, que a incluem, apenas a título figurativos. Nisso consiste uma das mais notáveis falhas do nosso sistema educativo. O fim da educação “é preparar-nos para a vida completa, para a vida no sentido lato da palavra” consistindo na cultura do espírito e do corpo, no robustecimento do caráter, na elevação do civismo, bases essas indispensáveis para formar um povo de cidadãos conscientes de seus deveres e gerações futuras de homens equilibrados na espécie. (1925, p. 7)

No trecho destacado acima, Kehl demonstra sua preocupação com a educação sanitária. Para ele, a escola ainda não havia abraçado a causa com o fervor e devoção que, segundo ele, seriam necessários para o futuro da nação. Essa visão nos permite deduzir porque muitos autores, médicos e outros representantes intelectuais da sociedade empreendiam tantas medidas intervencionistas dirigidas às escolas. A crença que “essa importantíssima disciplina” estava deixada de lado impulsionava as campanhas sanitárias no país e as pressões direcionadas para que o governo tomasse medidas que legitimassem o trabalho desses saneadores, incluindo a adoção de suas obras no ensino primário de todo o país.

O livro *Fada Hygia* apresenta a personagem principal como uma fada bondosa, que vivia em um lindo castelo, cercado por ouro, e muitas outras pedras preciosas. Quando a fada decidia sair de seu castelo, encontrava com as criancinhas que, felizes iam ao seu encontro e, no lindo jardim de seu castelo, escutavam atentamente seus ensinamentos. A fada lhes ensinava o que era certo e errado, e seus conselhos deveriam ser ouvidos, pois, segundo o autor apresenta, a mesma só desejava a saúde e a felicidade de todos. O livro é apresentado em duas partes: a primeira apresenta a fada, os seus ensinamentos, crianças saudáveis, outras nem tanto. Focaliza uma família que, depois de ouvir os bons ensinamentos encontra uma forma de viver saudável e feliz. A segunda parte é dividida em tópicos, que assinalavam, no título, o tema a ser abordado: Ar, Água, Alimento, Habitação, Mãe, Asseio do corpo, Exercícios Físicos, Maus Hábitos, Retrato de um teimoso, entre outros. Os temas são os mesmos encontrados na cartilha de Kehl, sendo que, na segunda obra, o autor utiliza o alfabeto para passar seus ensinamentos, cada letra apresentando uma prescrição, por meio do alfabeto da saúde.

*Fada Hygia* também tem nas ilustrações um elemento central que ajuda a reforçar as ideias do autor. A personagem principal da fada é mostrada como uma figura dotada de um semblante doce, amistoso, maternal, e que sugere aproximações de Nossa Senhora, representada com um longo vestido e um manto sobre sua cabeça. Através dessa figura religiosa, pareciam estar sendo sugerida, por sua vez, a aproximação da figura da mãe, já assinalada em sua importância para o projeto médico.

Figura 28 – Fada Hygia, 1925



É notório o uso de vilões e mocinhos nas lições, o álcool, as doenças são os vilões que podem destruir vidas, famílias; a higiene surge como a boa mocinha, a fada, que pode salvar, proteger, manter as crianças e suas famílias felizes e a salvo dos males perniciosos dos maus hábitos. Esse recurso de personagens dotados de heroísmo e vilania é uma característica muito comum nas histórias infantis, e como as cartilhas são voltadas para esse público, não deixou de se mostrar presente.

Vale também lembrar que Kehl era um eugenista engajado que defendia a necessidade de intervenções mais radicais, por parte do governo, na vida da população. Ao trabalhar a questão da higiene, o autor pretendia estabelecer um plano de ação que começaria pela infância. A higiene estaria destinada a orientar os pequeninos, por isso a mesma deveria integrar os programas educativos para criar uma base sólida na mente das crianças, assim, a instrução em higiene deveria se perpetuar na vida dos educandos. Já a eugenia, deveria ser apresentada aos jovens, visando orientar os mesmos com as escolhas dos matrimônios, a fim de evitar casamentos que resultassem em indivíduos dotados de características consideradas degeneradas.

Almeida Jr. e Renato Kehl entendiam ser necessário cercar a infância por todos os lados. Os ensinamentos de higiene prescritos nas cartilhas dialogavam com os espaços onde os pequeninos circulavam, ou seja, com o lar e com a escola. Afinal, como dito anteriormente, a instrução em higiene na primeira infância, se bem executada, produziria sujeitos que levariam esses ideais para toda a vida.

### **3.4 Fuja das doenças! Não queira ser como o Jeca!**

As cartilhas também trazem conselhos acerca de problemas de saúde comuns no período, como foi o caso da ancilostomose, apresentada por Almeida Júnior com o nome popular de “Amarelão”<sup>24</sup>. Mais uma vez, a ação preventiva surge como a mais adequada, pois, seguindo as sugestões médicas contidas nas cartilhas, os pequenos educandos poderiam evitar que sobreviessem sobre si e suas famílias esse mal que comprometeria sua saúde e de todos no entorno. Os cuidados essenciais para se evitar a doença estariam à disposição dos pequenos escolares.

---

<sup>24</sup> A ancilostomose, também conhecida como amarelão, é uma doença parasitária que ataca o aparelho digestivo dos seres humanos e provoca anemia.

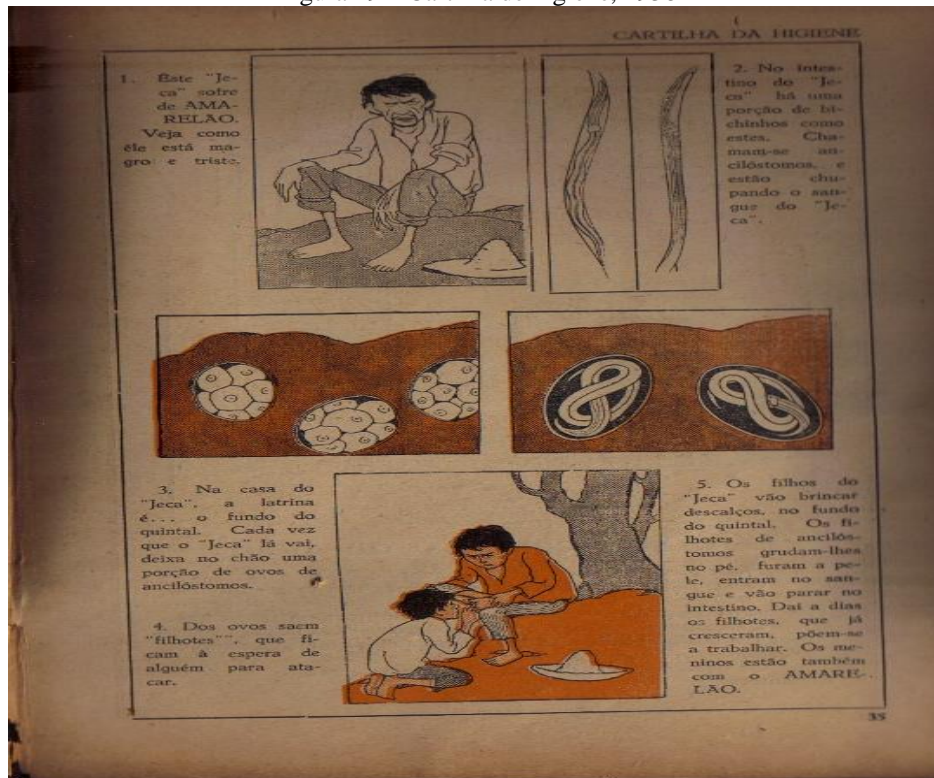
O Jeca, personagem apresentado por Almeida Júnior em sua cartilha, vivia doente, magro, amarelo, com os intestinos tomados por “bichinhos”. O Jeca e seus filhos representavam a família que viveria descuidada e desprezaria os ensinamentos higiênicos. O personagem representava o cidadão considerado desregrado, atrasado e símbolo de uma sociedade que necessitava ser remodelada.

O Jeca também representava o trabalhador rural, que vivia no campo esquecido pelo poder público. Segundo é apresentado na cartilha, vivia entregue às doenças e à preguiça, o que colocava em evidência os riscos que os maus hábitos de higiene traziam ao cidadão. Ainda que o autor responsabilizasse o personagem – assim como os futuros adultos que procurava atingir com suas mensagens - pela situação, parecia também denunciar o descaso do poder público com os cidadãos mais simples. Através desse personagem, o autor buscava alertar seus leitores para a importância da ação preventiva na conservação da saúde, chamando a atenção, também, para o fato de que esse descaso poderia acarretar inúmeros problemas sociais.

Na figura abaixo, o Jeca é ilustrado como doente, vítima do “amarelão” e, devido à sua falta de higiene, faz com que seus filhos também venham a contrair a doença.

- 1-Este “Jeca” sofre de AMARELÃO. Veja como ele está magro e triste.
- 2- No intestino do “Jeca” há uma porção de bichinhos como estes. Chamam-se ancilóstomos e estão chupando o sangue do “Jeca”.
- 3- Na casa do “Jeca” a latrina é... O fundo do quintal. Cada vez que o “Jeca” lá vai deixa no chão uma porção de ovos de ancilóstomos.
- 4- Dos ovos saem “filhotes” que ficam a espera de alguém para atacar.
- 5- Os filhos do “Jeca” vão brincar descalços no fundo do quintal. Os filhotes de ancilóstomos grudam-lhes no pé e furam a pele, entram no sangue e vão parar no intestino. Daí a dias os filhotes, que já cresceram põe-se a trabalhar. Os meninos também estão com AMARELÃO. (1936,p.35)

Figura 29 – Cartilha de higiene, 1938



A ilustração do Jeca e a narração de sua história possuem um tom amedrontador. Sendo este um livro voltado para o público infantil, é interessante notar que o autor busca através de um exemplo ruim, convencer seus leitores a mudarem seus hábitos, tendo em vista que muitos desses leitores poderiam se identificar com a história do Jeca. Os problemas de moradia eram evidentes nas décadas de 1920-30. Muitas famílias moravam em cortiços, muitas delas, com a urbanização e “aformoseamento” das cidades, acabaram sendo obrigadas a construir casas nos morros, locais onde as condições sanitárias eram precárias e, por isso, mesmo a incidência de doenças era consideravelmente grande. Essa cena sugere com clareza o público que foi pensado como destinatário privilegiado das mensagens: a população vista como menos favorecida.

Eram essas pessoas que se visava alcançar, de modo destacado, através das lições das cartilhas. E, nesse viés, os autores continuam suas lições e ilustrações apresentam explicações sobre o amarelão, e outras doenças comuns no período. Sempre com uma linguagem clara e objetiva, as lições surgiam com ilustrações que ajudavam ao leitor a compreender melhor os efeitos nocivos que uma vida pautada nos maus hábitos de higiene poderiam trazer para si e para os demais a sua volta.

As ilustrações abaixo apresentam temas comuns nas duas cartilhas, e que também se mostram presentes nas campanhas sanitárias do período. A cartilha de Almeida Jr. vem

fortemente baseada nas campanhas e propagandas realizadas pelo Instituto de Higiene, de São Paulo. O discurso presente nessas obras é resultado dos movimentos em que seus autores estiveram engajados, expressando o modelo social que se pretendia implantar.

É interessante também observar que o Jeca, de Almeida Junior, parece aludir ao personagem criado por Monteiro Lobato, o Jeca Tatu, apresentado como uma representação do homem do campo, que vivia acometido pela doença, e que, por isso, era amarelo, fraco e preguiçoso, Monteiro, ao entrar em contato com os ideais da higiene e da eugenia, chegou a afirmar “O Jeca não é assim, ele está assim”. Sua fraqueza, feiúra e preguiça seriam resultantes da doença que havia tomado conta do Jeca, e isso se devia ao fato de o personagem desprezar os bons hábitos da higiene e de se encontrar abandonado pelas políticas públicas de saneamento. Da mesma forma, o Jeca de Almeida Junior estava amarelo, fraco, feio, seus filhos estavam indo pelo mesmo caminho, porque o pai não cuidava da saúde de sua casa. O personagem denuncia a falta dos conhecimentos de higiene, mas também, em diálogo com o Jeca Tatu parece sugerir o descaso e abandono do governo em relação a uma grande parcela da sociedade brasileira.

Figura 30 – Cartilha de higiene, 1938



Figura 31 – Cartilha de higiene, 1938



A forma como os autores abordam a questão das doenças traz uma associação aos vilões das histórias infantis. A doença surge como aquela que pode destruir uma família, então é preciso combatê-la. Outra história presente na cartilha de Almeida Jr, que elucida os problemas causados pelos maus hábitos de higiene, intitula-se *Como se fica tuberculoso*, em que o autor faz uso de um tom irônico para descrever atitudes prejudiciais à saúde (ROCHA, 2011). Os hábitos considerados perniciosos, assim como na história anterior, ocupam a ideia central das ilustrações, isto é, não seguir uma rotina saudável, não se alimentar bem, estudar muito e dormir pouco, residir em um ambiente sem ventilação são passíveis de deixar alguém tuberculoso. Em algumas cenas da ilustração, o autor, ironicamente, destaca uma “dica” para se ficar tuberculoso: “Uma vaca tuberculosa. Beba o leite dela sem ferver, se quer ficar tuberculoso”. (. 1938, p.31).

Na lição, é possível observar o esforço do autor em convencer seus leitores a mudarem hábitos e corrigirem vícios, veiculando a mensagem de que sem uma vida saudável não é possível ser feliz. Na lição referente à tuberculose, podem-se observar indícios de que o autor se dirige às famílias das classes menos favorecidas, ou seja, um indicativo das representações feitas sobre a famílias pobres (ROCHA,2011), e alerta para o perigo da situação de muitas pessoas dormirem no mesmo espaço, “Muita gente num quarto sem ar e sem asseio: bom caminho para a tuberculose”( Ibidem.p. 30).

Figura 32 – Cartilha de higiene, 1938



As cartilhas apresentam em suas lições o ponto de vista de seus autores, sua ideologia do que seria ideal para a vida em sociedade. Um sujeito doente, apático não seria capaz de responder às demandas sociais que o novo sistema econômico exigia. Cada morte que se dava na infância representava mão de obra a menos para a nação que estava se constituindo. Cada cidadão que se entregava aos vícios representava um perigo à sociedade que estava pronta para produzir e consumir mais e mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Cartilhas de Higiene analisadas neste trabalho inserem-se em uma série de produções impressas diversas, destinadas aos mesmos fins: instruir, educar, prescrever, conformar. A educação higiênica representava a racionalidade científica nomeando novas formas de conduta e adesão a novos valores. Enxergando na criança o alvo preferencial de suas ações, os autores partiam de uma intervenção dirigida à escola, tendo como intenção produzir efeitos de mudança no lar.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas por diversas ações voltadas para o que se compreendia como a construção da nação em bases modernas, em meio às quais se situaram as reformas educacionais conduzidas em diferentes estados brasileiros. Diversos intelectuais de campos variados do saber científico foram convidados a contribuir para esse esforço e os médicos tiveram destaque nessa empreitada. Entre os inúmeros representantes do campo médico que elegeram a educação como caminho para atingir seus objetivos, situam-se os médicos Antônio Almeida Júnior e Renato Kehl, analisados nesse estudo. Por meio de suas Cartilhas de higiene – que compõem um elemento no quadro das múltiplas estratégias de intervenção conduzidas por esses intelectuais médicos -, procuraram contribuir para a modelação da infância brasileira, tendo como base os mandamentos da higiene.

Os autores se valeram do recurso dos impressos para atingir e formar um público amplo. Livros como *Eugenia e Medicina Social*, (1920), *A cura da fealdade*, (1923), *Fada Hygia*, (1925), *Bíblia da saúde*, (1926), *Lições de eugenia*, (1929), todos de Renato Kehl; *Biologia Educacional* (1931), *A escola pitoresca e outros estudos* (1934), *Elementos de anatomia e fisiologia humanas* (1935); *Lições de Medicina Legal* (1948), *Problemas do ensino superior* (1956) e, a *Escola Primária* (1959), de Almeida Junior, imprimiram na sociedade o pensamento de seus autores. A maioria das obras mencionadas se voltava para o público adulto,<sup>25</sup> para aqueles que iriam agir sobre a vida infantil: pais, médicos e mestres. As cartilhas que analiso neste trabalho expressam a intervenção desses médicos dirigida à infância, partindo da crença partilhada de ser essa a fase ideal para a aquisição de hábitos: “Ora, a infância é a fase da vida mais consentânea à adaptação dos órgãos às funções que se pretende que sejam desempenhadas pelo indivíduo. (GOES apud FARIA FILHO, p.42, 1998).

---

<sup>25</sup> A exceção é o livro *Fada Hygia*, também destinado a um público infantil.

As cartilhas apresentam em suas lições o ponto de vista de seus autores, sua ideologia do que seria ideal para a vida em sociedade. Um sujeito doente, apático não seria capaz de responder às demandas sociais que o novo sistema econômico exigia. Cada morte que se dava na infância representava mão de obra a menos para a nação que estava se constituindo. Cada indivíduo que se entregava aos vícios representava um perigo à sociedade que estava pronta para produzir e consumir mais e mais.

As marcas da escravidão, do atraso, necessitavam ser apagadas, o modo de vida colonial deveria ser totalmente superado, e as atenções deveriam estar dirigidas à formação do cidadão republicano, educado de acordo com os novos moldes sociais e políticos. Essa transformação social só seria possível através da educação, vista como ferramenta que permitiria a mudança. Daí a importância dada por esses intelectuais à instituição escolar e a defesa de um ensino público onde os menos favorecidos pudessem ter acesso ao conhecimento e à educação. E, por isso, na proposta das cartilhas, sua chegada até a criança deveria se dar através da escola. Surge a imagem da escola como o meio pelo qual qualquer indivíduo poderia alcançar êxito. Como Bourdieu (1990) apresenta, em outras palavras, a escola é anunciada como o caminho que poderá levar à “terra prometida”. Através dela os indivíduos poderiam ter novas oportunidades de mudar suas vidas.

Sendo assim, a ação direta sobre a escola visava, através desta, alcançar as famílias brasileiras. A escola, a família e a infância deveriam ser estimuladas a se envolverem com as novidades pedagógicas, devendo ser criada, assim, uma ponte que exterminasse o abismo entre a educação dada pelos pais e a ministrada pela escola. A ideia de construção da nação não se realizaria sem a valorização desses três elementos sociais. O trabalho educativo da escola deveria ser complementado no lar, já que a instituição familiar exercia e exerce uma influência fundamental na vida e na mente das crianças.

Nos quadros do movimento renovador higienista e eugenista, a compreensão era a de que a realidade das famílias e os problemas que as acometessem repercutiriam na sociedade como um todo. Acreditava-se que um lar onde reinava a falta de higiene representava um ambiente propício a doença e à loucura. Um indivíduo doente poderia contaminar outros indivíduos e assim dar início a uma epidemia. Um “beberrão” destruiria sua família e, conseqüentemente, resultaria em muitos problemas para o meio social em que estava inserido. Um tuberculoso, ou um portador do “amarelão” não poderia servir de forma útil à sua pátria, pelo contrário, seria um agente do caos. Traria prejuízos e colocaria em risco todos a sua volta, pois seria uma fonte de doenças. Sua má alimentação, seus hábitos desregrados impediriam que outros indivíduos que viviam a seu lado pudessem progredir. Daí a

necessidade de se intervir desde cedo na vida da população. Outro ponto a ser destacado repousa sobre a visão destes autores, e de muitos outros educadores do período, sobre o modo de vida das classes populares. Em muitos momentos, sugere-se que bastava se ter “boa vontade” para se ter uma vida saudável. Um exemplo é a lição da cartilha de Almeida Junior que apresenta o Jeca. A falta de asseio do personagem é exaltada, mas condições precárias em que ele vive não. A denúncia sobre o descaso frequentemente observado nas políticas públicas no que se refere à vida dos pobres não é feita.

A beleza, a felicidade, a força e a saúde eram entendidas como consequências de uma vida pautada pela obediência dos mandamentos higiênicos (ROCHA, 2011). Por outro lado, a mensagem transmitida era de que quem desprezasse esses ensinamentos acabaria por sofrer com as doenças e correria o risco de se tornar um indivíduo improdutivo para sua sociedade. Nas duas cartilhas, a todo o momento é possível observar que os autores fazem uso de comparações entre os modos de vida; o que é considerado correto em oposição ao que é errado; como é a vida, o lar de quem vive higienicamente, comparados à vida do desregrado. É explícita também a intenção dos autores em regular, remodelar o comportamento infantil. Ambas as cartilhas tiveram seu uso destinado às escolas primárias, um indício da intenção dos autores em trabalhar em prol da formação de um sujeito apto para futuramente integrar o mundo do trabalho de forma útil para sua sociedade. Outro ponto a ser destacado é a forma como a felicidade aparece sempre associada à higiene. Quem possui bons hábitos, segue as prescrições das cartilhas, alcança uma vida saudável e, portanto, feliz.

A “regeneração da nação” era entendida como uma missão a ser cumprida por todos os que almejavam construir uma nação forte e moderna. As cartilhas dos médicos Almeida Júnior e Renato Kehl se inserem na produção de obras que possuíam o intuito de intervir não apenas sobre as crianças, mas, também através destas intervir nas famílias, reorganizando o cotidiano destas a fim de pouco a pouco movimentar toda a nação e assim através da associação entre saúde e educação “salvar a pátria”. Livrar o país dos vícios do passado requeria empenho e engajamento de um número expressivo da população. Cada qual deveria saber como desempenhar o seu papel para que a nação fosse fortalecida. O passado deveria ser mantido longe do futuro que se pretendia construir e esse amanhã precisava ser mantido sob controle.

Ao longo dos capítulos, foi apresentado que os autores atuavam no campo da medicina em frentes diferentes, mas comumente associadas uma a outra: a higiene e a eugenia. Se essas palavras, por vezes, podem ser consideradas, equivocadamente, como sinônimas, remetem, em realidade, a abordagens diferentes da formação humana, uma dirigida a hábitos, e a outra,

à formação da espécie. Renato Kehl ficou conhecido por defender de forma árdua a eugenia, atribuindo a essa ciência o único caminho para a regeneração social.

Ao iniciar este estudo, acreditei que, quando me defrontasse com as duas cartilhas, iria encontrar abordagens significativamente diferentes entre os dois. O olhar já viciado sobre o médico Renato Kehl e suas posições radicais sobre os problemas sociais brasileiros, apoiadas na eugenia, me fez pensar que sua *Cartilha de Higiene* estaria carregada dessas marcas. Mas, ao me deparar com as duas obras, pude observar que, pelo contrário, as cartilhas dialogam entre si, seja através do tema central, como dos subtemas. A preocupação com a questão da higiene se mostrava partilhada pelos dois médicos. É claro que Kehl não deixou totalmente de lado os conceitos sobre eugenia, como sinalizam, por exemplo, suas abordagens sobre a beleza física, mencionada através de imagens e de alguns textos relativos à prática de atividades físicas. A beleza era algo comumente presente no trabalho de Kehl. Apesar disso, Kehl não desconsiderava a importância da higiene para a formação do homem, dedicando-se, então, a buscar incutir na primeira infância os valores referentes aos bons hábitos. A higiene, na visão deste, e, de outros intelectuais garantiria um adulto sadio fisicamente e mentalmente.

Outro ponto destacado neste estudo repousa na diferença temporal entre as duas obras, já que a cartilha de Almeida Junior data de 1922, enquanto a de Kehl foi publicada em 1936, ou seja, catorze anos depois. Esse dado indica que a importância do tema da higiene continuava em pauta, sendo visto como necessário, devendo ainda ser explorado nos meios científicos e sociais. No entanto, trabalhando na pesquisa, pude concluir que a cartilha de Renato Kehl, apesar de tratar do mesmo assunto que a obra de Almeida Júnior, não alcançou o mesmo êxito que esta última. Carolina Kinoshita (2013) destaca que a obra de Kehl foi amplamente divulgada pela imprensa, sendo divulgada como uma cartilha dirigida ao ensino da higiene e das primeiras letras e tendo tido seus exemplares enviados para diversos representantes políticos e outros médicos atuantes. Apesar disso, os resultados dessa empreitada de popularização do trabalho, em termos de número de reedições, são visíveis.

A compreensão do êxito menor da cartilha desse médico se baseia na consideração de que a segunda edição da cartilha de Kehl data do ano de 1985. Isto é, enquanto a obra de Almeida Júnior já se encontrava na décima sexta edição em 1938, catorze anos após sua primeira edição, o livro do eugenista só teve sua segunda edição publicada dezenove anos depois da primeira. Acredito que, apesar de Kehl ser um nome conhecido no período, com uma vasta obra no campo médico-educativo, seu livro talvez não tenha obtido o mesmo êxito se comparado ao trabalho do outro autor, e se comparado a outro livro de sua própria autoria, *Fada Hygia*, pelo fato de seus posicionamentos radicais quanto às questões eugênicas, em um

momento em que estes já vinham sendo questionados, poderem captar críticas e estimular enfrentamentos. Assim, mesmo que sua cartilha não contivesse, de modo significativo, essas marcas, a imagem do autor que veio a ser construída nos meios médicos e intelectuais talvez tivesse, no momento da publicação do livro, interferido negativamente em sua popularidade. A visão do autor, tão fortemente marcada por preconceitos raciais, creio eu, pode ter contribuído para que sua cartilha fosse vista com desconfiança. Apesar do conteúdo baseado na higiene preventiva, a associação do autor com as ideias nazistas, pode, assim, ter influenciado a forma como sua vasta obra foi entendida.

Ainda abordando possíveis aproximações e distanciamentos entre os autores, pude refletir sobre essa questão a partir da pesquisa com base em correspondência de Renato Kehl. Entre suas cartas, encontrei uma de Almeida Júnior direcionada a Kehl, agradecendo o recebimento do livro *Pais, médicos e mestres* (1939), de que destaco o trecho:

Li-o todo, de uma assentada, com grande interesse e muito proveito, fiquei muito satisfeito por achar inteira concordância entre a maioria dos preceitos, recomendado pelo distinto amigo, e os que eu próprio divulgo, em minhas aulas e meus livros. Vejo que estou em excelente companhia.

Entretanto, preciso confessar também algumas divergências... Elas não impedem, porém, a minha grande admiração pelo seu magnífico trabalho, que merece ampla disseminação pelo país.

(Correspondência de Almeida Junior a Renato Kehl. São Paulo, sem data Fundo Renato Kehl.DAD-COC)

Essa correspondência entre os autores, apesar de se referir a outra obra de Kehl, demonstra que os mesmos dialogavam entre si, mas não partilhavam inteiramente todas as ideias. Entre esses pontos de distanciamento, parece estar presente o olhar de Kehl, que enfatiza a questão racial em suas análises sobre problemas sociais brasileiros. Por outro lado, sobre a questão da cultura popular, Almeida Júnior, diferentemente daquele, sugere, em sua cartilha, através da importância atribuída ao personagem do Saci-Pererê, a consideração positiva dos elementos culturais que permeavam o imaginário das classes populares. Sobre os problemas brasileiros, Almeida Júnior parece ter seu olhar mais sintonizado com as ideias defendidas por Gilberto Freyre, Roquette Pinto e Arthur Ramos, que não enxergavam a questão racial como fator determinante para os problemas sociais, reforçando, por outro lado, o papel da falta de assistência às classes populares, por parte do governo.

Torna-se importante destacar que essa análise comparativa das abordagens dos dois autores foi trabalhada nesse estudo com limites, demandando, portanto, aprofundamento em outros estudos e pesquisas, para que muitos pontos possam se tornar mais claros. Uma das questões que mereceria ser explorada envolve o fato de que o mesmo autor que faz uso da

cultura popular, para repassar suas ideias, mostrando valorizá-la, também utiliza a imagem do negro, em ilustrações, como aquele que ainda despreza os bons ensinamentos de higiene. Tal representação parece dialogar com o olhar dominante da sociedade daquele período acerca do cidadão pobre e negro.

Por fim, uma reflexão que cabe no momento, de modo preliminar, envolve o fato de que o pensamento de se intervir na sociedade, as intervenções nos modos de vida da população, muitas das quais baseadas nos saberes médicos, presentes durante as décadas de 1920/1930, em certa medida, se perpetuam na contemporaneidade. Ainda nos dias atuais, podemos acompanhar campanhas que se dirigem às famílias - como as de valorização da vida, de combate às drogas, entre outras -, enfatizando a ideia de que a conscientização dos lares produziria efeitos e ganhos para a sociedade como um todo. Nas primeiras décadas do século XXI, ainda podemos concluir que ações educativas encaminhadas na direção das famílias não se extinguiram e poderão futuramente, para outras gerações, serem objetos de estudo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, A. *Cartilha de Higiene*. 16. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938.

\_\_\_\_\_. *A escola pitoresca e outros estudos*. Rio de Janeiro. Ministério de Educação e Cultura. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. (Série XI: Os Grandes Educadores Brasileiros; v. 2)

CARVALHO, Marta Maria Chagas de; TOLEDO, Maria Rita de Almeida. Os sentido da forma: análise material das coleções de Lourenço Filho e Fernando de Azevedo. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Tabora (org.) *Cinco estudos em história e historiografia da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.89-110.

CAMARA, Sonia. *Sob a guarda da infância: a infância minorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Introdução, p. 13-28.

BOTO, Carlota . Aprender a ler entre cartilhas: civilidade, civilização e civismo pelas lentes do livro didático. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 493-511, set/dez. 2004

DAVID, Juliana Vital A. *Pela criança, para a família: a intervenção científica no espaço privado através do Serviço de Ortofrenia e Higiene mental (1934-1939)*. 105 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2012.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil (1917-1945)*. Trad. Claudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Ed. Unesp, 2006. 400p.

D'ÁVILA, Antonio. Um educador brasileiro: Almeida Júnior. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, São Paulo, v. LXIX, p. 51-65, 1971.

DIETZSCH, Mary Júlia: Cartilhas: *Um mundo de personagens sem texto e sem história*. Cadernos de Pesquisa, n. 75, p. 35-44, nov. 1990.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Ensino da escrita e escolarização dos corpos: uma perspectiva histórica. IN: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Modos de ler, formas de escrever: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil*. BH: Autêntica, 1998. p. 29-47.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; GONÇALVES, Irlen Antônio; VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p.139-159, jan./abr.2004.

FARIA, Lina Rodrigues de. Os primeiros anos da reforma sanitária no Brasil e a atuação da Fundação Rockefeller (1915-1920). *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p.109-127, 1995.

GANDINI, Raquel. *Almeida Junior*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010. 147 p. (Educadores).

GOMES, Ângela de Castro. O primeiro governo Vargas: projeto político e educacional. In: MAGALDI, A. M. et al. (Org.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 2003. p. 445-462.

GONDRA, José Gonçalves. *História, Infância e Escolarização*. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2002.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. *Livro objeto de estudo e memória de leitura*. Disponível em: <[http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes\\_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE\\_89.pdf](http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem12/COLE_89.pdf)>. Acesso em: 25 nov. 2012.

HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos Alberto. M. O imaginário moderno no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KEHL, R. *Cartilha de higiene: alfabeto da saúde*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1936.

\_\_\_\_\_. *A fada Hygia: primeiro livro de Higiene*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1925.

\_\_\_\_\_. *Bíblia de Saúde*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1926.

\_\_\_\_\_. *Lições de eugenia*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1929. 313 .

\_\_\_\_\_. *Pais, médicos e mestres*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1939.

KINOSHITA, Carolina Toshie. *Um Dom. Quixote científico a pregar para uma legião de panças: Manuais escolares de higiene à sombra da Eugenia (1923/1936)*. 2013. Dissertação (Mestrado) – UNICAMP, São Paulo, 2013.

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração. A família: santuário ou instituição sitiada?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela Raça, Absolvido pela Medicina: o Brasil Descoberto pelo Movimento Sanitarista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 1996. p. 23-40

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de M. *Lições de casa: discursos pedagógicos destinados a família no Brasil*. Belo Horizonte: Argumentvm, 2007.

MAGALDI, Ana Maria & ALMEIDA, Adir da Luz. Uma aventura para o dia de amanhã: o projeto do Serviço de Ortofrenia e Higiene Mental na Reforma Anísio Teixeira(1930). In: GONÇALVES NETO, Wenceslau; MIGUEL, Maria Elisabeth B.; FERREIRA NETO, Amarílio. *Práticas escolares e processos educativos: currículo, disciplinas e instituições escolares*. Vitória, ES: EDUFES, 2011.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; CUNHA, Maria Teresa Santos. Lições para mães e famílias: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. In: MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C.. *História e educação: dialogando com as fontes*. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2010.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. *Família, escola e civilização: representações e práticas – 1930/1950*. Rio de Janeiro: UERJ/PROCIÊNCIA, 2011. Projeto de Pesquisa.

MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, Escola Nova: Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo. Ed. UNESP, 2009.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização: São Paulo - 1876/1994*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2000.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História dos métodos de alfabetização no Brasil. In: SEMINÁRIO ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO EM DEBATE, 2006. [Anais...]. Brasília, 2006. v.1. p. 1-14.

NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: poesia da ação*. Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Alfabetização, saneamento e regeneração nas iniciativas de difusão da escola primária em São Paulo. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 151-172, maio/ago. 2011.

ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e higienização da infância. *CAD. CEDES*. 2003, v. 23, n. 59, p. 39-56. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622003000100004>>. Acesso em: 2012.

ROSA, Alessandra. *"Quando a Eugenia se distancia do Saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ. 2005

RIZZINI, Irma. *Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção*. Rio de Janeiro: EDUSU, 1993.

SANTOS, Ricardo Augusto dos. *Pau que nasce torto, nunca se endireita! Quem é bom já nasce feito? Esterilização, saneamento e educação; uma leitura do Eugenismo em Renato Kehl( 1917-37)*. 2008. Tese (Doutorado) - Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz, Rio de Janeiro, 2008.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried, *Imagem, Cognição, Semiótica, Mídia*. São Paulo. Iluminuras, 1998.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil. In: FREIRE FILHO, João (org.). *Ser Feliz Hoje: Reflexos sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010

SILVA, José Cláudio Sooma. *Teatros da Modernidade: representações de cidade e escola primária no Rio de Janeiro e em Buenos Aires nos anos 1920*. 2009. Tese (Doutorado) - UERJ. Rio de Janeiro, 2009.

SOUZA, Vanderlei S. de. *Em nome da raça: a propaganda eugênica e as idéias de Renato Kehl nos anos 1910 e 1920*. *Revista de História Regional*, v. 11, n. 2, p. 29-70, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. *História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX. Ensino primário e secundário no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2008.

STAMATTO, M. I.S. Os manuais escolares, o método de alfabetização e de ensino no Brasil (1822 – 1889). In: FERNANDES, Rogério e Adão, Áurea, Adão (orgs.). *Leitura e escrita em Portugal e no Brasil (1500-1970)*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Porto, 1998.

STEPAN, N. L. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 89.

VIDAL, Diana. Culturas e práticas escolares: a escola como objeto de pesquisa. In: *Culturas escolares. Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, século XIX)*. Campinas: Autores Associados, 2005, p.21-66.

VIDAL, Diana Gonçalves; CARVALHO, Marília Pinto. Mulheres e magistério primário: tensões, ambigüidades e deslocamentos. In: VIDAL, Diana Gonçalves e HILSDORF, Maria Lúcia S. (orgs.) *Brasil 500 anos: tópicos em história da educação*. São Paulo, Edusp, 2001, p. 212.